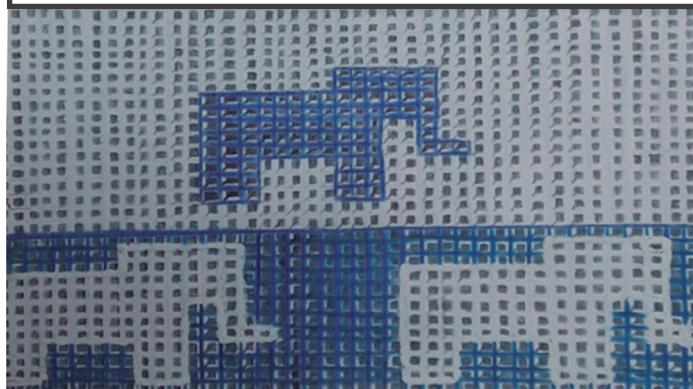


CEMEB

TEMÁTICAS URBANAS

*Coletânea
Interdisciplinar*



BRASÍLIA
2019



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

COPYRIGHT, 2019

CAPA

Desenho: Lorena do Carmo Vargas

Desenho das Letras do Título do Livro: Giovana Rodrigues Werneck

EQUIPE DE ORGANIZAÇÃO

Clara Rosa Cruz Gomes

Maria Zuleide Vieira de Sousa

REVISÃO

Marcos Lopes de Menezes

Roseane Nogueira Rangel

Nívea Rodrigues dos Santos

DIAGRAMAÇÃO

SF ACOMPANHAMENTO EDITORIAL

TÍTULO

Lucas Luz Salustiano

CEMEB- Temáticas Urbanas, Coletânea Interdisciplinar. Brasília/ Clara Rosa Cruz Gomes e Maria Zuleide Vieira de Sousa (organização) – Brasília: Sem editora, 2019.

- 1. Literatura brasileira. 2. Contos e poesias. 3. Dissertações.
- 4. Peças Teatrais. 5. Desenhos Artísticos. 6. Literatura juvenil.

CDU 82-93

Esse livro foi realizado no contexto escolar do Centro de Ensino Médio Elefante Branco, Brasília, DF, durante o ano 2019.



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

**EQUIPE DIRETIVA DO CENTRO EDUCACIONAL
ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO - CEMEB**

Ivan Ferreira de Barros

Fernando Damiano

SUPERVISOR PEDAGÓGICO

Adam Smith Gontijo Brito de Assis

COORDENADORES

Nívea Rodrigues dos Santos

Marcos Antônio da Silva

Jéssica Fernanda Albuquerque

Roseane Nogueira Rangel

PROFESSORES PARTICIPANTES

Marcos Lopes de Menezes, Português

Samuel da Rocha Montenegro, Biologia

Dionísia Maria Oliveira Lopes, Química

Clara Rosa Cruz Gomes, Artes

Carlos Mateus da Costa Castello Branco, Português

Marcello Lucas de Araújo Brito, Artes

Nívea Rodrigues dos Santos, Português

Maria Zuleide Vieira de Sousa, Artes Plásticas - Altas Habilidades

**CENTRO EDUCACIONAL ENSINO MÉDIO
ELEFANTE BRANCO-CEMEB**

Av. W/5 Q. 908 SGAS- CEP: 70390080; Brasília - DF

Telefones: 39017616/ 8300

cemelephantebanco@2gmail.com

www.radiocemeb.com.br



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

ALUNOS PARTICIPANTES

3º ANO

Aleff de Sousa Dias- 3ºA
Ana Beatriz Amaral da Silva-3ºA
Beatriz Gabrielly de Moura Teixeira- 3ºA
Kezia Paiva de Jesus - 3ºA
Letícia Ferreira da Cunha- 3ºA
Maria Clara Santana Ribeiro - 3ºA
Pablo Gabriel Carvalho da Silva - 3ºA
Ruy Tayron Santana Fontenele - 3ºA
Sindy Cavalcante Batista - 3ºA
Yasmin Santana Machado - 3ºA
Amanda Oliveira Carvalho - 3ºB
Anemilson Hélio Franco dos Santos Junior - 3ºB
Gabriel Silva Sousa - 3ºB
Júlio César Sena de Abreu Santos - 3ºB
Matheus Filipe Borges Cedro - 3ºB
Raquel da Silva Costa- 3º B
Kamilla Alves de Oliveira - 3ºC
Leticia de Cássia Rodrigues de Oliveira - 3ºC
Máira Gabriela Paiva Nunes - 3ºC
Tatyane Ferreira Souza - 3ºC
Richard Oliveira Petry - 3ºC
Ariane da Silva Pinheiro - 3ºD
Carlos Henrique Rodrigues Sena - 3ºD
Ana Beatriz Alves Teixeira - 3ºE
Giovanna Amorim de Queiroz Brandão - 3ºE
Luisa Rany de Jesus Silva - 3ºE
Lethícia Sousa Nascimento - 3ºF
Maria Antônia Aun de Barros Alves Silva - 3ºF
Marcus Paulo Prado Rodrigues - 3ºF

2º ANO

Briza Mantzos - 2ºH
Lorena do Carmo Vargas - 2ºH
Pedro Henrique Almeida Boiça - 2ºH
Fábian Sther Cardoso Palmeira - 2ºI
Heloíza Botelho de Souza - 2ºI
Vinícius Gomes de Oliveira - 2ºI
Amanda Souza Alves - 2ºJ
Déborah Vitória Santos Brito - 2ºJ



Gabriela Santos da Costa - 2ºJ
Giovanna Nobrega Campos de Oliveira - 2ºJ
Iarnow Frank Pires Cardoso - 2ºJ
João Pedro Barbosa Rodrigues - 2ºJ
Naíza Keilane Lima Clemente - 2ºJ
Natasha da Silva Cunha - 2ºJ
Ruan Gomes Martins - 2ºJ
Ana Cecília Oliveira Paixão - 2ºK
Cristiano José Dantas de Medeiros Junior - 2ºK
Fabiana Sousa Aguiar - 2ºK
Gabriel Xavier de Melo - 2ºK
João Pedro Medeiros Alves - 2ºK
Kayky Gomes Miranda - 2ºK
Nataly Santos de Sousa - 2ºK
Samuel Rosa Mesquita Gomes - 2ºK
Sara Oliveira Mota da Silva - 2ºK
Caroline Oliveira Velozo - 2ºL
Cleidson Júnio Batista Barros - 2ºL
Flávia Evelin Barbosa Oliveira Torres de Castro - 2ºL
Júlia Vitória Nascimento de Jesus Souza - 2ºL
Larissa de Souza Holanda Pereira - 2ºL
Luiz Phelipe Moreira Ribeiro - 2ºL
Sofia Sousa Cartaxo Salgado - 2ºL
Robert Marley Soares Duarte - 2ºL
Ana Carolina de Souza Freitas - 2ºM
Gideão Carlos do Nascimento Santos - 2ºM
Marcelle Argenta Araújo - 2ºM
Natan Cesário Martins Mendes - 2ºM
Thallianny Kaila Silva da Costa - 2ºM
Vitória Maria da Conceição Bezerra - 2ºM
Catarina Martins dos Reis da Silva - 2ºN
Davi Inácio Pereira - 2ºN
Davi Lima Barbosa - 2ºN
Ingrid Emilly Pastana Damacena - 2ºN
Júlio Cesar Ferreira de Amorim - 2ºN
Lorena Lauany Soares Salheb - 2ºN
Lucas Bizerra Santos - 2ºN
Maria Fernanda Barboza Alves - 2ºN
Thais Nascimento Pereira - 2ºN
Gabriel Albuquerque da Silva - 2ºO
Júlia Silva Sampaio - 2ºO
Luiza Dela Pace Santos - 2ºO
Rebeca Barbosa Medeiros Ramos - 2ºO
Vivian Mel Santana Miranda - 2ºO



1º ANO

Adrielly Medeiros Nunes - 1ºD
Ágape dos Santos Macedo - 1ºG
Jamily Zampiva do Nascimento - 1ºG
João Lucas Reolon Cabral - 1ºA
Marcos Vieira Marinho - 1ºD
Matheus Carvalho da Silva - 1ºE

ALUNOS DA SALA DE RECURSOS, ARTES - ALTAS HABILIDADES

Any Beatriz Marques de Souza, 1º ano Ensino Médio, Escola de origem: CEMEB.
Daniel Neri Rocha, 3º ano Ensino Médio, Escola de origem: Setor Oeste, CENSO.
Daniel Victor Alves Barbosa Farias de Sousa, 2º ano Ensino Médio, Escola de origem: CEMEB.
Emanuelly Carvalho Mendonça, 6º ano Ensino Fundamental, Escola de origem: CEF 01 BSB.
Emillyn Vanessa Oliveira, 8º ano Ensino Fundamental, Escola de origem: Colégio Madre Tereza, Samambaia-DF.
Gabriela Rodrigues de Oliveira, 2º ano Ensino Médio, Escola de origem: Setor Leste.
Giovana Rodrigues Werneck, 8º ANO Ensino Fundamental, Escola de origem: Polivalente.
Gustavo Luz Salustiano, 1º ano Ensino Médio, Escola de origem: Setor Oeste- CENSO.
Gustavo Robert Almeida Silva, 3º ano Ensino Médio, Escola de origem: La Sale.
Helena Luiza de Godoi Voigt, 1º ano Ensino Médio, Escola de origem: Setor Leste.
João Victor Araújo Corado Guedes, 3º ano Ensino Médio, Escola de origem: Setor Oeste, CENSO.
Larissa Ferreira Chaves, 2º ano Ensino Médio, Escola de origem: Setor Leste.
Laura Costa Aires, 2º ano Ensino Médio, Escola de origem: Centro Educacional 04 Sobradinho II.
Lorena do Carmo Vargas, 2º ano Ensino Médio, Escola de origem:CEMEB.
Lucas Luz Salustiano, 1º ano Ensino Médio, Escola de origem: CENSO



Luiza Peruwe Gonzaga, 2º ano Ensino Médio, Escola de origem: CEMEB

Luiza Vieira P. Bendito, 7º ano Ensino Fundamental, Escola de origem: Colégio Projeção, Guará I.

Laura Aires, 1º ano Ensino Médio, Escola de origem: CED 4 Cruzeiro.

Maria Carolina Lopes de Oliveira, 3º ano Ensino Médio, Escola de origem: CEMEB.

Maria Clara Souto Silva, 6º ano Ensino Fundamental, Escola de origem: CEF 05 408 Sul.

Matheus Belarmino da Silva, 8º ano Ensino Fundamental. Escola de origem: CEF 01 do Cruzeiro.

Sheilly Layane Alves Lopes, 2º ano Ensino Médio, Escola de origem: Colégio Militar de Brasília, CMB.

Tales Ibañes Carvalho, 8º ano do Ensino Fundamental, Escola de origem: CEF 410 Norte.

Vitória Miranda Rocha de Freitas, 3º ano Ensino Médio, Escola de origem: CEMEB.

ALUNOS EGRESSOS, HOJE UNIVERSITÁRIOS E QUE NÃO PARARAM DE FREQUENTAR A SALA DE RECURSOS DE ARTE

Arthur Alves Rodrigues, Designer Gráfico – IESB.

Letícia Dias Ramos, Geografia - IFB.

Luthielly Alves Lopes, Bio Tecnologia – UnB.

Rodrigo Vieira, Arquitetura – UnB.

Willian Werner da Silva Neibert Bezerra, Biotecnologia, UnB.

Yasmin Feitosa de Almeida, Perícia Forense e Investigação Criminal – Estácio de Sá



SUMÁRIO

1. PREFÁCIO	15
2. APRESENTAÇÃO	17
3. INTRODUÇÃO	19
4. ILUSTRAÇÕES	21
5. CONTOS	23
O fardo de um homem morto.....	24
<i>Autor:</i> Aleff Sousa Dias	24
A garota que sofria <i>Bullying</i>.....	29
<i>Autora:</i> Ariane da Silva Pinheiro	29
<i>Ilustração:</i> Gustavo Robert Almeida Silva	29
Um rei bondoso.....	35
<i>Autora:</i> Máira Gabriela Paiva Nunes	35
Noite de carnaval	38
<i>Autor:</i> Richard Oliveira Petry	38
Encanto da sereia	40
<i>Autor:</i> Raquel da Silva Costa	40
<i>Ilustração:</i> Sheilly Layane Alves Lopes.....	40
O que a perda nos traz	43
<i>Autora:</i> Amanda Oliveira Carvalho	43
O desaparecimento	46
<i>Autora:</i> Sindy Cavalcante Batista	46

Ilustração: Matheus Berlamino da Silva	46
Nunca é tarde para recomeçar	49
Autora: Kamilla Alves de Oliveira	49
Os dois lados do amor	50
Autora: Letícia Ferreira da Cunha.....	50
Ilustração: Willian Werner da Silva Neibert Bezerra.....	50
A vida é pra se viver.....	54
Autor: Júlio César Sena de Abreu Santos	54
O mistério do trem.....	55
Autor: Ruy Tayron Santana Fontenele	55
Ilustração: Emanuelly Carvalho Mendonça.....	55
O conto da Ana	59
Autora: Giovanna Amorim de Queiroz Brandão	59
Acampamento	62
Autora: Kezia Paiva de Jesus e Gabriel Hudson Santos Aguiar	62
Ilustração: Luiza Vieira P. Bendito.....	62
A oficina de bicicleta.....	67
Autor: Júlio César Sena de Abreu Santos	67
Passado perdido.....	68
Autor: Anemilson Hélio Franco dos Santos Júnior.....	68
As aventuras de Pig	71
Autora: Ana Beatriz Alves Teixeira.....	71
Herança	73
Autor: Pablo Gabriel Carvalho da Silva.....	73
Um vale	76
Autor: Matheus Filipe Borges	76
Ilustração: Vitória Miranda Rocha de Freitas.....	76
Luzes na noite	81
Autor: Gabriel Silva Sousa	81
Amizade sincera	84
Autora: Leticia de Cássia Rodrigues de Oliveira	84
Ilustração: Yasmin Feitosa de Almeida.....	84
De volta à vida	90



Autoras: Ana Beatriz Amaral da Silva, Letícia Ferreira da Cunha, Maria Clara Santana Ribeiro e Yasmin Santana Machado.....	90
Ódio que você semeia.....	96
Autora: Beatriz Gabrielly de Moura Teixeira	96
Ilustração: Larissa Ferreira Chaves	96
A Trilha.....	99
Autor: Carlos Henrique Rodrigues Sena	99
A última batalha	101
Autor: Carlos Henrique Rodrigues Sena	101
Ilustração: Letícia Dias Ramos.....	101
A paz.....	104
Autora: Tatiane Ferreira Souza	104
6. POESIAS	108
Amor não correspondido	109
Autor: Gabriel Albuquerque da Silva	
Professor Mateus Castelo Branco - Português	109
Ilustração: Gabriela Rodrigues de Oliveira	109
Feminicídio	110
Autora: Adrielly Medeiros Nunes.	
Professora Dionísia – Química.....	110
Ilustração: Yasmim Feitosa de Almeida.....	110
Amor falso	112
Autor: João Lucas Redon Cabral	
Professora Dionísia – Química.....	112
Ilustração: Lorena do Carmo Vargas	112
Todos contra o feminicídio	114
Autor: Marcos Vieira Marinho	
Professora Dionísia – Química.....	114
Ilustração: Daniel Victor Alves Barbosa Farias de Sousa.....	114
Não era o destino	116
Autora: Amanda Souza Alves.	
Professor Mateus Castelo Branco, Português	116
Ilustração: Luiza Peruiwe Gonzaga	116



7. PARÓDIAS	118
Canção da realidade.....	119
<i>Autora:</i> Caroline Oliveira Velozo	119
<i>Ilustração:</i> Emillyn Vanessa Oliveira	119
Disparos de ninar	121
<i>Autores:</i> Lorena do Carmo Vargas, Briza Mantzos e Pedro Henrique Almeida Boiça	121
<i>Ilustração:</i> Luthielly Alves Lopes.....	121
Meu pai querido	123
<i>Autores:</i> Déborah Vitória Santos Brito, Iarnow Frank Pires Cardoso, João Pedro Barbosa Rodrigues.....	123
<i>Ilustração:</i> Lorena do Carmo Vargas	123
Canção Candanga	125
<i>Autores:</i> Kayky Gomes Miranda, João Pedro Medeiros Alves, Samuel Rosa Mesquita Gomes, Gabriel Xavier de Melo e Cristiano José Dantas de Medeiros Júnior	125
Minha velha infância	126
<i>Autoras:</i> Thalliany Kaila Silva da Costa	126
<i>Ilustração:</i> Vitória Miranda Rocha de Freitas.....	126
Onde canta o sabiá	128
<i>Autores:</i> Catarina Martins dos Reis da Silva, Lorena Lauany Soares Salheb, Maria Fernanda Barbosa Alves, Ingrid Emilly Pastana Damacena	128
Canção do cativeiro.....	129
<i>Autores:</i> Fábian Sther Cardoso PalmeiraI e Heloíza Botelho de Souza	129
<i>Ilustração:</i> Any Beatriz Marques de Souza	129
8. RESENHAS CRÍTICAS	131
Navios negreiros	132
<i>Autora:</i> Naíza Keilane Lima Clemente.....	132
<i>Ilustração:</i> Rodrigo Vieira	132



Sessão de terapia	134
<i>Autor:</i> Vinícius Gomes de Oliveira	134
Valsa nº6	135
<i>Autora:</i> Briza Mantzos	135
Caco	136
<i>Autora:</i> Ana Cecília Oliveira Paixão	136
Um certo capitão Rodrigo	137
<i>Autor:</i> Gabriel Xavier de Melo	137
<i>Ilustração:</i> Lorena do Carmo Vargas	137
Homem-Formiga inimigo natural	139
<i>Autor:</i> Cleidson Júnio Batista Barros	139
<i>Ilustração:</i> Tales Ibañes Carvalho	139
Eichman em Jerusalém, um relato sobre a banalidade do mal.....	141
<i>Autora:</i> Sofia Sousa Cartaxo Salgado.....	141
<i>Ilustração:</i> Larissa Ferreira Chaves	141
Memórias Póstumas de Brás Cubas.....	143
<i>Autora:</i> Thallianny Kaila Silva da Costa.....	143
Deus não está morto	144
<i>Autor:</i> Davi Inácio Pereira	144
<i>Ilustração:</i> Matheus Belarmino da Silva	144
9. PROJETOS DE LEI	147
Projeto do sr. Cristiano José Dantas de Medeiros Junior	148
<i>Dispõe sobre acompanhamento de autista no trabalho e no ambiente escolar.....</i>	148
<i>Ilustração:</i> Daniel Neri Rocha.....	148
Projeto do sr. Gabriel Xavier de Melo	150
<i>Determina a anulação da cobrança de PIS/COFINS e ICMS sobre combustíveis voltados ao transporte público em escala nacional para redução dos preços de passagens.....</i>	150
Projeto da srª. Nataly Santos de Sousa	152
<i>Determina que haja maior segurança ao estudante durante o percurso da casa para a escola e da escola para casa.</i>	152
<i>Ilustração:</i> Daniel Neri Rocha.....	152



<i>Projeto do sr^a. Sara Oliveira Mota da Silva</i>	154
<i>Determina o uso obrigatório de cinto de segurança nos ônibus públicos.....</i>	154
<i>Ilustração:</i> Gustavo Luz Salustiano	154
<i>Projeto do sr^a. Fabiana Sousa Aguiar</i>	157
<i>Dispõe sobre o direito do trabalhador ao descanso.....</i>	157
10. DISSERTAÇÃO	159
Feminicídio	160
<i>Autor:</i> Matheus Carvalho da Silva	160
<i>Ilustração:</i> João Victor Araújo Corado Guedes.....	160
Feminicídio	162
<i>Autor:</i> Ágape dos Santos Macedo.....	162
<i>Ilustração:</i> Arthur Alves Rodrigues	162
Feminicídio no Brasil	164
<i>Autora:</i> Jamily Zampiva do Nascimento.....	164
<i>Ilustração:</i> Daniel Neri Rocha	164
<i>Professor Samuel Montenegro, Biologia.....</i>	166
11. RELATÓRIOS	166
O uso da Genética como ferramenta de segregação racial no Brasil:	167
<i>Ilustração:</i> Maria Carolina Lopes de Oliveira	168
RELATÓRIO I	169
<i>Autora:</i> Luisa Rany de Telles Silva.....	169
RELATÓRIO II.....	170
Autores: Lethícia Sousa Nascimento e Maria Antônia Aun de Barros Alves Silva	170
RELATÓRIO III	171
<i>Autor:</i> Marcus Paulo Prado Rodrigues.....	171
12. PEÇAS TEATRAIS	172
<i>Ilustração:</i> Letícia Dias Ramos.....	172
A INIMIGA DO POVO.....	173
<i>Ilustração:</i> Helena Luiza de Godoi Voight.....	174



A IGREJA DO DIABO	185
CONTOS MACHADIANOS EM MEDIDA POR MEDIDA	192
<i>Ilustração:</i> Laura Costa Aires.....	193
ÚRSULA NO TEMPO DE ÚRSULA	207
<i>Ilustração:</i> Maria Clara Souto Silva.....	208
ÚRSULA NO SÉCULO XXI.....	216
A DESOBEDIÊNCIA CIVIL	222
<i>Ilustração:</i> Gustavo Robert Almeida Silva	223



1. PREFÁCIO

Exercício de liberdade

Dad Squarisi

É animador. Estudantes do ensino médio lançam livro com conteúdo profissional. São textos literários e textos informativos. Ao longo das páginas, oito gêneros se sucedem: contos, poemas, paródias, resenhas críticas, projetos de lei, dissertação, relatórios, peças teatrais.

O primeiro contato fisga o leitor. Narrativa violenta, cheia de suspense e desfecho inesperado, surpreende quem esperava história imatura dos que ensaiam os passos iniciais na arte de contar. O mesmo ocorre com os demais contos e a maioria das produções.

Denúncia social é a tônica. Bullying, feminicídio, álcool, insegurança, depressão, suicídio, desamparo, polícia bandida são a esência temática. As paródias da “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, a concretizam com assustador realismo.

Os versos românticos do poeta maranhense ganham a atualidade urbana brasileira do século 21. “Minha terra tem palmeiras / Onde canta o sabiá”? Não. “Minha terra é uma favela / Onde só tiro canta lá / As aves foram embora / Já não se ouve seu cantar”.

Erra, porém, quem imagina que se navega num mar de pessimismo. Os problemas apontados encontram respostas capazes de trazer a paz. Valores caros à contemporaneidade figuram como solução de conflitos. É o caso do perdão, da solidariedade, da compaixão.

Violência, no caso, não reproduz violência. Ao contrário. Contribui para saídas libertadoras, aptas a fortalecer o indivíduo e a comunidade. Melhor: os personagens assumem os desafios do dia a dia. A resposta está nas mãos de cada um ou do grupo, longe do favor de um grande pai que não tem tempo para eles.

Libertador é também o belo trabalho desenvolvido pela equipe do Cemeb. Ela possibilitou aos estudantes serem poliglotas na própria língua — transitar com desenvoltura da sofisticação literária ao rigor técnico. Abriu-lhes as portas para o exercício da liberdade.

Liberdade é opção. Só é livre quem pode escolher. A pessoa incapaz de eleger entre isto ou aquilo se torna escrava das limitações. Priva-se de usufruir as vantagens da diversidade, que estimula a imaginação com a perspectiva do diferente.

O conceito de língua traz implícita a diversidade. “Língua”, dizem os linguistas, “é um sistema de possibilidades.” Generosa, ela põe à disposição do usuário leque milionário de opções. Mas só se beneficia da riqueza quem as conhece e lhes domina os mistérios.

É como se, ao longo da aprendizagem, a pessoa subisse degraus de uma escada muito alta. Quanto mais próxima do topo, mais ampla a visão, maior a oferta e, claro, mais vastas as possibilidades. Lá em cima, poderá escolher até não escolher.

Cabe à escola conduzir o aluno na aventura da escalada. Ele só chegará ao cume quando dominar a norma culta. Poderá, então, livrar-se da polarização certo/errado e navegar no adequado/inadequado. Como disse Saramago, “não falamos português. Falamos línguas em português”. A moçada do Cemeb serve de prova. Vale a leitura.



2. APRESENTAÇÃO

O Centro de Ensino Médio Elefante Branco – CEMEB –, é uma escola pública de Brasília que atende alunos de todo o Distrito Federal e do Entorno.

O CEMEB integra o cenário cultural e histórico de Brasília, fato que impulsiona de forma especial o anseio de toda comunidade escolar em manter-se como uma instituição exitosa, que incentiva a leitura, a expressão crítica e a qualidade no ensino.

No Programa Político Pedagógico do CEMEB e também no Programa de Ensino Médio Inovador – PROEMI –, no qual a escola está inserida, está presente o Laboratório de Leitura e Produção Textual. Esse Laboratório ressalta que a linguagem, como forma de interação, torna o ensino em sala de aula mais produtivo e auxilia o estudante a desenvolver a competência comunicativa escrita, nas diversas situações de uso que a língua exige. Busca fomentar o gosto pela leitura e pela produção de texto, possibilitando que os estudantes se tornem leitores, escritores reflexivos e críticos. Com esse propósito se quis construir de forma integrada e interdisciplinar com o ensino regular e as Salas de Recursos de Altas Habilidades a coletânea “CEMEB – Temáticas urbanas” no ano de 2019.

É papel do Estado e da escola fornecer ao aluno o instrumental necessário para que ele compreenda as múltiplas e complexas informações do mundo de hoje e para que ele se aproprie do saber e construa seu processo de formação e cidadania. A leitura e a escri-

ta constituem-se prática social por excelência que, além de integrar, propicia a construção de novos saberes.

A coletânea interdisciplinar “CEMEB – Temáticas urbanas” no ano de 2019 parte do resultado desses nossos esforços.

Brasília, 14 de outubro de 2019.
Professor Ivan Ferreira de Barros
Diretor do CEMEB



3. INTRODUÇÃO

A coleção “CEMEB, temáticas urbanas – Coletânea Interdisciplinar” tem como proposta um trabalho interdisciplinar com a participação de professores, coordenação pedagógica e alunos e a parceria da Sala de Recursos de Artes Plásticas de Altas Habilidades/ Superdotação.

A ideia de se fazer essa coletânea surgiu com o relato da professora Clara Rosa de sua experiência na organização da Coleção Literária na Regional de Ensino de São Sebastião ao conhecer a Sala de Recursos de Artes Plásticas de Altas Habilidades e conversar sobre experiências educacionais com a professora Zuleide.

A proposta foi apresentada à equipe diretiva da escola que apoiou a iniciativa informando inclusive que a mesma atendia ao Projeto Político Pedagógico da escola. Esse foi o impulso que precisava para dar prosseguimento ao trabalho. Montou-se uma equipe que escreveu o projeto e foi compartilhado com os professores da escola que apoiaram de forma espontânea. A implementação desse projeto foi motivadora para o prosseguimento do Laboratório de Língua Portuguesa. A coordenadora Rosângela foi uma das idealizadoras do Laboratório de Língua Portuguesa do CEMEB.

A coleção recebeu o nome de CEMEB, Temáticas Urbanas – Coletânea Interdisciplinar. Esta foi dividida em gênero literário escolhido pelos professores participantes: contos, poesias, paródias, resenhas críticas, projetos de leis, dissertações, relatórios e peças

teatrais. Participam professores de diferentes áreas: português, química, biologia, artes e Prática Diversificada – PD. A atividade foi realizada pelas turmas do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio da escola, dos turnos matutino e vespertino no ano de 2019.

Os textos pedagogicamente permitem a nós, professores, refletirmos e aprofundarmos no que pensam, no que sonham, no que sentem nossos alunos pelas suas vivências e experiências cotidianas e também valorizarmos sua criatividade e produções textuais. As temáticas urbanas trazem realidades que alertam, denunciam e provocam reflexões.

É possível realizar um trabalho diversificado envolvendo todos que acreditam que a interação e parceria valorizam e desenvolvem o potencial que cada um traz em si. As participações e colaborações revelaram trabalhos criativos e producentes num contexto educacional de qualidade.

Brasília, 27 de setembro de 2019.
Por Clara Rosa e Zuleide.



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

4. ILUSTRAÇÕES

O trabalho desenvolvido pela Sala de Recursos de Altas Habilidades de Artes Plásticas foi acontecendo após a interação entre a equipe de professores do ensino regular e essa sala. Os textos foram apresentados pela professora da Sala de Recursos aos estudantes. Estes os escolheram pelos títulos e fizerem a leitura individual dos mesmos. A partir da interpretação observada iniciaram as construções de desenhos e pinturas.

A Sala de Recursos de Artes Plásticas do atendimento de Altas Habilidades da Secretaria de Educação- SE, DF, é um espaço constituído por estudantes da educação infantil, ensino fundamental e médio da educação básica: 70% da rede pública e 30% da rede particular que apresentam as características de altas habilidades/superdotação na área de talentos. Esses são indicados e encaminhados pela equipe de intinerância, pelos professores ou pais e/ou responsáveis legais ou pelo próprio discente para o atendimento suplementar na Sala de Recursos.

O atendimento acontece em turno contrário ao ensino regular, individualmente e/ou em grupo. Os estudantes passam pelo período de observação durante o qual são avaliados pelo psicólogo do próprio atendimento e poderão ser efetivados ou não.

Nesta sala de recursos a dinâmica de atendimento estabelece como fator de valorização educacional uma formação na construção do conhecimento, numa relação intensa e permanente com o

fazer artístico, com as técnicas e área de interesse apresentados. O trabalho está elaborado a partir de três ações básicas: apreciar, leitura da imagem da obra de arte, crítica e estética; contextualizar a história da arte, interdisciplinariedade, ou seja, processo que abrange outras áreas de conhecimentos; e a experiência de fazer arte para o domínio da prática artística.

Professora Maria Zuleide Vieira de Sousa
Artes Plásticas - Altas Habilidades



5. CONTOS

O trabalho com os contos em sala de aula foi muito gratificante, pois os alunos sempre dizem que não sabem escrever, que não entendem nada de Português. Este trabalho fez com que eles percebessem que são capazes de muito mais do que eles imaginavam.

A partir da leitura de um conto em sala de aula para inspirá-los, mostrando a estrutura de um conto, a turma começou a trabalhar. Primeiro individualmente e depois algumas produções coletivas.

Esses contos foram produzidos pelos estudantes do 3º ano do ensino médio.

Professora Nívea Rodrigues dos Santos

O fardo de um homem morto

Autor: Aleff Sousa Dias

Em certo universo, numa certa galáxia, em certo sistema solar, em um planeta que apesar de ser comparado como insignificante diante do astro-rei que ele rodeava, ele tinha uma coisa especial: nele havia vida inteligente e um conjunto de indivíduos denominado *Humanidade*.

Dentre os indivíduos que nele vive sempre há várias histórias que podemos contar, história de indivíduos que se destacam nesse meio.

Dia 1 de janeiro de 1940... estava Jonan King do lado de fora de uma sala de “interrogatório” improvisado numa estrutura de concreto que um dia fora um prédio comercial bem movimentado em El Alamein, na África, porém agora era apenas uma estrutura esquecida pelo tempo, quase desmoronando, que estava servindo de base para Jonan e seu esquadrão.

Jonan era o 1º oficial do batalhão alfa do exército inglês, que na época era comandado por Claude Autchinleck. Andava de um lado para o outro, inquieto do lado de fora da sala de “interrogatório”, o barulho de suas botinas do exército que pisavam em escombros do que um dia já foi uma cidade e agora não passavam de ruínas destruídas pela guerra ecoavam pelo local, as medalhas penduradas no peito de sua blusa do exército brilhavam conforme o sol do que poderia ser o sol de uma linda manhã refletia nelas. Fumava um cigarro que estava quase no fim, hábito que só tinha quando estava



muito ansioso. Também, não era para menos: Jonan acabara de descobrir que um de seus homens era um traidor de batalha e do lado de fora do prédio Jonan escutava os gritos do moribundo que os traíra, os gritos do traidor ecoavam pelas ruínas.

– Como ele pode fazer isso – pensava Jonan – com pode trair seu país em plena guerra, como pode trair seus amigos.

Jonan, ainda incomodado com isso, apagou o cigarro que fumava e dirigiu-se para dentro do prédio, para a sala improvisada de interrogatório. Assim que adentrou o recinto Jonan se deparou com o traidor amarrado numa cadeira no centro da sala. As roupas do traidor estavam um trapo e seu rosto completamente ensanguentado... o traidor se recusava a dizer algo. Jonan, tomado pela fúria, se dirigiu ao traidor com passos apertados e firmes, ergueu o punho e acertou um soco bem na cara dele:

– Por que? – Jonan acertou outro soco no traidor – por que traiu seus amigos? – outro soco – seu país? – Jonan o socou de novo – sua família? – Jonan o socava repetidamente até que dois soldados que estavam na sala o seguraram.

– Pára, Jonan, você não pode matá-lo, precisamos saber o que ele disse, precisamos saber as informações que ele tem – disse um dos soldados.

O traidor olhou para Jonan e cuspiu em suas botas, deu um sorriso ensanguentado e cínico e disse:

– Vocês nunca vencerão a guerra! – Jonan então, tomado pela raiva, se soltou dos soldados, puxou seu revolver – que fora presente do seu pai –, uma Molon Labe 1911. Porém, ao invés de atirar Jonan desferiu um golpe com a coronha na cara do traidor tão forte que ele desmaiou. Antes que pudesse dar outro golpe Jonan foi segurado de novo; dessa vez foram necessários seis soldados para segurar Jonan. Contido em sua fúria, Jonan respirou fundo e saiu da sala antes do traidor acordar.

Alguns dias mais tarde o exército inglês obteve a primeira vitória contra os inimigos e conquistaram El Alamein, fazendo uma base no centro da cidade africana. O traidor, ainda vivo, estava sendo mantido na tenda no meio da base como uma forma de conseguir informações e quando não tivesse mais utilidade seria des-



cartado sem mais nem menos; porém ainda tinha muitas informações que o manteriam vivo.... Bem, era isso que o traidor pensava. Jonan, ao saber que o traidor, que antes era parte de seu batalhão, naquele exato momento estava vivo e ainda trazia vergonha para o batalhão inteiro, queria muito tirar satisfações com ele. Então entrou escondido na tenda onde estava sendo mantido o traidor com um sorriso no rosto e disse:

– Parece que você escolheu o lado errado afinal, seu traidor miserável; sua traição não adiantou de nada, saímos vitoriosos da primeira batalha com poucas baixas. Então que tal abrir a boca e dizer por que fez isso?

O traidor então disse:

– Você acha mesmo que eu seria o único do lado deles? Então você é mais ingênuo do que eu pensei... existem mais pessoas que nem eu, pelo menos um em cada batalhão do Exército, alguns com mais patentes que você... quando isso acabar quem vai rir vou ser eu – o traidor então deu gargalhadas de ironia – e quando isso acontecer eu vou atrás da sua família, sua esposa Mary e suas filhas... fiquei sabendo que elas são muito lindas..... você sabe como elas estão agora soldadinho de merda? – Disse o traidor. Jonan, então, tomado pela raiva, bateu no traidor, logo depois sacou seu revólver e, sem pensar duas vezes, atirou

Ao perceber o que tinha feito Jonan fugiu para o aeroporto e pegou o primeiro voo para sua casa nos EUA. Jonan morava perto da floresta, a alguns quilômetros de distância do aeroporto. Ao chegar roubou um carro do estacionamento e dirigiu bem rápido para casa; estava com medo, pois o traidor tinha muitas informações sobre sua família. Jonan temia que o pior tivesse acontecido...

Ao chegar à floresta Jonan desceu do carro e se ajoelhou na frente do que um dia fora sua casa e que agora estava em cinzas... a casa ainda estava pegando fogo, porém não havia pedra sobre pedra. Jonan, em choque pelo que estava vendo, deixou que uma lágrima involuntária escorresse pelo seu rosto, sucedida por outras lágrimas Jonan achou na frente da casa um colar que sua filha havia perdido. De repente Jonan foi cercado por homens com roupa do exército, todos encapuzados e apontando armas para ele; um homem encapuzado apareceu na frente dele e disse:



– Você está nos dando problemas Jonan!

Jonan já ouvira aquela voz antes: era a voz do Comandante Geral do Exército, Claude Autchinleck.

O homem a sua frente então tirou o capuz; era realmente o comandante Autchinleck. Ele então disse:

– O traidor que você matou era meu filho Jonan e agora você vai pagar por isso! Você abandonou o campo de batalha e matou meu filho e por isso sua família morreu. Agora você nunca se esquecerá disso – assim que o comandante disse isso os homens encapuzados começaram a bater em Jonas. O comandante então pegou um pedaço de madeira da casa que ainda pegava fogo e presionou a parte que ardia em chamas contra o rosto de Jonan..... Depois do espancamento Jonan foi jogado num lago ali perto e deixado para morrer....

Jonan não podia acreditar... o Comandante Geral da guerra era um traidor! Não podia acreditar que iria morrer daquele jeito, surrado às margens de um rio. Não podia acreditar acima de tudo que sua família havia morrido. Jonan não queria aceitar aquilo, não podia morrer daquele jeito; porém Jonan não conseguia nem se mexer de tanta dor. Tentando respirar fechou os olhos e soltou o ar de seus pulmões num suspiro longo... Porém não houve mais respiração e Jonan morreu nas margens do lago.

Jonan se viu num lugar totalmente onde não havia nada além de uma porta cheia de imagens e figuras estranhas de diversas formas que ele não conseguia descrever. Acima do centro da porta havia um olho gigante. Ao se aproximar da porta ela se abriu e de dentro dela saiu uma sombra que tinha o formato humanóide. A única coisa que se podia identificar da sombra era um sorriso branco que mostrava vários dentes e se estendia de ponta a ponta da face da sombra. A sombra se aproximou de Jonan e disse:

– Eu me chamo verdade e você morreu Jonan. Todos os que morrem são trazidos a mim antes de seu julgamento para saberem seus pecados e você, meu caro, ah você tem uma lista longa de coisas pelo que será julgado, principalmente seus pecados de guerra... você cometeu muitos Jonan, muitos mesmo. Você achou que



era para seu país? Achou que o que estava fazendo era certo Jonan? Você fez o que achou certo? Todos têm uma verdade Jonan, todos que você matou na guerra tinham um propósito, uma verdade e você será julgado por todos seus pecados. Mas não chegou sua hora ainda.... Então o que você está fazendo aqui tão cedo? Porém agora você não pode mais voltar Jonan ... Então... O que vai ser? Vai ficar aqui esperando seu momento de ser julgado ou será julgado agora?

Jonan, ainda muito confuso, não acreditava que tinha morrido, porém sabia que não podia jamais contrariar a verdade. Então pegou o pouco de coragem que ainda lhe restava e disse:

– Eu... Eu... – Jonan gaguejava – Eu... Eu escolho ser julgado agora.

– Muito bem então Jonan – disse a Verdade – é só caminhar em direção à porta. Assim que você a atravessar você será julgado e irá direto para o lugar que está destinado a ficar. Boa sorte Jonan.

Jonan, sem saber o que o esperava do outro lado, caminhou em direção à porta e sem pensar duas vezes atravessou a porta. Ao chegar do outro lado da porta tudo estava muito quente e Jonan então percebeu que era tarde demais para se arrepender de seus atos na guerra e que nada que fizesse poderia consertar o que ele havia feito na guerra. Jonan pensou que se houvesse outra oportunidade de recomeçar ele faria diferente, ele percebeu que tudo pelo que lutou na guerra não passava de interesse de pessoas que nunca se preocuparam com nada além de poder e que a guerra nunca levaria a humanidade para lugar nenhum a não ser para o desastre. A guerra de que ele participou quase acabou com o mundo... ele sabia que só haveria uma saída para a humanidade.

Então ele aceitou seu destino e se arrependeu de tudo, encheu o peito e antes de ser queimado vivo nas profundezas do inferno ele subiu... pois uma vez que tinha entendido e se arrependido de tudo de todo seu coração, sem nenhuma mágoa ou ressentimento do mundo ele podia então ser levado ao paraíso onde ele vive feliz e rezando pelo destino da humanidade para que um dia percebam que a história só tem fim se as pessoas acharem que são protagonistas e fazem todos parte dessa imperfeita humanidade.



A garota que sofría *Bullying*

Autora: Ariane da Silva Pinheiro

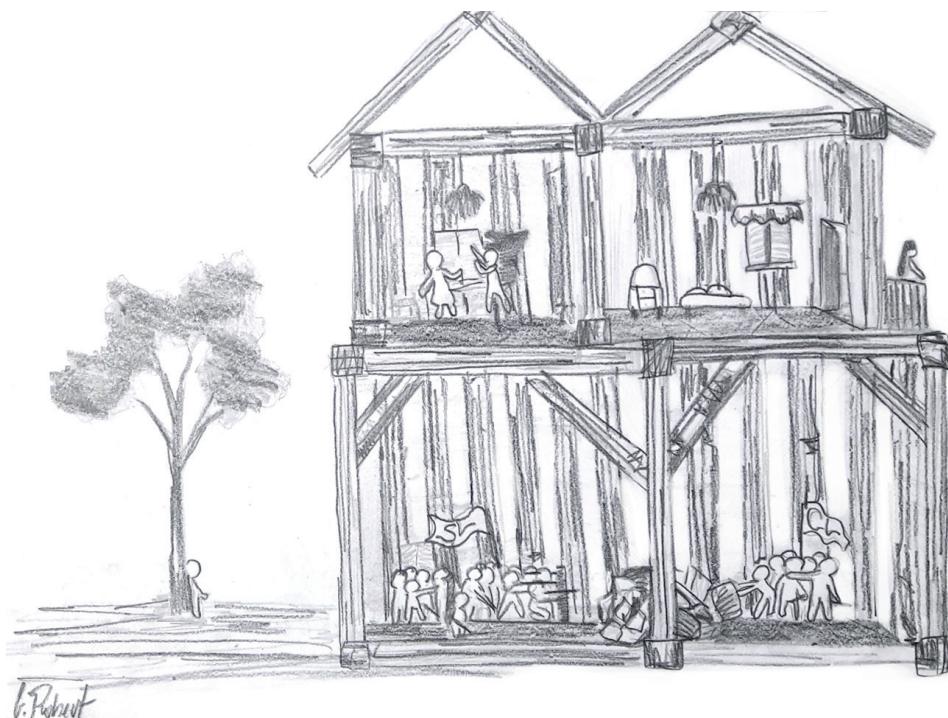


Ilustração:
Gustavo Robert Almeida Silva



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

Parecia ser um ano letivo normal para Alice, uma menina de 15 anos educada e inteligente que acabou de se mudar para a casa da tia, após a morte dos pais.

O professor apresenta Alice à classe e logo ela vira alvo dos engraçadinhos da turma, principalmente da aluna Ana, uma das meninas mais populares da escola e que adora fazer gracinhas de mau gosto com os outros. No intervalo, Alice tenta passar despercebida, pega seu lanche e se senta na mesa mais afastada do resto da turma. Logo chega um garoto chamado Eduardo.

– Posso me sentar aqui com você?

– Pode sim.

Passam o intervalo conversando e descobrem que são vizinhos. Alice conta sobre a morte dos pais, Eduardo tentando consolá-la, fala da morte de um irmão e diz que sabe qual é a dor da perda de alguém que ama. Bate o sinal para voltarem para as salas.

Já no primeiro dia de aula Alice se destaca em Biologia e Matemática. Na hora de ir embora Alice se depara com Ana, que já vai logo dizendo:

– Garota, se eu ver você mais uma vez perto do Eduardo vamos conversar diferente.

Em seguida Ana vai em direção à saída da escola. Alice fica ali parada, sem reação. Eduardo chega perto querendo ajudar Alice mas ela com “medo” de que Ana pudesse fazer alguma coisa com ela, vai para casa sem falar com Eduardo, mas, sem perceber, deixa cair um papel e lá estava seu número de celular. Eduardo pega o papel. Quando Alice chega em casa, vai direto para o quarto. O celular toca, Alice atente.

– Oi, sou eu, Eduardo. Estou ligando para dizer que sinto muito sobre o que aconteceu na escola hoje. Vou me afastar de você para não te prejudicar. Só uma coisa: quero que você fique sabendo: cuidado com a Ana, você não sabe do que ela é capaz. Fique longe dela!

Eduardo termina de falar e desliga o telefone sem ao menos esperar Alice dizer algo.



Logo em seguida, sua tia chega do trabalho.

– Oi meu amor, como foi seu primeiro dia? Gostou da escola?

Alice disfarça.

– Oi tia, meu dia foi legal, a escola é ótima. - Fala Alice com um sorriso.

As duas jantam e vão dormir.

No dia seguinte, na escola, Alice vai até seu armário para pegar seus livros e cadernos. Quando está indo em direção a sua sala esbarra com Ana sem querer. Todo seu material cai e Eduardo chega para ajudar; em seguida sai do local sem dizer uma palavra sequer.

Após lanchar, sem a companhia de ninguém, Alice vai até o banheiro e encontra Ana junto com mais duas amigas. Alice não pensa na possibilidade de Ana fazer alguma coisa, passa por ela de cabeça baixa, fingindo que a Ana nem estava ali, mas Ana a segura pelo braço.

– Me solta!

– Escuta aqui garota, se você não quer me ver, é melhor você vazar, porque aqui nessa escola sou eu quem atrai os olhares de todos; ou vai dizer que você anda de cabeça baixa para se esconder? Pois então pode deixar que eu ajudo você a se esconder.

Ana sai do banheiro com suas amigas e tranca a porta, deixando Alice sozinha e trancada. Alice começa a chorar, sem poder chamar ninguém, pois ninguém iria escutar. Alice fica lá até bater o sinal para voltarem às salas. Então o professor percebe que a Alice não está e Eduardo não pensa duas vezes. Liga para Alice.

– Oi Alice, onde você está? O professor já percebeu que você não está aqui.

– Alguém trancou a porta do banheiro...

Eduardo pede licença ao professor e vai abrir a porta para Alice.

– Quem trancou você aqui?

– Eu não sei, mas é melhor você não falar comigo.



Os dois voltam para a sala. Eduardo estava chocado com o que Alice havia dito.

Já fazia três semanas que Eduardo e Alice não se falavam. Nesse tempo Alice foi agredida física e verbalmente todos os dias. Alice pára de frequentar a escola sem que sua tia soubesse. Como ninguém tinha notícias de Alice o diretor da escola liga para sua tia para saber da garota. A tia, sem acreditar na atitude da sobrinha, vai com ela até a escola para terem uma conversa séria. Alice promete nunca mais fazer isso e volta para escola.

Na frente da tia, Ana vem falar com Alice.

– Oi amiga, quanto tempo a gente não se via. Você sumiu, não deu notícias.

A tia fala:

– Pois é, Alice estava um pouco resfriada, mas já está melhor.

– Poderia ter me avisado, iria fazer uma visitinha para você - fala Ana.

Bate o sinal para todos irem para as salas.

– Adorei conhecê-la, quando quiser é só aparecer lá em casa, Alice está mesmo precisando de mais amigas... – afirma a tia da Alice.

– Claro, qualquer dia eu vou lá. – diz Ana.

Logo Alice e sua tia vão para casa. Alice passou a tarde vendo fotos dos seus pais e chorando, morrendo de saudade deles e falando o quanto está sofrendo na escola nova. Alice acaba caindo no sono e quando acorda já está na hora de se arrumar para ir à escola. Ela se arruma e vai para a escola. Chegando lá, Ana chega perto de Alice e fala baixinho no seu ouvido:

– Já estava com saudades de você Alice, estava mesmo gripadinho ou era medo? – Ana solta uma risadinha – que bom que você voltou.

Alice sai de perto dela, vai rapidamente até seu armário e depois para a porta da sala de aula.

No intervalo, Ana obriga Alice a ir em direção aos fundos da escola, joga Alice no chão e começa a agredí-la com chutes e pe-



dradas. Eduardo, que as havia seguido até o local, presencia tudo, sem poder ajudar a garota. Ana deixa a garota jogada no chão toda ensanguentada e vai embora. Alguns alunos que passavam por ali veem Alice jogada no chão e desacordada. Eles chamam o diretor, que leva a garota para o hospital.

À tarde Eduardo vai até o hospital visitar Alice. Mas quando ele chega, ela está dormindo. Ele segura na sua mão e baixinho ele fala:

– Você vai ficar bem!

Alice começa a acordar e vê Eduardo ao lado dela segurando sua mão. Ela tenta se levantar mais não consegue, pois estava cheia de hematomas que doíam muito. Eduardo fala para ficar quieta e deitada, que ele iria chamar um enfermeiro.

Quando Eduardo saiu, Ana chegou no quarto de Alice e ameaçou a garota falando que se ela contasse para alguém que foi ela quem bateu nela, ela estava morta. Alice ficou morrendo de medo.

Eduardo volta com o enfermeiro e acha Alice estranha, pálida. O enfermeiro disse que ela passaria mais essa noite em observação no hospital e que amanhã de manhã ela receberia alta. O enfermeiro sai e deixa Eduardo conversando com ela. Eduardo afirma saber quem bateu nela e que viu tudo acontecer e iria contar para o diretor. Alice arregala os olhos e fala:

– Não, Eduardo. Por favor, não fala nada com o diretor. Deixa que eu resolvo isso.

– Você tá maluca? Claro que vou falar com ele. Ele precisa saber Alice. Eu sei o que você está passando, pois já passei por isso também e não desejo uma coisa dessas para ninguém. Eu preciso falar com o diretor, aquelas garotas precisam ser expulsas – diz Eduardo.

– Elas vão me matar se você contar para o diretor. Ela me ameaçou Eduardo, por favor, não conta.

– Como assim elas te ameaçaram? Alice, isso não pode ficar assim, isso que você está sofrendo é *bullying*, isso é crime. Elas precisam pagar pelo que fizeram com você. Deixa comigo, eu conto para o diretor super discreto e ele pode dizer que viu pelas câ-



meras de segurança. Alice, confia em mim. Você não pode deixar isso passar sem fazer nada.

– Eu tenho medo, Eduardo. Elas me dão muito medo. Eu sofro *bullying* desde meus 10 anos de idade. Eu tenho medo de apanhar mais e mais e disso nunca acabar - diz Alice chorando.

– Calma! Eu estou aqui com você, eu vou te proteger.

Eles se abraçam e sua tia entra no quarto trazendo uma bandeja de frutas. Sua tia conta para Alice que já sabe tudo que aconteceu, pois Eduardo havia contado tudo para ela. Elas conversam a tarde inteira, enquanto Eduardo vai à escola falar com o diretor. Na mesma hora o diretor chama a mãe da Ana e das suas coleguinhas, conta o que havia acontecido e fala que elas vão ser expulsas. O inspetor da escola vai até a turma da Ana chamá-la e suas amigas e fala que elas vão ser expulsas pelo ato de vandalismo. Logo Eduardo volta para o hospital, mas não diz para Alice que elas foram expulsas. Ele só diz que o diretor está resolvendo o assunto.

Chega o dia seguinte e Alice tem alta do hospital pela manhã e vai para casa com sua tia. Após alguns dias Alice volta para a escola. Ana e suas amigas já haviam sido expulsas. Alice agradece a Eduardo por ele ter falado com o diretor e pede desculpas pelas vezes que ela o ignorou e o tratou mal. Ela diz a ele que Ana a havia ameaçado se não parasse de falar com ele. Ele perdoa e fala que já desconfiava disso, pois Ana era obcecada por ele porque eles foram namorados por um tempo. Eles se abraçam.

Alice tornou-se então a mais popular da escola, não pela inteligência e nem pela beleza, mas sim por servir de exemplo por ter superado essa “brincadeira” e mostrado a todos que para acabar com o sofrimento a única solução é denunciar.



Um rei bondoso

Autora: Máira Gabriela Paiva Nunes

Existia, em um lugar distante, um rei generoso e de coração bom. Estava sempre disposto a ajudar o seu povo. As pessoas desse reino viviam felizes e alegres, pois não sentiam falta de nada. Tudo estava ao seu alcance.

Certo dia estava o bondoso rei a caminhar pelas ruas do seu reino quando, de repente, um homem velho apareceu na sua frente e disse:

- Meu senhor, é verdade tudo o que diz, mas para eu chegar até aqui tive que enfrentar um longo caminho, muitas batalhas e muitas dificuldades, não foi nada fácil.

O velho homem ficou curioso e quis saber quais foram os desafios que o rei tinha enfrentado para transformar o seu reino em um lugar tão maravilhoso.

O rei começou a contar:

- Eu fui homem pobre, muito pobre; quando criança a minha família não tinha nenhuma riqueza e vivíamos a custa do que os outros nos davam. Neste reino havia um rei muito perverso que fazia muitas maldades com as pessoas, gostava de castigar os mais humildes. Mas ele possuía uma linda filha que não era má, mas sim, bondosa.

Certo dia, eu estava passeando por esta mesma rua em que estou agora, ela me viu e disse:



- Menino, qual é o teu sonho?

Eu falei para ela:

- Quando crescer quero me tornar o rei deste lugar, fazer com que todas as pessoas vivam felizes.

A filha do rei falou:

- Você tem razão, meu pai maltrata muito as pessoas deste lugar e eu não gosto do que ele faz, mas sei que um dia aparecerá alguém para tirar esse povo de tal situação.

O menino e a princesa se despediram e não voltaram mais a se encontrar.

Certo dia, houve uma batalha muito violenta neste reino, um enorme gigante tinha invadido este lugar e o rei já estava velho demais para enfrentar tal fera. Então o rei falou:

- Se nesse reino houver um homem corajoso para enfrentar este gigante e derrotá-lo, prometo que darei a mão da minha filha e farei dele rei deste lugar. Então apareceu um rapaz franzino e de baixa estatura. Era quem se tornaria o grande rei desse lugar.

Ele falou:

- Senhor rei, eu vou enfrentar esse gigante e quando vencer quero que me dê tudo o que o senhor prometeu.

O rei concordou, mas não acreditava que aquele rapaz tão magro conseguaria vencer o gigante.

Chegou então a hora do combate. O gigante já estava na praça central do reino, esperando o seu desafiador. O gigante trazia um escudo e uma grande espada.

O rapaz trazia apenas uma baladeira nas mãos. Quando o gigante tentou dar o seu primeiro golpe, o rapaz pulou dois metros para trás e preparou a sua baladeira mirando a pedra bem no meio da testa do gigante. Foi somente um disparo que atingiu em cheio a sua testa. O gigante desabou no chão.

Ficaram todos felizes e o rei declarou aquele rapaz como o novo rei e deu a sua filha como esposa.



- Então essa é a minha história. Veja que, na vida, nada de bom acontece por acaso. Tudo tem um preço a ser pago.

O velho homem ficou muito feliz por ter ouvido essa bela história e se despediu do rei bastante satisfeito.



Noite de carnaval

Autor: Richard Oliveira Petry

Em uma noite. Um rapaz chamado Enzo estava se arrumando para uma festa de Carnaval. Ele chamou um táxi para levá-lo à festa e, entrando no táxi, notou que o motorista tinha um rosto meio perturbador. Notou também que o taxista estava indo por um caminho meio estranho, porém ele não deu a mínima. Chegando ao local, Enzo notou que ali não era a festa de Carnaval, mas desceu do carro; antes do taxista ir embora ele disse a seguinte frase: *cuidado! Aqui é um pouco mais quente que o inferno...* o rapaz riu e agradeceu a preocupação do taxista.

Enzo foi atrás de sua festa, porém no bairro não havia ninguém e estava muito escuro, frio e com uma neblina muito forte.

O rapaz passou meia hora procurando alguma pessoa para pedir informação e nada... até ouvir gritos. Ele foi na direção dos gritos e, chegando lá, achou uma mulher deitada com várias manchas pretas no rosto. Enzo pediu informação e ela falou em um tom muito alto: saia daqui enquanto pode...

Enzo correu em direção à rodovia, mas não passava nenhum carro e ele começou a sangrar em várias partes do corpo, começou a ouvir gritos, sentiu como estivesse pegando fogo e estava agonizando de tanta dor. Ele correu, correu e correu com muita dor e desespero até achar uma carta brilhante no meio da rodovia. A carta era de um garoto que dizia que estava ali já fazia 55 dias e estava desesperado.



Enzo guardou a carta e continuou correndo, agonizando de dor na rodovia durante 6 horas até cair no meio da estrada. Quando acordou estava em sua cama. Ele levantou, desesperado, e achou seu amigo na cozinha e falou tudo o que tinha acontecido; porém seu amigo deu risada e falou que ele chegou na festa e bebeu muito e caiu no chão de tanto beber, Enzo acreditou na história do seu amigo e deram risadas juntos.

Ele foi tomar um banho e quando foi tirar a roupa ele achou a carta brilhante no seu bolso...



Encanto da sereia

Autor: Raquel da Silva Costa



Ilustração:
Sheilly Layane Alves Lopes



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

Existia no fundo do mar uma família de sereias: Ayla, Amélia, Aurora e os pais, Alemão e Sativa.

Estavam em um dia normal no fundo do mar quando Ayla e suas irmãs se preparam para dormir.

- Eu queria tanto ver como é lá em cima, como são os humanos, como é o sol, como é tudo! - diz Ayla maravilhada.

- Você é louca, pare com isso, papai nunca admitirá tal coisa, os humanos não são confiáveis, eles fazem mal pra gente, e você sabe! Tire isso da sua cabeça antes que seja tarde demais - disse uma de suas irmãs, chateada.

Então todas formam dormir, mas Ayla não conseguia tirar isso da cabeça...

Um sonho

Ayla estava nadando feliz como nunca e sorria como sempre. Reinando por direito pensou: “*sou rainha, posso fazer o que eu quiser!*”

Então nadou, nadou e nadou, até que foi chegando até a superfície, e foi ficando maravilhada com tudo o que via, a cor do sol, o calor em seu rosto, e foi ficando mais e mais e querendo sair da água, mas não podia, pois não tinha pernas. Então ela foi numa bruxa do mar, que lhe emprestou pernas e disse pra ela que sempre que ela saísse do mar ela teria pernas; e assim foi feito. Ayla nadou, nadou e nadou até que chegou na superfície e foi pra terra.

No começo não conseguiu andar, até que não desistiu e aprendeu a andar. Então caminhou até achar um lugar para ficar, rapidamente se comunicou com as pessoas e se enturhou rápido, até fez amigos, e com esses amigos, conheceu um rapaz chamado Rick, um rapaz mau caráter que só queria usá-la enquanto ela se apaixonava por ele. Até que uma hora ela revelou o seu segredo a ele...

- Rick tenho que lhe contar uma coisa muito importante.

- Diga meu amor, o que é? Aconteceu algo entre a gente? - pergunta desconfiado.

- Não meu amor, não é nada sobre nós, é sobre mim. Eu sou uma sereia e rainha no mar. Ayla não saberia qual seria a reação



de Rick, mas não estava com medo, mas deveria... Rick não havia contado a ela que era pescador e estava a procura de uma sereia que ele havia visto a tempos atrás.

Então Rick diz:

- Então era você? A sereia que eu vi tempos atrás aqui na costa?
Não acredito, você não sabe como eu ansiava por este dia!

- Não faça nada comigo, por favor! Implorou Ayla.

Mas ele não a ouviu, a pegou pelos cabelos e a foi arrastando para um lugar no qual ele abatia os peixes que ele pescava, pegou uma arma e foi em sua direção para matá-la; mas ela conseguiu correr, e voltou ao fundo do mar, mas não tinha sua majestade e nem sua família, pois também perdeu sua família ao decidir ir para a terra.

Então virou uma sereia sem lar e amargurada, cheia de ódio! Então sempre vagava pelos oceanos atrás de uma presa, que são todos os homens que atravessavam o oceano, para arrastá-los para o fundo do mar e matá-los.

Ayla acordou, assustada, e arrependida de querer subir o mar para ser quem ela não é, e rapidamente tirou essa ideia da cabeça e seguiu sua vida, feliz para sempre.



O que a perda nos traz

Autora: Amanda Oliveira Carvalho

Bom, era fim de outono e enquanto as folhas das árvores caiam ao chão indicando a passagem de estação, recebi a pior notícia da minha vida.

Lembro-me perfeitamente de estarmos tomando café da manhã quando meu pai, colocando o café na xícara, pergunta:

- O que vamos fazer hoje?

E eu sem pensar duas vezes gritei em alto e bom som:

- Vamos ao parque, né, mãe?

O silêncio tomou conta do ambiente enquanto minha mãe e meu pai se olhavam fixamente. Meu pai diz:

- Sim querida, seria ótimo que saíssemos um pouco... vai te fazer bem!

E minha mãe como sempre, negou e relutou, mas por fim aceitou.

Eu só tinha nove anos, não entendia bem as coisas, mas sabia que as coisas não estavam nada bem. Via constantemente minha mãe chorando ou trancada no quarto, sempre triste. E meu pai sempre cuidando dela, sempre tentando tornar tudo o mais alegre possível... Só que isso não bastou.

Eu estava quase pronto para irmos ao parque quando minha mãe me abraçou bem forte e disse o quanto me amava. Ela sempre foi muito carinhosa e gentil, achei totalmente normal. Só que na verdade era uma despedida... ela entrou no banheiro supostamente para tomar seu



banho, só que ela estava demorando muito e de repente a água do banheiro começou a escorrer pela porta... Sim! Ela se matou.

Foi a pior perda que eu poderia ter. E desde então meu pai tentou tornar tudo o mais alegre possível, o que definitivamente me irritava muito, porque eu perdi toda e qualquer emoção. Nada me fazia ficar feliz, ou pelo menos sorrir. Eu sempre fui o mais esquisito da turma, da rua, da família, de tudo a minha volta.

O silêncio era absolutamente ensurdecedor, ele trazia a tona simplesmente tudo que eu presenciei tudo que eu senti naquele dia, tudo que desencadeou na minha vida o acontecido, a minha vontade de descontar o que eu sentia nas pessoas era praticamente incontrolável. Tudo me tornava descontente, eu odiava minha casa, minha vizinhança, meu pai, minha escola. Odiava a minha vida por completo.

Nunca tive amigos ou namorada, sempre fui mais reservado que o normal, mas dessa vez foi diferente, eu não conseguia me entender. Senti-me atraído por uma garota exatamente igual a mim, só podiam ser os hormônios, puberdade, desejo de beijar e descobrir minhas emoções... ela era totalmente antisocial como eu, esquisita, tinha um semblante fechado e ao mesmo tempo eu achava ela linda! Que droga!

Ela era nova na escola, sentou do meu lado na aula de Química e pediu minha ajuda em um exercício que tivemos. Era extremamente ignorante, bruta, gostava de tudo do jeito dela. Mas parecia que queria estar ali comigo, que gostava da minha companhia. E assim foi por dias, meses...

Ficamos e nos apaixonamos, enfim, nos tornamos namorados! Nossa, como ela conseguia me mudar a cada dia que passava, era absolutamente incrível o jeito que nos dávamos tão bem, ela me fez ter emoções diferentes, às vezes fortes demais. Até descobrir o que amores e paixões nos trazem também. Meu coração foi dilacerado ao ver tudo aquilo.

Absolutamente do nada, sem algo que justificasse ela resolveu acabar com tudo. Deixou-me literalmente arrasado! Nossa, como sofri. Mesmo que já tivesse sofrido a dor da perda, foi como se fosse a primeira vez! Respeitei o espaço dela e me distanciei por dias... Mas com a esperança de que voltaríamos.



Eu queria acreditar que ela só não estava bem, que era só uma fase ruim que ela estava passando.

Mas não era bem assim... a verdade era que ela estava interessada em outro, um melhor do que eu! Eu não aguentei ver eles juntos! Meu Deus, como era ruim sentir tudo aquilo. Pensei em fazer mil coisas para separá-los, mas no fim de tudo achei melhor me trancar para o mundo outra vez, antes de sofrer mais perdas.

E minha vida voltou ao normal, vazia outra vez.



O desaparecimento

Autora: *Sindy Cavalcante Batista*



Ilustração:
Matheus Berlamino da Silva



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

Aqui contaremos a história de Fátima Toraide, mais conhecida como Viúva Fátima, pois há exatamente um ano atrás, um ex investigador da polícia chamado Gleidson Silva assassinou o seu marido por causa de um jogo. Fátima tem uma banca, que é o lugar onde passa o maior tempo de seu dia, e quando tem tempo livre é vidente. Ela não tem amigos, vive sempre sozinha após a morte de Marcelo, seu marido. Mora em uma casa simples em um bairro pequeno no Ceará. Convive com a tristeza e o rancor, e isso só vai melhorar quando Gleidson pagar. Há duas semanas atrás, Fátima estava trabalhando em sua banca normalmente, lendo um jornal como costume, e nesse jornal havia uma notícia de que Gleidson Silva estava de volta à cidade. Por um momento, lembranças de seu marido passaram por sua mente, e logo o ódio a consumiu. Só conseguia pensar em vingança... Na manhã seguinte, saiu cedo para trabalhar e percebeu que pessoas cochichavam, até pensou em perguntar o que estava acontecendo, mas desistiu e seguiu para a banca. Ao chegar lá, pegou uma xícara de café e parou para ler o jornal do dia e nele havia uma matéria que falava sobre um sequestro, o que a deixou chocada. O filho de Gleidson tinha sido sequestrado na noite anterior. Por um momento até ficou feliz por saber que naquele momento seu inimigo sentiria a dor que ela sentiu em perder seu marido.

A matéria era sobre um menino chamado Paulo Júnior, tinha apenas 12 anos e era um menino de ouro, valia cada centavo pedido pelos sequestradores.

O dia passou rápido, a cidade estava estranha, um grande silêncio consumia as ruas, o tempo estava nublado. Fátima terminou seu turno na banca e foi para casa. Chegando lá foi se deitar por estar cansada... até que ouviu barulhos de batidas em sua porta e quando a abriu se surpreendeu Era Gleidson!

Pensamentos tomaram conta de sua mente; afinal, por que ele estaria ali? O que ele queria? Como teve coragem de aparecer em sua casa? Gleidson percebeu a sua cara de espanto e perguntou se era ali mesmo que morava a vidente da cidade. Ela disse que sim. Ele não a reconheceu. Então ele perguntou se podia ajudá-lo, disse também que pagaria o quanto fosse necessário, pois precisava achar seu filho. A polícia estava demorando e não estava encontrando, então queria



um método mais rápido. Sem pensar duas vezes, Fátima negou, disse que não tinha como ajudá-lo e bateu a porta.

Fátima passou a madrugada se revirando na cama, sem conseguir dormir, até que ao abrir o olho teve uma visão. O filho de Gleidson estava em uma caverna na floresta, um pouco longe da cidade.

Após ter a visão, Fátima corre procurando o jornal em que viu a reportagem, pois queria o número de Gleidson. Ela liga para ele, que a busca de carro. Então vão à procura da criança com a polícia. Ao chegar no local, a polícia age e consegue resgatar Paulo Junior. Fátima se encantou, pois o menino era mesmo lindo. Ele correu para a abraçar e Gleidson fez o mesmo e então a agradeceu pelo que fez.

Fátima naquele momento parou para pensar e chegou à conclusão de que não precisava guardar rancor. As pessoas merecem perdão e ver o sorriso de um pai e um filho a fez perceber o quanto é bom ajudar e em como eles eram boas pessoas.

Após esse longo dia Fátima voltou à sua rotina diária, mas agora com novos amigos.



Nunca é tarde para recomeçar

Autora: Kamilla Alves de Oliveira

Havia uma garota chamada Isis, que ainda muito nova passou por momento muito difícil de sua vida, onde mal conseguia enxergar chances de ser feliz novamente. Mas com o apoio de sua mãe, ela começou a ter esperanças de novo.

Isis passou por um desafio muito grande, fez coisas as quais não tinha noção do quanto as consequências poderiam ser ruins. Magoou várias pessoas e com isso acabou perdendo a confiança da pessoa mais importante da sua vida, sua mãe.

O que ela não esperava era que sua mãe jamais desistiria dela e que faria de tudo paravê-la bem e feliz. Então as duas caminharam juntas e passaram por todos os desafios e Isis conseguiu se tornar uma pessoa melhor, reconquistando tudo o que achou impossível ter novamente.



Os dois lados do amor

Autora: Letícia Ferreira da Cunha

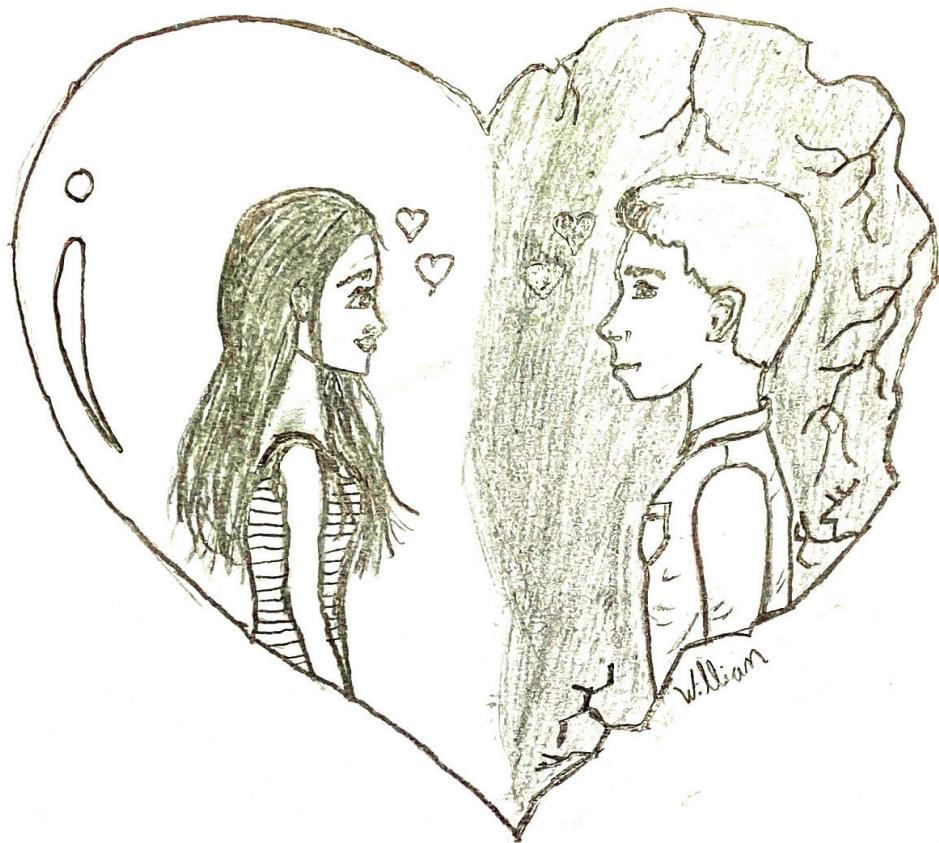


Ilustração:
Willian Werner da Silva Neibert Bezerra



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

Enrico era um jovem homem de cabelos loiros curtos e olhos castanhos claros, um pouco alto e desajeitado, seu olhar passava um pouco de confusão. Enrico tinha vários distúrbios mentais e muitos problemas emocionais, inclusive com relações amorosas, mas seu coração vivia em busca de uma paixão. Foi quando conheceu uma linda moça Laura Petroves em uma reunião na empresa na qual trabalhava; jamais a tinha visto antes e se surpreendeu com tanta beleza. Laura, uma moça linda de olhos claros e cabelos longos e escuros, determinada e focada na sua vida profissional Mas seu coração também estava em busca de uma paixão.

Quando Laura e Enrico chegaram à reunião de imediato seus olhares se encontraram em meio à sala; passaram a reunião inteira trocando olhares e pequenos sorrisos. Assim que a reunião acabou Enrico não podia deixar de ir falar com Laura; então resolveu se apresentar enquanto tomavam um café

- Olá, sabe onde está o açúcar? - Perguntou Enrico a Laura
- Oi, Sim! Está ali do lado - apontou Laura
- Ah, obrigado. Esqueci de me apresentar. Enrico, prazer!
- Prazer, meu nome é Laura.
- Então trabalha há muito tempo aqui Laura?
- Não, entrei na empresa faz pouco tempo.
- Imaginei, uma moça linda dessas eu jamais demoraria tanto para ver (risos)

- (risos) Eu também não iria deixar você passar.
- E o que você acha da gente jantar juntos amanhã Laura? Para não perdemos mais tempo.

(risos)

- Acho ótimo, assim não perderemos mais tempo (risos).

Então Laura e Enrico esperaram ansiosamente pelo jantar marcado. No dia seguinte, como combinado, Laura foi ao encontro de Enrico em um restaurante perto de sua casa, um lugar um pouco despojado, mas romântico e Enrico a recebeu:



- Olá Laura, que bom que veio, estava com medo de não você não vir mais.

- Oi Enrico, claro que iria vir!

- Bom, sente-se então, como você está?

- Estou bem Enrico e você?

- Estava nervoso para sua chegada, mas agora estou bem (risos sem graça)

Então Laura e Enrico conversaram a noite inteira, se conhecendo e se abrindo... ou quase isso... Laura nunca tinha se divertido tanto com alguém como se divertiu com Enrico. Ela já estava apaixonada por ele, mas o que ela não sabia é que Enrico poderia ser uma pessoa perigosa e secreta...

(Após o jantar)

- Então Laura, vamos embora?

- Sim! O que acha de passar na minha casa? Moro aqui do lado

- Bom... Pode ser

Ao chegar na casa de Laura...

- Nossa que casa grande Laura, só mora você aqui?

- (risos) sim, só eu e meus cachorros

- Tá faltando mais alguém pra morar nessa casa, muito grande para só uma pessoa (risos)

- É verdade Enrico, tô à procura dessa pessoa (risos)

- E eu Laura? Não sirvo?

- Ainda estou te avaliando (gargalhadas)

- Espertinha você, mas eu também estou te avaliando (gargalhadas)

Laura e Enrico trocaram gargalhadas o resto da noite inteira, dançaram, brincaram, cantaram, beberam, comeram, assistiram filme e finalmente dormiram, no meio da noite Enrico levantou da cama e começou a andar pela casa de Laura, viu todas suas fotos, seus pertences, deu várias voltas pela casa, trancou seus cachorros em um dos quartos da casa e voltou para cama onde estava Laura,



sentou do seu lado, alisou seus cabelos e seu rosto, cantou para ela uma canção de ninar “ dorme, dorme princesinha, dorme, dorme meu anjinho” e a beijou. Laura acordou e olhou com olhar apaixonante para Enrico e quando ela menos esperava ele a sufocou com um travesseiro e cantou repetidas vezes a mesma canção de ninar até Laura não reagir mais. Enrico a matou aparentemente pelos seus problemas mentais e com relações amorosas; seu medo de amar matou o amor de Laura.



A vida é pra se viver

Autor: Júlio César Sena de Abreu Santos

Era uma vez um menino chamado João que morava somente com sua mãe e seu irmão. João, como o mais novo de sua família, sempre foi o mais mimado pela mãe.

O sonho de João era ser jogador de futebol, porém após um acidente ocorrido em sua escola ele não pode prosseguir com seu sonho. João sempre foi um bom aluno e um ótimo filho, todos seus amigos o amavam ou pelo menos demostravam. Para ele a vida era muito boa e tranquila.

Mas um belo dia sua mãe vai ao médico e descobre que está com uma doença muito séria a que geralmente as pessoas não sobrevivem; nesta hora o mundo de João caiu, ele ficou desesperado na hora da notícia. Então sua mãe coloca a mão em seu ombro e diz: – Eu sei que vou passar por essa, é só mais um desafio da vida. Nesse momento João ficou calmo.

Cerca de um ano depois sua mãe recebe a notícia que está curada do câncer. João ficou muito feliz, saiu com seus amigos bebeu curtiu bastante. Chegando em casa sua mãe olha pra ele e diz: – Meu filho curta a vida porque ela é curta....

Por isso João é uma das pessoas mais gentis e humildes que eu conheço e uma coisa eu sei: ele sabe viver a vida.



O mistério do trem

Autor: Ruy Tayron Santana Fontenele



Ilustração:
Emanuelly Carvalho Mendonça



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

Em uma noite fria e chuvosa parte um trem qualquer para uma viagem longa de 12 horas. Dentre os vários passageiros estavam Rick e Jean, dois amigos que estavam em férias para buscar e emoções para animar a vida. Rick é um administrador que estava farto de sua rotina de trabalho e Jean é um professor que anda exausto por causa de trabalho. Os dois perceberam que ambos estavam fartos da rotina da vida que andavam seguindo e decidiram fazer uma viagem para animar suas vidas simples.

Naquela noite os dois decidiram ir para um vagão que continha uma espécie de bar, queriam beber um pouco para aproveitar a longa viagem... lá eles avistaram uma linda mulher de cabelos pretos usando um lindo vestido vermelho e bastante chamativo; homens que também estavam bebendo no vagão não conseguiam controlar os olhares para a moça, e, obviamente, os dois amigos também se encantaram pela beleza da jovem. Rick virou-se para Jean e disfarçadamente cochichou em seu ouvido:

- Eu acho que ela está olhando para mim, não sei o que fazer.

Jean com um tom de deboche retruca:

- Para você? Está louco? É claro que ela está olhando para mim.

- Mas por via das dúvidas devemos tentar conversar com ela para saber por qual de nós ela está interessada ... qual de nós deveria ir primeiro? Os dois se calaram por um breve instante e começaram a se olhar com expressões de medo e insegurança.

Então Rick falou com uma voz baixa e insegura:

- E ...eu vou primeiro! Jean, aliviado, concorda com a decisão do amigo e fica esperando ele ir conversar com a garota.

Rick caminha em direção a ela vestido com um elegante terno preto mas com uma expressão de nervosismo estampada no rosto; ele finalmente chega na mesa na qual a linda dama está sentada e pergunta o seu nome:

- Com licença, eu estava lhe observando com meu amigo lá de trás e não consegui deixar de te olhar. Me perdoe a grosseria, o meu nome é Rick, se importaria de me dizer o seu? A moça, simpática, sorriu graciosamente e respondeu:

- Me chamo Janice, prazer em conhecê-lo Rick, se quiser pode convidar o seu amigo para se sentar com a gente também, não tem problema algum!



Rick acena para Jean chamando-o para a mesa e então os três se sentam e começam a conversar por horas. Então Jean coloca a mão no bolso de sua jaqueta e tira seu relógio de lá para ver as horas e percebe que seu relógio está quebrado, os ponteiros estavam travados. Ele pergunta as horas para Rick e para sua surpresa o relógio de Rick também estava parado, e ambos os relógios estavam travados em 00:00h.

Rick olha ao redor e percebe que o vagão do metrô está completamente vazio e de repente a expressão de alegria some de seu rosto e é completamente tomada pelo medo... Jean também percebe o clima estranho do local e olha para Rick, incomodado.

Os dois logo percebem que algo não está certo. Então Rick pergunta a Janice:

- Este lugar estava tão vazio assim mesmo?

Ela, com um sorriso malicioso no rosto responde:

- Não sei do que você está falando, estamos a sós o tempo inteiro. Você está com algum problema?

Jean se intromete no meio, e com um pouco nervoso diz:

- Nos desculpe mas está tarde e precisamos ir!

- Ir? Vocês não podem ir a lugar algum! Diz Janice com uma expressão sombria e assustadora.

Os dois, assustados, levantam da mesa e andam em direção à porta do vagão. Quando tentam abrir percebem que está trancada.

- O que está acontecendo? Grita Rick com medo; os dois se viram de volta para a mesa e não conseguem mais ver Janice.

Logo percebem que o que estava acontecendo ali não era normal. Os dois rapidamente são tomados pelo medo, as luzes se apagam e da escuridão surge uma voz feminina com um tom sombrio; era Janice.

- Vocês me pertencem, nunca sairão daqui! Vocês são meus!

Jean, no desespero, chuta a porta do vagão e consegue abri-lo. Então os dois amigos saem correndo pelo trem, gritando; mas algo estava errado, ninguém aparecia para socorrê-los ou sequer para saber o que estava havendo.

Jean abre uma porta do vagão e de repente uma mão agarra seu pescoço e começa a lhe enforcar. Rick tenta ajudá-lo, mas por algum motivo ele não conseguia se mover, só podia ver o seu amigo



ser enforcado até a morte... aos poucos ele via Jean ficando mais fraco e seus olhos fechando... passados alguns segundos. Jean já não se movia mais. Das sombras surge Janice abraçando Rick e surrando em seu ouvido:

- Sua alma me pertence, graças a ela continuarei jovem e bela por mais muitos anos, você será um ótimo lanche. Em seguida ela lhe beija e Rick tem sua alma sendo extraída de seu corpo.

Algum tempo depois aparece a notícia do sumiço dos dois amigos em noticiários e retratam o desaparecimento deles como um grande mistério e dizem que o último lugar em que foram vistos foi na estação de metrô, e ninguém chegou a vê-los embarcando em nenhum trem; também não existem registros que comprovem que os dois realmente chegaram a entrar em algum trem.



O conto da Ana

Autora: Giovanna Amorim de Queiroz Brandão

Em um dia comum, numa cidade comum, no presente século, uma garota comum atravessava o familiar corredor de sua casa em direção ao seu quarto. Celular em mãos. Olhos fixos na tela enquanto rolava o feed do Instagram em um gesto corriqueiro. Retratos de vidas supostamente perfeitas, de pessoas perfeitas em corpos perfeitos passaram diante de seus olhos, um a um. Ana parou apenas para que pudesse abrir a porta do próprio quarto. O velho espelho a contemplou como fazia todas as vezes. Encarou os próprios olhos no reflexo por uma fração de segundo apenas, numa ação inconsciente. A porta fechou-se atrás dela. Então, em um movimento rápido e calculado, seus olhos voltaram para o reflexo. Ana deixou-se fitar longamente. Olhos, nariz, boca, bochechas, pescoço, ombros, braços, barriga, coxas, panturrilhas e pés. E refez o percurso. Ora em ordem contrária, ora na ordem que quisesse. Assim permaneceu até o momento em que sua visão periférica captou um rápido, porém tão sutil, movimento que não podia dizer com exatidão que o tivesse visto; poderia muito bem ser fruto de sua imaginação. Largou-se do espelho, olhou ao redor e tudo estava como sempre esteve: a cômoda, a cama, a escrivaninha, o tapete, o guarda-roupa... exceto por um detalhe. Ana, certamente, não teria notado a sua presença, não fosse pelo momento de sensibilidade anterior. No estreito vão entre a porta e o guarda-roupa, achava-se a criatura mais terrivelmente feia que Ana já vira. Era pequena e mirrada, braços longos de uma forma desproporcional ao corpo,



mãos de dedos e unhas compridas como garras, os olhos eram grandes e sedentos, desesperados, como se implorassem algo a todo momento, a boca era como um enorme instrumento feito para sugar e o mais intrigante. A estranha criatura não parecia sólida, era como que transparente, gasosa. A princípio, Ana sentiu total repulsa à coisa à sua frente, mas não desviou os olhos dos olhos dela ... havia algo neles que a impedia - talvez fosse o desespero que carregavam tão sofregamente - e assim elas se encararam por um período que poderia ter um segundo ou guardar a eternidade. Finalmente, deu as costas à coisa e voltou ao celular, deslocou-se pelo quarto e deixou-se cair na cama. Quando olhou novamente para onde a criatura estivera, não a encontrou ali. Ana levantou-se de súbito, sentindo quase como que uma genuína preocupação; assim que a constatou, um sentimento que lembrava nojo começou a envolvê-la, sendo imediatamente substituído pela negação. Então esquadrinhou o quarto, e lá estava ela, no chão bem à frente de sua cama, contemplando-a. Respirava com mais força, parecia pouco mais que uma fumaça agora, os olhos ainda imploravam vigorosamente a Ana, algo que ela não reconhecia. Ana tentou tocá-la, mas assim como imaginou, ela não possuía uma forma sólida. - Tudo bem, você precisa ir embora agora - Ana tentou, mas nem bem terminou a frase e a coisa começou a se debater freneticamente, a respiração ofegante. Ana, assustada, continuou observando e, quando não demonstrou traços de insistência, a criatura acalmou-se aos poucos. - Você consegue me entender? - Ana perguntou, cautelosa. A criatura não demonstrou qualquer sinal de compreensão, embora os seus olhos parecessem mais profundos e vorazes. Ana conseguia apenas encará-la, sem saber o que fazer. Andou de um lado para outro, sendo assistida pela criatura. Novamente, fez menção de expulsá-la do quarto, menos paciente dessa vez. A criatura se contorceu violentamente, guinchando e arquejando enquanto Ana se dividia entre lutar contra ela e observá-la em uma mescla de pânico, asco e uma quase compaixão doentia. Com a culpa pesando-lhe a consciência, Ana rapidamente buscou acalmar a criatura para que ela não chamassem atenção dos demais moradores da casa. Sentou-se na cama e a criatura a seguiu, permanecendo com ela. Ana fitou aqueles olhos que não pareciam mais tão intimidadores. Não sentia tanta vontade de lutar, sentia-se cansada e, estranhamente, parecia se acostumar àquela presença esmagadora.



dora. A criatura, por sua vez, tinha olhos cada vez menos sofridos, respirava de forma constante e controlada, encarava Ana em um paradoxo onde a ternura, a frieza e a voracidade se misturavam e se fundiam em uma aquarela tenebrosa. Desistindo daquele diálogo mudo, Ana dormiu. Quando dormia a criatura deixava de existir, tinha paz, então ela dormia. Quando acordou, deu de cara com aqueles olhos, a Criatura deitada ao seu lado. - Por que você não vai embora? - Ela perguntou, a voz baixa, sonolenta. Os grandes olhos piscaram para ela, um brilho perigosamente inofensivo. Ana estendeu a mão para tocá-la. E conseguiu. Era sólida agora. Possuía uma forma a qual era possível distinguir. Sentia-se exausta. Uma lágrima silenciosa molhou-lhe a face. - Vai embora - disse Ana com a voz fraca. A Criatura enfureceu-se, toda a falsa ternura deixando os seus olhos. - Vai embora! - Ana repetiu, a voz mais forte dessa vez. A outra levantou-se e avançou para a menina, que se achava indefesa. - Por que você não vai embora?! Me deixa em paz! Vai embora! - A menina gritava e lutava contra aquela criatura horrível, que a todo momento soltava gritos estrangulados igualmente terríveis. - Me deixa! Não! Não! Não! - Ana tentava resistir e travava uma luta cada vez mais violenta com a Criatura - Não! Por favor! Vai - silêncio. Silêncio total. Aqueles a quem Ana era querida chegaram em seu socorro. Olharam ao redor e tudo estava como sempre esteve. Exceto por um detalhe. Ana não estava.



Acampamento

Autora: Kezia Paiva de Jesus e
Gabriel Hudson Santos Aguiar



Ilustração:
Luiza Vieira P. Bendito



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

Tudo começou em Minas Gerais em um acampamento de Hostel que era só mais um dos acampamentos para onde Catarina e Kadmiel viajavam. Eles eram um casal perfeito. Catarina, uma menina ruiva, branca com uma pintinha no rosto e Kadmiel, um homem alto, branco, com cabelo cacheado e os olhos castanhos, pessoas que gostavam muito de viajar, principalmente para esses Hostels, onde se sentiam totalmente calmos. Tudo ia tranquilo como sempre; eles eram profissionais no que faziam, então sempre ficavam tranquilos. Só que um dia Kadmiel saiu e não voltou.

Catarina, preocupada, se perguntou inúmeras vezes onde estaria Kadmiel, até que tomou uma atitude e foi procurá-lo em um lugar onde eles costumavam fazer trilha, um lugar que, parando para observar, era bastante sombrio. Mas mesmo assim ela foi seguindo e seguindo até que, sem querer, escorregou. Na verdade, se sentiu sendo empurrada e caiu de cara no chão, desmaiando. Ao acordar gritou:

- Onde eu estou?!

E a raiva tomou conta, indo embora ao ouvir a voz de Kadmiel, a mesma que dizia todos os dias que a acalmava. Então ela disse:

- Que susto você me deu... O que está fazendo aqui? Que lugar é esse? E...

Ele a olhou, tapou sua boca e disse:

- Calma amor, olha esse lugar!

Catarina então silenciou e olhou aquele lugar lindo que parecia de contos de fadas, onde gnomos faziam suas poções, almas lindas voavam e as cores e energias eram mais vivas. Ela, surpreendida com o tal lugar, fala:

- Kad que lugar é esse? Você...você tá vendo isso que eu tô vendo?

Ele responde:

- Incrível né? Esse lugar, eu não sei... acontecem coisas estranhas de se pensar, como ver seres mágicos, mas é real, eu sei que é real... ou não...

Ao dizer isso, o falar se deixou ir embora e o sentir falou mais alto, se permitiram ao máximo viver aquele momento tão



lindo: eram unicórnios, magos, bruxas, fadas... Era tudo que até aquele momento não existia. Eles começaram a fazer amizades... Kadmiel já tinha algumas por lá devido ao tempo maior de estadia.

Os seres de lá falavam de uma grande ameaça que amedrontava o lugar, diziam todos a mesma coisa: "o medo me consome toda vez que penso em pensar que o medo é real" ... era algo que diziam que não estava ali naquele momento, mas estaria. Mas mesmo com isso as energias daquele lugar eram tão intensas que traziam o sentimento de não ter mesmo nenhuma ameaça por ali, parecia tudo transparente, tudo bom.

Mas Catarina se sentia mal, algo nela doía muito, como se fosse uma perda inexplicável; crescia e crescia, doía aos poucos... até que:

- Catarina? Kadmiel falou ao notar -Você está bem?

Ela pensou e logo respondeu:

- Sim, só algo repentino Kad!

Ele assentiu, mas mesmo assim falou:

- Conta comigo.

E ela assentiu se permitindo novamente aquele momento maravilhoso. Então pôde-se e ver as fadas vindo de longe e dava pra escutar um gnomo falar alto:

- As fadas de querem conversar! Deem ouvidos a elas!

Então o gnomo que estava do seu lado rebateu:

- Para de gritar!

Então os dois gnomos ficaram discutindo e as fadas chegaram mais perto de Catarina e falaram:

- Ah! Você é a Catarina!

Ela então disse:

- Sim, sou eu!

Então as fadas falaram:

- Ouvimos falar muito de você de gerações e gerações de fadas!



E de longe pôde ouvir uma alma brilhante falar:

- Fadas vivem tão pouco...

E logo foi rebatido por um cervo falante:

- Seu insensível...

E as fadas continuaram:

- Vocês podem dormir aqui, esse é um lugar mágico que nenhum humano conhece, só vocês, mas vocês podem ficar aqui; nós conhecemos tudo pelas suas energias. Todos os seres bons podem atravessar esse Portal e vocês são dois seres bons, então podem ficar o tempo que quiserem, mas seria bom que você, Catarina, ficasse; eu aconselho por que o medo é real!

Catarina dormiu lá com toda a curiosidade do mundo.... Qual seria a surpresa? O que deixara todos com tanto medo? Por que recomendaram ela a não sair? E confusa dormiu. No outro dia Kadmiel a confortou, o dia foi longo, cheio de brincadeiras, de momentos bons e boas energias. Desfrutaram de lindos momentos, foram na cachoeira, voaram com as fadas que até se empolgaram penteando os cabelos de Catarina e colocando uma tiara. Kadmiel a olha e diz:

- Esse é o seu sonho né?

Kadmiel a conhecia muito, eles eram casados há muito tempo e eles se amavam muito.

Passavam-se dias e dias até que uma hora Catarina, agoniada, olhou para Kadmiel e falou:

- Vamos embora, já estou com saudade da minha família, dos meus amigos e de tudo da nossa vida!

Então Kadmiel olhou para trás e falou:

- Não! Eu não quero ir embora!

Então Catarina chorou falando:

- Vamos Kadmiel!

E ele gritou, coisa que ele nunca tinha feito:

- Não, eu não quero ir embora!



Catarina ficou sem entender, ficou sem palavras e ela, sensível do jeito que era, desabou na frente dele. Mas mesmo assim ficou e aturou mais meses e meses naquele lugar que era lindo ..., mas se perguntava por que ficar?

Até que um dia ela acordou Kadmiel e não deu escolhas, puxou-o até o portal que ficava no meio do tal lugar; ele não queria ir, mas ela estava decidida e pulou... viu que ele a abandonava...

Então ela voltara para o lugar onde bateu a cabeça e, ao chegar lá, viu que tudo o que tinha acabado de passar era só uma alucinação e que Kadmiel estava lá, morto no meio da floresta. Afinal, aquela população era só a mente dela e o medo de ver essa realidade.



A oficina de bicicleta

Autor: Júlio César Sena de Abreu Santos

Uma vez um menino travesso que mora em uma rua onde todos se conheciam teve uma ideia brilhante.

Ele gostava muito de andar de bicicleta e seus amigos também, mas sempre que tinha um problema com a bicicleta de um de seus amigos não havia ninguém para arrumar. Então, em um ato muito espontâneo, esse menino começou a dizer para todos os amigos que abriu uma oficina de bicicleta.

Passado o tempo estava ele na calçada de casa com algumas ferramentas e com uma bicicleta totalmente desmontada. Seus amigos pensavam que era somente loucura de sua cabeça, mas como ele era teimoso persistiu naquilo.

Um belo dia seu pai chega em casa, vê aquilo e pergunta: – De quem é esta bicicleta desmontada? O menino olha pra um lado e pro outro e diz – é a do senhor pai. - seu pai olha com a cara fechada e diz: – Deixe ela do jeito que você a encontrou.

O menino obedece ao pai e começa a montar, mas só tinha um problema: ele não lembrava como... então foi chorando até seu pai e disse: – Pai, eu não consigo montar. Seu pai olha e começa a sorrir e diz: – Você não tem jeito mesmo hein? - O pai vai até lá fora e começa a ensinar seu filho a montar a bicicleta.

O tempo passou e este menino tem uma das maiores lojas de bicicleta de sua cidade e tudo graças a seu pai que teve paciência e deu inspiração para continuar.



Passado perdido

Autor: Anemilson Hélio Franco dos Santos Júnior

O dia amanheceu mais cinza hoje e, mais uma vez, Mae estava atrasada para o trabalho. Não que ela se importasse. Se levantou preguiçosamente e foi se arrumar; o café da manhã seria o de sempre: pão com café.... Correndo para pegar o trem das 07:30h. Para Mae, todo dia era o mesmo, não importando o que acontecesse, era como se ela estivesse habituada a tudo, mas pelo contrário, ela na verdade só não se importava com nada.

No trabalho, era sempre a mesma rotina: chegar, trabalhar muito, e ir pra casa descansar, tudo monótono como sempre. Esse tipo de coisa fez Mae começar a ignorar a realidade e ficar delirando sobre como seria sua vida caso ela tivesse poderes, ou se ela fosse rica, coisas que ela sabe que nunca aconteceriam. Mas o que ela mais gostava de fazer era chegar em casa e relembrar de sua infância, lembrar do quão bom era ficar correndo com seus amigos, comer a comida de sua mãe, brincar nos campos verdes da vila onde ela nasceu ... tudo isso fazia com que ela se sentisse melhor e dava forças para aguentar sua vida.

Porém, em um fatídico dia, Mae sofreu um acidente em sua casa. Ela escorregou e bateu com sua cabeça, fazendo com que ficasse inconsciente. Para sua sorte, seu amigo de infância Jay a estava visitando naquele dia e ele a levou para o hospital e lá ela ficou internada por 3 meses. Quando acordou, Mae não se lembrava de nada que havia ocorrido nos últimos 20 anos, o que fez com que ela ficasse desesperada.



Após alguns dias ela recebeu alta e voltou direto para casa. Assim que pisou em seu lar, ela lembrou do que ela fazia todas as noites quando chegava do trabalho. Ela caiu no chão e começou a chorar e a se perguntar: “O que eu faço agora? Eu não tenho minhas memórias, como eu irei me reconfortar nesses dias sombrios?”. Ela então decidiu que deveria se lembrar de tudo aquilo para que ela pudesse continuar vivendo.

Primeiro de tudo: Quem era ela? Quem era Mae? Então ela começou: “Mae Crimson, 27 anos, olhos azuis claros, cabelo liso, longo e ruivo, trabalho em uma empresa na área de marketing, meus dias são tediosos e cansativos e eu quase nunca falo com ninguém, meu único amigo é o Jay e mesmo assim a gente quase nunca se fala por causa da distância entre nós. Acordo cedo todos os dias e quase sempre me atraso para trabalhar; minha casa, melhor dizendo, meu apartamento não é grande coisa, uma sala com cozinha americana, um quarto e um banheiro, eu tinha um gato até ano passado, mas ele fugiu e eu nunca mais o vi.” Isso era o que ela se lembrava de si mesma, mas ela sabia que aquilo era o que ela odiava, seu eu atual nunca a satisfazia, por isso ela se lembrava de seu passado.

Mae se viu presa em pensamentos todos os dias. Reclusa dentro de sua casa, ela tentava cada vez mais se lembrar de seus bons tempos, mas enquanto ela não conseguia a cruel realidade continuou a atormentá-la. Contas pra pagar, compras pra fazer... E seu dinheiro acabando. Ela se via cada vez mais presa em sua casa. Ela já não ia trabalhar fazia dias, seu celular contava 40 ligações perdidas do Jay, e a comida estava acabando. Mas ela não desistia de tentar procurar seu passado.

Após várias tentativas, Mae desistiu e foi dormir, crendo que no dia seguinte ela conseguiria. No dia seguinte, Mae não estava deitada em sua cama, a TV estava ligada pois ela esqueceu de desligar na noite passada. Estava passando uma notícia. A repórter estava em frente ao seu prédio, e disse as seguintes palavras: “Hoje, Mae Crimson foi encontrada morta em sua cama, ela estava desnutrida e havia sinais de que ela não descansava faz dias. Um amigo que vivia tentando falar com ela pediu que a polícia fosse ver se ela estava bem, e chegando lá, os policiais se depararam com o corpo morto de Mae...”. Após vários dias tentando se lembrar, no final ela morreu



por causa dessa fascinação. Jay foi quem organizou seu enterro, para que ao menos ela tivesse um lugar para seu descanso eterno, e em sua lápide, ele deixou escrito: “Uma grande amiga que se prendeu ao passado, mas sempre me apoiou e me levou ao futuro”.



As aventuras de Pig

Autora: Ana Beatriz Alves Teixeira

Primeiro quero explicar que Pig tem muita personalidade ora calma, ora estressada. Às vezes é difícil ter paciência com ela.

Pig é o apelido carinhoso que eu dei para minha irmã; ela tem um ronco que parece uma porquinha. É a coisa mais fofa do mundo!

Pig está crescendo muito rápido, parece que foi ontem que ela corria por aí batendo a cabeça em qualquer lugar. Uma vez eu, ela e meu pai fomos para o mercado, eu a coloquei no carrinho e comecei a empurra-la; o carrinho pegou tanta velocidade que ela caiu com todas as compras. Achei que ela ia começar a chorar, mas ela levantou, sorriu e disse:

- Vamos de novo!!

Eu comecei a rir, mas logo meu pai chegou e deu uma tremenda bronca na gente. Pig sempre foi uma menina levada, pois sempre se escondia no armário, o que ela não sabia era que eu sempre soube onde ela estava.

Lá em casa, nos finais de semana, a gente brincava de chá da tarde, fazendo chá, pegando bolos e biscoitos no armário.

Nossos chás da tarde eram uma coisa muito séria, éramos a rainha Elisabeth em pessoa, éramos da mais alta nobreza bebendo chá com o dedinho mindinho para fora. Mas toda vez o chá caía na mesa e o caos estava instalado.



Pig tem cabelo cacheado, com uma covinha na bochecha do lado esquerdo. Você ficaria impressionado com o sorriso dela. Ela é meio cega, por isso usa óculos, que está sempre perdendo ou deixando por ai, depois fica louca procurando e começa a chorar.

Uma coisa que você precisa saber sobre a Pig... ela é muito dramática, ninguém aguenta essa menina quando quer fazer um drama. É uma das coisas que ela adora fazer; a outra é assistir filmes e séries de fantasia como Harry Potter, se você deixar ela fica na frente do computador ou televisão assistindo isso.

Pig era bem porquinha, não era muito chegada a um banho não, mas isso está melhorando com o tempo... eu espero.

Não vou dizer que nossa relação é muito boa, pois estaria mentindo e isso não é o objetivo desse texto. A gente briga muito! Ela me tira a paciência por estar sempre em cima de mim; é que ela me ama muito. “Meu grude” é o seu segundo apelido, pois não seria exagero chamá-la assim, pois compará-la com um chiclete seria bem apropriado. Eu também provoco, admito, sou um pouco chata só para irritá-la, mas o mais importante é que a Pig me faz feliz, me ajuda e nós estaremos sempre juntas.



Herança

Autor: Pablo Gabriel Carvalho da Silva

Hoje eu irei contar como resolvi o meu primeiro caso como detetive. Tudo aconteceu há 3 anos atrás, era dia 23 de agosto de 1988, era uma tarde fria, chuvosa e com trovões; eu estava sentado na poltrona na sala da minha casa, quando a campainha tocou...“Ding Dong”.

Eu me levantei da poltrona e fui em direção à porta e quando a abri havia uma mulher alta, jovem e bonita com um blusão de frio e um guarda-chuva amarelo na mão. Era Junny Blake, uma amiga que eu tive na faculdade.

- Boa noite Black, ou devo te chamar de detetive Black? - Disse ela com um tom de alegria.

- Boa noite Junny! Eu disse – só Black está bom, então o que te traz aqui? -Perguntei.

A expressão da mulher ficou pálida.

- Se lembra dos meus sobrinhos? Os pais deles morreram já faz uma semana e eles deixaram uma herança para eles. Os dois estão muito tristes, mas já estavam superando. Mas na noite passada eu ouvi um grito vindo do quarto da minha sobrinha e um barulho de metal batendo no chão; eu corri para o quarto dela e quando cheguei lá, eu vi uma cena muito chocante: o chão do quarto da minha sobrinha estava cheio de sangue, e no canto do quarto minha sobrinha estava caída no chão com uma faca no peito. Eu chamei meu



sobrinho e ele teve a mesma reação de desespero que eu; nós chamamos a polícia e um policial me mandou aqui para pedir sua ajuda! - Explicou ela – Você poderia me ajudar?

- Sim, claro, vamos ao local do crime!

Eu peguei o meu casaco eu o meu guarda-chuva e fomos em direção à casa dela.

Quando cheguei na casa percebi que o sobrinho dela não estava. Nós subimos as escadas e fomos em direção ao quarto da sobrinha; quando vi as manchas de sangue já deduzi onde foi o local da facada. Percebi que a vítima tinha dado cinco passos para trás e caído no canto esquerdo do quarto. Fui em direção à janela - não tinha sido arrombada e a porta da entrada também não - estava intacta.

- Posso dar uma olhada na casa?

- Claro respondeu ela! – Mas por que olhar o resto da casa se o crime aconteceu aqui?

- Eu quero averiguar uma coisa.

Quando entrei no quarto do sobrinho as janelas estavam intactas, e as do quarto de Junny estavam nas mesmas condições; então não tinha como ninguém de fora da casa ter matado a menina.

Então pensei... a tia não tem motivo para matar a sobrinha, ela a amava e o sobrinho muito menos já que eram irmãos.. Então me lembrei de uma coisa que Junny tinha me dito mais cedo:

- Junny você disse que seus sobrinhos tinham ganhado uma herança dos pais certo?

- Sim! – respondeu Junny .

- Junny, eles tinham algum plano pra esse dinheiro?

- Meu sobrinho queria fazer faculdade, mas mesmo com o dinheiro da herança ele não pode pagá-la. E a minha sobrinha não disse que tinha planos.

- Junny, onde seu sobrinho está?

- Ele foi à faculdade tentar convencer o diretor a dar uma bolsa de 50% para ele. Aí ele usa a metade dele da herança para tentar entrar na faculdade.



- Você pode chamar ele aqui?
- Claro! – Mas por que?
- Para prendê-lo é claro!
- Prendê-lo?
- Sim, foi seu sobrinho que matou sua sobrinha!
- Como você descobriu isso? - Perguntou ela.
- As trancas das portas e das janelas estavam intactas e sua sobrinha foi esfaqueada assim que ela abriu a porta e se não foi você quem mais seria? Só havia você e seu sobrinho em casa ontem e seu sobrinho quer entrar na faculdade, não é? Ele está sem dinheiro, então nada melhor que matar a própria irmã e ficar com o dinheiro todo para si!
- Então o meu sobrinho foi o culpado? Como ele pode?
- Sim foi ele, sinto muito!

Então a polícia foi até a faculdade e prendeu o sobrinho dela. E foi assim que eu resolvi meu primeiro caso como detetive.



Um vale

Autor: Matheus Filipe Borges



Ilustração:
Vitória Miranda Rocha de Freitas



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

Era uma vez um pequeno vale no fim de um reino, chamado Bicfield. Neste vale, todos se conheciam, todos eram amigos e se ajudavam como podiam. Lá existe uma pequena moça que mora ao leste desse vale que é cheia de graça e de beleza, com um sorriso encantador, uns olhos admiráveis. Seu nome é Ariela. Órfã de pais, Ariela mora com o avô e a irmã mais nova desde pequena. Então, as coisas em sua casa começam a ficar difíceis; seu avô adoece e ela precisa urgentemente começar a trabalhar para poder cuidar e dar medicamentos ao seu avô.

Numa manhã ensolarada, Ariela decide ir ao pequeno vale para procurar trabalho e então pede aos seus amigos que moram ao lado de sua casa que cuidem de seu avô e de sua irmã enquanto ela vai procurar trabalho no vale. Quando Ariela chega a Bicfield ela é recebida com muito carinho por conhecidos seus que já moram lá. Mas algo inesperado acontece no seu primeiro dia no vale: soldados do rei invadem o vale e tomam a cidade para eles por conta de uma dívida do dono de Bicfield. O rei mandou prender todos os homens, mulheres e crianças e fez todos de serviçais. Assim que os soldados invadem, Ariela tenta ajudar os moradores a fugir e acaba sendo presa pelos soldados, morrendo de preocupação com seu avô que está doente. Ariela implora para que seja solta e tenta explicar sua situação ao comandante, só que nada adianta; o comandante do exército a ignora e manda os soldados levarem todos ao palácio e prendê-los na masmorra até a ordem do rei. Ao chegar lá, as mulheres são feitas de cozinheiras, empregadas e serviçais, já os homens são levados a capinar e fazer o trabalho pesado do palácio. Ariela é convocada a ser faxineira dos aposentos reais e dos cômodos superiores do castelo, mas infelizmente ela não é bem tratada por ninguém e vive sendo humilhada pelo mordomo do palácio, Zafenate.

Todos os dias Ariela envia cartas ao seu avô para saber como ele está. Sem nenhum centavo para comprar nada e enviar à sua família, Ariela, então, pede que seu amigo, vizinho de seu avô, a ajude a comprar alguns mantimentos, que depois ela lhe pagaria. Num belo dia, o rei e a rainha mandaram reunir todos os moradores e servos do reino, assim como os plebeus que moravam nos arredores do reino para informar que seu filho, o Príncipe Robert, estaria voltando ao Reino depois de 10 anos longe e que chegaria dentro de 3 dias. Todo



o reino ficou bastante agitado e ansioso com a chegada do príncipe ao reino; não paravam de falar sobre o assunto. Até mesmo as donzelas, burguesas e plebeias, que esperavam ansiosamente para conhecê-lo. Ariela, não muito animada e nada se importando com a chegada do príncipe, só conseguia a todo momento pensar em seu avô e sua irmã que estavam longe dela. Preparativos quase concluídos para a chegada do príncipe, com a ajuda de um amigo que fez no palácio, Ariela aproveitou a distração de todos e fugiu do palácio e correu em direção à floresta, passou pelo vale e foi ver sua família. Ela levou remédios e muita comida que conseguiu no palácio. Ao chegar lá Ariela se emocionou bastante ao vê-los, lágrimas de emoção. Seu avô perguntou se estava tudo bem com ela e ainda lhe pediu muito para que ficasse e Ariela respondeu que estava tudo bem sim, e que não poderia ficar se não o comandante mandaria os soldados atrás dela. Abraçou, beijou sua irmã, disse para que ela cuidasse de seu avô, pois agora ela estava no comando da casa e que ficassem todos bem, pois em breve voltaria, o mais rápido possível Assim que Ariela escutou a trombeta dos oficiais do rei, despediu-se de seu avô e de sua irmã e fez um único pedido ao seu amigo: que cuidasse deles por ela até ela voltar; ao que ele concordou e disse que cuidaria.

Logo Ariela apressa os passos e corre em direção ao palácio antes que o príncipe Robert chegassem e antes que todos sentissem sua falta. No caminho para o reino, Ariela é atropelada pela carruagem real do príncipe. Sem saber quem é ele...

Robert desce da carruagem, pede desculpas pelo o ocorrido e estende a mão a Ariela, a levanta do chão e os dois se encaram por minutos; o príncipe se encanta com tanta beleza e graciosidade; então ele pergunta se queria uma carona até seu destino só que ela logo pensou que não poderia chegar lá numa carruagem tão grande pois todos perceberiam que ela saiu do palácio. Então recusou e agradeceu a gentileza do belo rapaz e seguir em diante até o reino. Chegando lá o mordomo Zafenate a viu voltando para dentro do palácio e então perguntou onde ela estava e porque estava vindo de fora do palácio. Ariela disse que foi até a feira comprar alguns mantimentos para o preparo do jantar e acabou não encontrando nada de seu agrado; desconfiado, o mordomo a liberou e mandou ir direto limpar o quarto do príncipe para sua chegada.



Assim que o príncipe chegou ao reino foi recebido com muito carinho, músicas e aplausos pelos moradores. Quando entrou no palácio foi recebido pela realeza e por um banquete maravilhoso. O rei mandou chamar algumas moças para que servissem a mesa. Então o mordomo, como já não gostava de Ariela, chamou somente ela para ir servir e dispensou todo o resto. Mesmo cansada dos afazeres que fez ao chegar, Ariela não contrariou a ordem do mordomo e foi servir ao príncipe e toda a realeza que estava sentada à mesa.

Assim que Ariela foi servir a mesa se deparou com o moço que a tinha ajudado a se levantar na estrada e viu que ele era o príncipe... então os dois trocavam olhares a todo instante, não paravam de se olhar um segundo. Ao terminar de servir o mordomo pediu que Ariela se retirasse da sala de jantar e fosse para a cozinha lavar toda a louça que haviam sujado durante o jantar sozinha, sem a ajuda de ninguém; então, sem questionar, ela lavou toda a louça que havia. De repente, no meio da madrugada, o príncipe Robert desce até a cozinha para beber um pouco de água e se depara com Ariela limpando a cozinha sozinha e pergunta o porquê de ela ainda estar limpando a cozinha àquela hora da noite e a dispensou para que fosse dormir. Ariela agradeceu a bondade do príncipe. Na manhã seguinte Ariela foi recolher alguns legumes na horta e então o príncipe a viu e foi logo atrás para conversar com a bela moça que o havia encantado desde a primeira vez que viu; ele se aproximou e começou a puxar assunto e fez perguntas: de onde ela veio, onde estava a sua família... e ela contou toda a verdade desde o começo, tudo o que aconteceu para o príncipe. Para ajudar Ariela e todas aquelas pessoas que estavam ali forçadas, o príncipe Robert decidiu ir falar com seu pai e tentar convencê-lo a liberar todos aqueles moradores de Bicfield. Para isso houve muita discussão e o rei de jeito nenhum queria ceder ao pedido do príncipe, mas ele contou a Ariela sobre a ideia que teve para seu pai liberar todos e assim ela disse que o ajudaria. Foram atrás de pessoas que moravam ali no reino e ao redor para que fizessem uma rebelião na frente ao palácio e ficassem contra ao rei para ele ceder e liberar todos as pessoas que ali estavam. Então a notícia correu por todo o reino e, para evitar uma possível rebelião, o rei resolveu fazer um acordo: de que se ele os libertasse todos os moradores de Bicfield teriam 6



meses, juntariam o dinheiro para pagar a dívida que o vale tinha com o reino; assim foi aceito o acordo e os moradores e todos aqueles que ajudaram comemoraram e agradeceram imensamente ao príncipe pela ajuda.

Enquanto todos comemoravam a saída do palácio, Ariela foi pessoalmente agradecer ao príncipe Robert pela empatia e preocupação que ele teve por todos e assim que ela terminou de falar, ele deu-lhe um beijo e todos gritaram ao seu redor. Ariela logo voltou com todos para suas casas e foi direto para sua casa ver como seu avô estava. O príncipe o ajudou com medicamentos e médicos do reino. Logo que seu avô melhorou, em uma confraternização na cidade, o príncipe Robert pediu Ariela em casamento na frente de todo o vale; todos aplaudiram e, surpresa com o pedido, Ariela, muito nervosa se aceitava ou não, olhou para seu avô e disse ao príncipe que gostava muito dele e que não teria palavras para agradecer tudo que ele fez por ela e por todos, mas que não poderia aceitar, pois não existia lugar para outro homem na vida dela a não ser seu avô e pediu desculpas por tudo e saiu. Todos ficaram sem entender nada, até mesmo seu avô, mas diante de tudo que ocorreu, o príncipe Robert não ficou chateado e nem magoado com Ariela; ele entendeu e compreendeu sua decisão e os dois continuaram amigos. Com a ajuda do príncipe e de toda as pessoas do vale, Ariela foi nomeada Administradora da cidade e com a ajuda de todos com exportações e produções do vale, eles, em menos de 5 meses, conseguiram pagar a dívida que havia com o rei e se livraram de uma vez por todas do reino e todos em Bicfield viveram em harmonia e sintonia, com muito amor e carinho entre todos eles, até mesmo o príncipe que ia lá todos os dias visitar Ariela e todos os moradores, com quem fez amizade. Viveram felizes, não para sempre, mas por um bom e longo tempo.



Luzes na noite

Autor: Gabriel Silva Sousa

A noite caía e eu me preparava para ir ao encontro de alguns amigos, provavelmente uma comemoração ou algo assim, não me lembro bem, pois muitas coisas me deixaram assustado na noite festiva.

Tudo começou quando, ao me arrumar, nada parecia estar bem em mim ou então não me deixava confortável para tal; isso me deixava aflito, pois sempre é bom apresentar estar bem para os amigos.

Mas até aí tudo parecia normal, um nervosismo comum de qualquer jovem nessa situação.

Na hora de sair eu percebi que a noite estava muito calma e ninguém mais sairia de casa naquela escuridão e também por que já passava quase da meia noite e as crianças já dormiam, retirando assim a alegria da rua que já parecia mal-assombrada.

Uma lua pálida brilhava no céu rodeada de estrelas que pareciam observar as pessoas que ainda não dormiam.

Peguei o meu carro e fui em direção ao meu destino; no rádio tocava uma música animada e de repente o carro e o som pararam. Ao olhar pelo retrovisor percebi que estava em uma rodovia sem movimento.

Acionei o motor e não funcionou. O pavor tomou conta de mim, peguei o celular e já não havia sinal e foi aí que tudo começou a



dar errado. Porém, mesmo tomado pelo medo, escolhi sair do carro para buscar ajuda e enquanto vagava pela estrada em um escuro completo duas luzes brilharam ao longe...

No início me senti muito feliz pois seria alguém em um carro disposto a me ajudar. Porém, aquelas luzes passaram a se movimentar não mais pela estrada, entrando repentinamente na floresta; brilhavam e sumiam como olhos abrindo e fechando e se movimentavam vagarosamente em minha direção. Começaram a causar em mim calafrios, eu buscava forças para me mover mas não sentia os meus dedos como se algo tivesse me paralisado, como uma presa alvo de um predador.

Por um instante aqueles pontos brilhantes na escuridão desapareceram e eu como que saindo de uma hipnose voltei ao meu juízo. Sem entender muito bem o que havia acontecido e com a adrenalina máxima em meu corpo senti que teria duas opções: lutar ou correr.

Mais como lutar com algo que causava tanto medo e até certa admiração por não entender o que era? Assim como qualquer pessoa eu escolhi correr sem olhar pra trás e buscar me abrigar daquela coisa.

Porém quanto mais longe eu ia, percebia que era cada vez mais frequente aqueles ``olhos`` a me observar; então tomei coragem para chegar mais perto e ver o que tanto me assustava na noite sombria.

Vi uma garotinha ao longe me chamando com a promessa de um abrigo e um som ao fundo como de vento correndo pelos meus ouvidos.

Então encontrei uma casinha velha e resolvi entrar. Era uma cabana que aparentava abandono trazendo as memórias daqueles filmes de terror antigos.

Os vidros eram coloridos como um vitral de igreja, remetendo aos cavalheiros sagrados que, segundo as lendas, lutavam contra monstros e bestas que rodavam a terra.

E aquelas pequenas luzes que com o tempo iam aumentando acabavam passando pelo colorido vidro.



E quando me dei conta já estava com a cabaninha cercada daquelas coisas. Mas o medo já não me seguia e o pavor não me paralisava.

E então com a calma ao meu controle saí mais uma vez na direção das luzes e abrindo a porta mais uma vez percebi que as luzes não eram olhos e sim vaga-lumes que brilhavam assim como as estrelas do início da noite.



Amizade sincera

Autora: Leticia de Cássia Rodrigues de Oliveira



Ilustração:
Yasmin Feitosa de Almeida



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

Muitos acham aniversário uma data extremamente importante, mas eu particularmente acho um saco, é apenas um dia, não tão normal, pois as pessoas dão parabéns, cantam, escrevem mensagens fingindo que se importam, é aquele mimimi todo. Sou Olívia e hoje completo 18 anos, não tenho namorado, pra falar a verdade nunca namorei e nem pretendo, eu me basta. Tenho apenas uma amizade sincera, Guilherme e por coincidência do destino ele também faz aniversário hoje, 19 anos. Nos conhecemos quando eu tinha 8 anos se não estou enganada, nossas mães são muito amigas. Elas sempre faziam uma festa de aniversário para nós dois juntos, eu nunca gostei de festas de aniversário, mas ele? Ele amava tudo aquilo... eu odiava aquele garoto, moramos até hoje um do lado do outro, brigávamos praticamente todos os dias, ele era tão irritante...

Apesar de tantas brigas, nós éramos como irmãos que protegiam um ao outro. Fomos crescendo e amadurecendo até que as brigas e discussões pararam e hoje somos inseparáveis.

- Olíviaaaa, parabéns pra nós – entra Guilherme no meu quarto gritando, cantando e abrindo a cortina.

- Guilherme você não fez isso, você não me acordou 9h da manhã em pleno domingo! Vou acreditar que eu estou sonhando e que hoje eu vou acordar lindamente às 12h – disse eu, cobrindo meu rosto com o cobertor.

- Olívia, levanta hoje é o nosso aniversário, temos que aproveitar – disse ele pulando na cama.

- Sai de cima de mim, hoje não vou sair da cama.

- 18 anos só se faz uma vez na vida. Bora? Acordar pra vida.

- 1, 7, 15, 60 anos também só se fazem uma vez na vida e para, você sabe que não curto aniversário – falei revirando os olhos.

- Então não vamos comemorar o seu aniversário, vamos comemorar o meu... Você vai negar esse pedido para seu lindo, maravilhoso, incrível, espetacular e melhor amigo?

- Não tenho nenhum lindo, maravilhoso, incrível e espetacular amigo – falei com um sorriso no rosto.



- Obrigado Livi, por estragar meu aniversário – fez uma carinha triste.

- Tá bom seu mimado, só por que eu te amo e seus pais estão viajando e você não tem nenhuma uma amiga tão linda, maravilhosa, incrível e espetacular como eu – disse eu levantando da cama.

- Ei baixa sua bolinha e vai tomar banho, porque o cheirinho não tá dos melhores.

- Idiota – gritei batendo a porta do banheiro.

- Até daqui a pouco, não demoro. – Gritou ele de volta, batendo a porta do quarto.

Está uma manhã bem fria, mas mesmo assim tomei um banho bem quentinho, escoveios dentes, passai uma maquiagem bem básica, vesti um calça preta com uma blusa regata por baixo e um moletom vinho, junto com uma bota preta. Peguei o presente que comprei para Guilherme e descia. Tentei ligar para ele, mas não atendeu, fui para a casa dele. A porta estava aberta, não literalmente, mas estava destrancada, entrei e estava tão calmo que parecia não ter ninguém em casa, chamei pelo Guilherme uma ou duas vezes, mas ele não respondeu, então deduzi que ele estaria no banho ou algo do tipo. Fui para a cozinha comer, mas aquele lugar que todos chamam de cozinha parecia mais um lixão (louça suja, dispensa totalmente revirada, resto de pizza) e tinha de tudo... menos alguma coisa para se comer.

- Guilherme, seus pais viajam e é isso que você faz com a casa deles – falei rindo

Fui em direção ao quarto dele, caminhando lentamente e olhando para o celular, um passo após outro. Bati na porta e fui logo entrando.

- oii, finalmente – falou Guilherme deitado da cama em frente à televisão, assistindo qualquer coisa.

- Eu nem demorei tanto.

- Claro que não bobinha – falou debochando e levantando da cama.



- Vamos pra onde mesmo?
- Não faço ideia.
- Porque me acordou tão cedo então?
- 9h não é tão cedo assim mocinha... Vamos tomar café?
- Aqui na sua casa não tem nada para comer.
- É, eu sei. Vamos sair pra tomar café.

O café mais próximo ficava a uns 25 min das nossas casas, saímos e entramos no carro que estava estacionado em frente da casa, colocamos uma música bem alta. A caminho...

Paramos em um sinal vermelho, ficamos uns 5 min parados até que ficou verde. Ele acelerou, foi em questão de segundos... O carro que vinha da direita não conseguiu parar a tempo, os carros voaram simultaneamente, ocasionando um grave acidente. Ficamos de cabeça para baixo. Olhei para o lado e Guilherme estava desacordado. Eu não tinha certeza do que estava acontecendo naquele momento, só sabia que precisávamos de ajuda, Guilherme mais do que eu. Toquei no pescoço dele para tentar localizar o pulso, mas estava tão fraco que quase não consegui sentir, tinha muito sangue na cabeça dele e eu estava desesperada... não sei o que fazer.

- Guilherme, Guilherme – gritei várias vezes tentando acordar ele.

- Oi, meu nome é Fernando. Eu sou médico, estava atrás do carro de vocês. Qual o seu nome? – Apareceu um moço que eu nunca vi na vida na minha janela.

- Meu nome é Olívia, meu amigo não acorda, você pode ajudar ele? – Falei com a voz trêmula, quase chorando.

- Posso.
- O nome dele é Guilherme, ajuda ele.
- Você está sentindo dor em algum lugar?
- Não, só ajuda meu amigo, por favor.



- Calma Olívia, as ambulâncias já devem estar chegando. – Ele foi até o carro dele e pegou uma maleta de primeiros socorros e foi para o lado do Guilherme.

- E e aí? Ele tá bem? Como ele está?

- Preciso tirar ele daqui, ele bateu a cabeça muito forte e está com um traumatismo craniano e provavelmente está com hemorragia cerebral e interna, o pulso tá fraco, ele perdeu muito sangue
– Disse ele enfaixando o ferimento da cabeça de Guilherme.

- Ele vai morrer? Ele vai morrer – comecei a chorar desesperadamente.

- Olívia olha pra mim, olha pra mim, ele não vai morrer, hoje é domingo, a ambulância não vai demorar a chegar, deve estar a uns 2 min daqui, vai ficar tudo bem, eu prometo.

- Por favor não deixe ele morrer – falei respirando fundo, deixando apenas as lágrimas escorrerem

- Agora deixe eu examinar você – quando ele começou a me examinar a ambulância chegou.

- Finalmente. – Falei ainda em prantos.

- O garoto está desacordada ... – disse o doutor para os paramédicos enquanto eu adormecia.

Acordei meio sonolenta, sentindo muita dor. Estavam meus pais e o doutor Fernando ao meu redor, não conseguia ouvir e nem ver perfeitamente, estava tudo meio embaçado.

- Filha – ouvi meu pai dizendo calmamente.

- Onde estou? – Falei olhando ao redor.

- Você está no hospital, você sofreu um grave assistente de carro - disse o doutor.

- E cadê o Guilherme?

- Filha – Minha mãe diz chorando.

- Cadê meu amigo? – Disse alterando um pouco a voz.

- Olívia, as lesões eram mais graves do que nós imaginávamos, ele sofreu morte cerebral.



Não consegui falar nada, olhei para o doutor e comecei a chorar.

- Mas ele vai acordar? Quando ele vai acordar?

- Olívia a probabilidade de seu amigo acordar – respirou fundo – infelizmente são extremamente baixas.

Acordei chorando e pulando da cama Era apenas um sonho, ou melhor dizendo, um “sonho” horrível. Olhei no relógio e eram 8:30h da manhã e 18 de abril, nosso aniversário. Tomei um banho, vesti uma roupa, escovei os dentes e fui correndo para a casa do Guilherme. Dessa vez eu é que cheguei gritando e cantando toda feliz.

- Bom dia flor do dia, sabe que dia é hoje?

- Bom dia Olívia, o que aconteceu com você? – Falou ainda sonolento.

- É o nosso aniversário – Corri e deu um abraço nele, o mais apertado e amoroso que eu nunca tinha dado antes.

- Nossa, você tá tão estranha!

- Para com isso e me abraça direito seu bobinho – respirei fundo – Gui? Eu te amo

- Eu te amo.

Até o dia de hoje eu nunca tinha me dado conta o quanto eu amo o Guilherme e não consigo pensar em viver sem ele, não por ele ser mais uma pessoa que eu amo, mas sim por ele SER ELE, um jeito único de ser e sorrir do jeito que só ele tem.



De volta à vida

Autoras: *Ana Beatriz Amaral da Silva,
Letícia Ferreira da Cunha,
Maria Clara Santana Ribeiro e
Yasmin Santana Machado*

Recém-empregado e casado, meio desajeitado, com um olhar sem esperança, de barba e cabelos pretos, sempre de terno e sapato social, esse sou eu, antes de tudo acontecer. Na minha percepção, depois do acontecimento levava a vida de um verdadeiro carrasco, tirano ou o que seria para você uma palavra que definisse uma pessoa ruim, que passaria por cima de tudo e todos para conseguir o que deseja, sem um pingo de piedade no peito, muito menos remorso.

Quando mais jovem morava com meus irmãos e minha mãe, que sempre nos criou e sustentou sozinha, uma mulher forte e batalhadora, por isso eu e meus irmãos sempre buscamos nos esforçar o máximo possível para um dia retribuir tudo que ela nos havia dado e feito. Com o passar dos anos me formei em Direito e logo me empreguei em um escritório renomado de advocacia, onde conheci o amor da minha vida; nos aproximamos, conhecemos, conversamos e meses depois namoramos. Ela se tornou parte de mim e de minha família. Foi quando então nós casamos e como qualquer casal recém-casados éramos muito felizes, compramos nossa casa e realizamos alguns de nossos sonhos. Aparentemente minha vida era completamente normal e alegre, sem grandes defeitos ou problemas, sem muita agitação ou emoção.

Mas tudo começou a ser monótono e fui criando uma ambição dentro de mim incontrolável. Foi quando me tornei a pessoa má, queria sempre mais e mais, mas não importava em quem eu tinha que pisar ou passar por cima para conseguir o que queria. Foi assim



que consegui me tornar um chefe corporativo na empresa em que trabalhava. Assim que tomei gosto pelo poder, a vaidade foi tomando uma proporção grande em minha vida. Tudo que eu conseguia conquistar não bastava, não saciava minha sede pelo poder.

Até que, um dia, estava dormindo quando, de repente, ouvi meu celular tocar, acordei assustado e com muito sono, quase não via nada. No quarto à noite, durante a madrugada, era muito escuro, tenebroso, sombrio e frio, como se toda felicidade fosse embora e durante a noite, só restassem coisas ruins. Acordei assustado e naquela transição entre acordado e dormindo atendi o celular involuntariamente, por um reflexo de saber onde ficava o botão.

Quando atendi vi que era a minha mãe, com um desespero na voz amedrontador. Ela já era uma senhora de quase 76 anos, cabelos grisalhos e sua voz sempre era suave porque sempre era muito calma; em seu rosto havia algumas rugas causadas por manchas de sol por passar muito tempo de sua vida trabalhando no sol escalofriante para garantir o meu sustento e de meus irmãos quando éramos crianças.

Na ligação ela dizia que meu irmão havia levado um tiro durante a madrugada e encontrava-se entre a vida e a morte e pediu para que eu ir correndo para ao hospital, pois acaso seu filho morresse, ela não saberia como suportar a dor da notícia. Ela já estava na ambulância com ele.

Fiquei desesperado com aquela notícia, suava frio, minhas mãos tremiam tanto que não era capaz de segurar um simples objeto qualquer. Então me arrumei rápido peguei o guarda-chuva e saí para encontrá-la no hospital. Fui a pé, pois o hospital ficava a poucas quadras de casa. No caminho a rua estava escura, havia poucas pessoas transitando por ali porque era muito tarde e à noite aquele caminho ficava uma escuridão e aquelas avenidas eram conhecidas por serem perigosas.

No percurso minha cabeça estava a mil, não conseguia pensar em nada, a minha preocupação com o estado do meu irmão foi a única que ocupava a minha mente, meu coração batia tão rápido que parecia que eu ia ter um ataque cardíaco. Comecei a sentir uma dor estranha em meu peito como se alguém me apertasse com muita



força e minha respiração foi ficando mais fraca como se meus pulmões não tivessem mais forças para puxar o ar. Foi quando me dei conta de que não tinha mais forças. Vi um muro e então me agachei para sentar numa calçada fria e úmida.

Um grupo de pessoas se aproximou e falou: “Ele está passando mal”. Tentei responder, mas toda vez que fazia força para minha voz sair meu lábio apenas se movia e nada saía. Pensei: como isso havia acontecido? Primeiro o meu irmão quase morrendo no hospital e agora eu estou morrendo? O que eu fiz para o universo me tratar assim? Na minha cabeça se passavam várias coisas, mas meu corpo só sentia as dores de estar morrendo ali, sem nenhum amparo.

Foi quando vieram mais pessoas em minha direção; vinha um homem com um olhar malicioso, era magro, carregava uma mochila preta surrada em suas costas, com roupas muitas largas e sujas e disse: Afastam-se, deixo-o respirar. Dava para perceber em seu rosto que tinha segundas intenções mas parecia que ninguém queria me ajudar. Então ele chegou perto e começou a desabotoar meu paletó e afrouxar meu cinto.

Mas o que ninguém percebeu era que ele queria apenas me roubar e tirar meus pertences e ver se tinha algo de valor. Mas naquele paletó que eu estava usando tinha as abotoaduras de ouro que eu havia ganhado de presente da minha esposa no nosso aniversário de 10 anos de casamento. Rapidamente ele as pegou e as enfiou no bolso. Tirou também os meus sapatos e falou que eu iria me sentir mais confortável sem ele e fingiu que ia guardá-los, foi saindo de mansinho e devagar e os guardou na mochila.... Foi embora sem deixar rastro de que tinha passado por ali. Tentei gritar ou falar algo, mas a única coisa que saiu foi um grunhido quase imperceptível e uma expressão facial de fúria.

Quando percebi já havia muitas pessoas em volta olhando o que acontecia ali comigo: mães com crianças de pijama ao redor - que moravam no prédio da frente -, curiosos de todas as formas e jeitos. O mendigo que estava na rua contou às pessoas que ele estava sentado quando eu passei correndo, parecia que tinha algum compromisso muito importante, até que comecei a passar mal e me reclinei no muro parecendo que o ar havia saído devagar dos meus pulmões e não tinha mais forças para conseguir respirar.



Uma velha que já passava um tempo ali observando o que acontecia grita: Ele está morrendo. Foi assim que uma pessoa desesperada falou: Venham me ajudar, vamos colocar ele no táxi, é mais rápido para chegar ao hospital. Então um grupo de pessoas me levou para dentro do taxi, mas de repente o taxista pergunta quem irá pagar a corrida.

Só veio em minha cabeça que tipo de pessoa era aquele taxista a ponto de deixar uma pessoa morrer no meio da rua e não a levar para um hospital só porque ninguém iria pagar sua corrida. Perderia no máximo 10 minutos de sua madrugada e de seu tempo, mas a ganância era maior e que a compaixão pelo ser humano.

Senti-me novamente sem forças e sem esperanças. O grupo me colocou ao lado de uma peixaria, senti aquele odor nas minhas narinas, as moscas no meu corpo, sentia os olhares das pessoas, ouvia as vozes cada vez mais longe. Acho que fui perdendo os sentidos aos poucos, as coisas aconteciam como em câmera lenta, parecia um pesadelo. Fui saqueado, roubaram tudo que podiam. Até meus documentos. Nada do que eu era, nada do que eu tinha valia naquele momento, tanto esforço para estudar, formar, comprar casa, carro, pagar casamento... Todas as minhas conquistas foram se dissipando como fumaça. A essa altura só pensava no desespero da minha mãe, iria morrer como indigente. Me vi sozinho, sem ninguém amigo para falar que estava tudo bem. A última lembrança foi uma sirene lá longe, as pessoas falando que estava morto. Uma boa alma, com toda simplicidade de sua mocidade, pés descalços e pele escura, teve a compaixão de colocar uma vela ao meu lado e fez uma oração pura e sincera.

Até eu pensei que estava morrendo, que não tinha mais solução, que realmente tinha chegado a minha hora de ir. Então foi que veio aquele flashback que todos falam que, quando passamos pela morte, vem. Vi toda a minha vida passar pelos meus olhos e foi aí que me toquei da pessoa tão ruim que havia me tornando, o grande carrasco que todos falavam.

Mas como numa queda brusca me senti voltando à vida. Como se algo me arremessasse novamente à vida terrestre sem nem me perguntar se este era o meu desejo.



Quando pensei que já era tarde demais em meio à minha reflexão ouvi de relance alguém falando que precisaria injetar a adrenalina, que não era tarde demais... uma voz baixinha e distante de mim, cada vez mais estava se aproximando.

Sabe aquela sensação de desmaio quando ouvimos as pessoas lá no fundo, mas não conseguimos abrir o olho e nem nos mexer? Foi assim que me senti depois da sensação de queda brusca que me fez voltar à vida. Não via nada, apenas a escuridão, mas mesmo assim voltei, sentia que a minha jornada ainda não estava acabada.

De repente abri os olhos e estava rodeado de paramédicos, dentro de uma ambulância; estava muito frio e eu estava com algumas dores que não me permitiam mexer muito, minha cabeça estava muito confusa. Me lembrei aos poucos do que tinha acontecido mais cedo, lembrei que meu irmão e minha mãe estavam no hospital e eu a caminho, não queria dar a ela mais dor e sofrimento. Tentei me mexer e tirar os aparelhos, mas não consegui; me vi no momento em que minha mãe ligou, como se toda felicidade fosse embora e só restasse coisas ruins, me vi sozinho novamente e com muito medo. Do meu rosto escorria um suor frio, minha face refletia preocupação, os médicos tentavam se comunicar porque viam meus olhos abertos, mas neste momento eu não estava respondendo nem mesmo com o olhar, meu pensamento me trazia lembranças ruins dessa pessoa que enfim havia me tornado. Refletia o que havia feito para me tornar assim, um tirano que não dava importância para nada além do seu umbigo e de seu dinheiro. Eu tinha várias palavras que passavam em minha cabeça para me auto definir: injusta, intolerante, opressiva, prepotente, repressora, desalmada, desumana e impiedosa. Faltava adjetivos para a minha descrição e, após o momento de reflexão, era muito difícil a auto aceitação da pessoa que me tornei.

Quase completamente sem forças, num relance o silêncio... e fico pensativo na experiência de quase morte que enfrentei. Na minha cabeça só se passava uma pergunta “o porquê daquilo estar acontecendo?”. Eu finalmente tinha entendido o porquê daquela noite sombria e sofrida, o porquê daquilo estar acontecendo comigo, o porquê de ninguém me ajudar, o porquê de estar perdendo tudo e todos e, ao mesmo tempo, pensava no meu irmão - se estava



bem ou iria ficar, se íamos morrer juntos ou seguirmos caminhos diferentes -; foi quando, já desesperado, comecei a chorar.

Senti uma energia forte passando em todos os poros do meu corpo... os paramédicos estavam tentando me reanimar. A cada choque que levava meu coração voltava a pulsar, sentia o sangue voltando a circular nas minhas veias. A visão antes turva agora ficava cada vez mais nítida, a correria em torno de mim naquela sala fria, injeções, remédios na veia...me trouxeram a esperança de voltar a viver. Aos poucos consegui pronunciar algumas palavras ainda desconexas, mas eram palavras. Todo o medo de morrer daquele jeito tão triste e solitário parece que abriu a minha mente. Junto com o choque que me devolveu a vida senti um forte desejo de mudança e nada mais justo... Se a vida estava me dando uma chance, porque não dessa vez fazer a diferença e me tornar uma pessoa melhor?. A gente aprende ou pelo amor ou pela dor e a vida me ensinou pelo medo e eu não quero desperdiçar esta chance. Vou tentar ser uma pessoa melhor a partir de agora.



Ódio que você semeia

Autora: Beatriz Gabrielly de Moura Teixeira



Ilustração:
Larissa Ferreira Chaves



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

Maria, uma linda moça do campo, não gostava de mostrar seus anseios, mas era uma moça que sonhava, embora sempre a fizessem esquecer disso. Com sua linda pele morena e seus cabelos longos que se espelhavam quando batia a luz do sol, não queria o que era dos outros, era humilde e gentil com todos. Mal podia esperar pelos seus dezoito anos e se ver longe de tudo o que te fazia mal - palavras ruins e pessoas ruins que a cercavam naquela grande mansão que era apática de qualquer sentimento. Queria apenas sua liberdade.

Sua mãe morreu no parto e desde que isso aconteceu foi criada pela família da Duquesa La'carte e seus dois filhos. A duquesa era uma viúva alta e elegante que havia herdado uma fortuna enorme deixada por seu marido, que morreu envenenado - nunca descobriram o culpado - e mãe de duas crianças adoráveis quando pequenos, mas que cresceram e se tornaram ambiciosos e invejosos, John e Juan. Os dois foram embora de casa quando completaram 16 anos. Um foi morar com o tio e o outro fugiu com a namorada que era do irmão. A duquesa, amargurada, descontava tudo em Maria e desde então não passava um dia em que não promovia grandes festas luxuosas para esquecer-se dos filhos, festas que cada dia mais ficavam só no fiasco. Demitiu todos os empregados - pois era caro manter as mordomias e festas - deixando apenas João e Maria. Não há fortuna que dure. Maria porque era obrigada cuidava da alimentação, arrumação de quartos e todos os afazeres higiênicos e João, moço calado, escondia segredos - pois já trabalhava há vinte e cinco com a duquesa - somente cuidava das partes pesadas e ia embora no final do dia. Tinha uma queda por Maria, mas preferia guardar isso apenas para si.

- Maria, Maria, MARIA! - Esgoelava pela casa inteira.
- Perdoe-me senhora. Em que posso ajudá-la?
- Vá para a cidade, imediatamente! - Dizia em um tom arrogante e mal olhava no olho de Maria. - Encomende dois vestidos na loja que sempre vamos.

Assim que ouviu a duquesa falar dois vestidos, os seus olhos se esbugalharam, pois, de mulher na casa só havia ela, a duquesa e João.

- É muita gentileza da senhora, um vestido para mim e um para a senhora, amanhã é o meu aniversário e eu nunca imaginaria que me presentearia com um vestido.



Por um minuto podia-se ver o rosto frangido da duquesa, seguido de uma gargalhada que parecia infinita.

- Você acha mesmo que o outro vestido é para você? Bobinha! Acha mesmo que eu gastaria meu dinheiro com você? Não passa de uma bastarda, burra e imunda. Só serve para me servir por sorte. Se meu marido não me pedisse para ficar com a filha da empregada teria te mandado para um orfanato sem pensar duas vezes. O outro vestido é pra Emília, minha sobrinha querida... se parece tanto comigo, tem classe, educada, de boa família. Se coloque no seu lugar, serviçal, apenas isso.

- Eu mal posso esperar por meus dezoito anos. - Dizia em prantos
- Eu posso passar o que for mas espero nunca mais ter que ver você.

- Acha mesmo que vai embora quando fizer dezoito anos? Nem que eu tenha que te algemar no pé da mesa da cozinha para você aprender a não desafiar quem te deu água e pão, você não sai dessa casa, até que eu mande.

- Pois terá que fazer muito mais que isso, me matar, porque não vai ter um dia que eu não tente fugir de você.

Com a expressão calma, mas os punhos fechados prontos para um soco, a duquesa era fria, pegou-a pelo braço e a arrastou para um porão embaixo da casa, frio e úmido. Jogou-a pela porta, trançou e subiu as escadas sem falar nada. As madeiras daquele tempo eram tão boas que ou você saía pela porta ou morria lá dentro. A duquesa cancelou todas as festas e pediu para a sobrinha para remarcar a ida em sua casa.

Maria tentou por três dias abrir a porta de qualquer jeito, não parou de gritar por um minuto. Já chegava o décimo dia e não aguentava mais, sem água e comida. Deitou em sua cama, e chorou tanto que podia-se ouvir nos quatro cantos da casa, até que tudo se calou. A duquesa percebeu o silêncio, sentada em uma poltrona virada de costas para a porta do jardim com um copo de whisky na mão, respirou fundo e não esboçou reação. Mas algo aconteceu... pelas costas e na cabeça recebeu uma pancada forte com uma enxada. Pode-se ouvir apenas o barulho de um copo caindo no chão e nada mais.



A Trilha

Autor: Carlos Henrique Rodrigues Sena

Eu tinha 18 anos, morava num sitio próximo da cidade, trabalhava a semana inteira no campo e quando dava final de semana gostava de sair com meus amigos pra curtir na cidade. Saímos às 6 horas da tarde e voltávamos umas 2 ou 3h da manhã e como era um pouco perto da cidade íamos a pé mesmo; nos pegávamos o caminho mais longo que demorava uns 15 minutos a mais do que o mais curto. Em uma dessas idas perguntei por que a gente não pegava o caminho mais curto. E o meu amigo me disse:

- Porque tem uma lenda que diz que quem passa nessa trilha à noite é seguido por um garoto que assobia e só pára de assobiar quando termina a subida da trilha. E nessa trilha todos tinham medo de olhar pra trás, assim ninguém sabe a fisionomia do garoto.

Essa trilha dava muito medo mesmo, era cercada de árvores, só tinha um estreito caminho de terra que guiava a trilha, mas a curiosidade era maior. Assim, convenci meus amigos a ir comigo, mas eles fizeram um pedido: era para eu não olhar para trás quando escutasse o assobio.

Começamos a seguir a trilha e assim que avistamos a subida em que, supostamente, começavam os assobios, ficamos todos em silêncio; o medo já tinha tomado conta de todos. De repente escutamos os assobios... O medo era tanto que começamos a correr, chegamos extremamente cansados, curtimos a festa e esquecemos do ocorrido... pelo menos naquele instante.



Na hora de voltar pra casa - era por volta das 3h da manhã -, eu e os meus 2 colegas paramos em frente às 2 trilhas e eu falei pra eles seguirem o caminho mais curto falando que era apenas coisa de nossas cabeças ... Então seguimos o plano.

Na hora de descer o medo cobriu a gente, meus amigos saíram correndo, eu também faria o mesmo, mas a curiosidade era tanta que continuei andando devagar. De repente escuto o barulho se aproximando. Virei para trás, vi o garoto - tinha os olhos vermelhos, pele toda preta com escamas. Fiquei com tanto medo que dei um soco na cara do menino e nessa hora a minha mão parou de mexer; foi aí que eu saí correndo. Chegando na casa de um dos meus amigos, contei a história a eles, então examinaram minha mão - estava branca. O meu amigo me disse que era por conta do sangue que havia parado de circular naquele local; depois de um tempo, a circulação voltou ao normal.

Até hoje não esqueço do barulho do assobio, muito menos daquela fisionomia esquisita. De vez em quando tenho visões desse garoto, mas logo desperto e começo a orar, afinal aquilo só poderia ser algo espiritual.



A última batalha

Autor: Carlos Henrique Rodrigues Sena



Ilustração:
Letícia Dias Ramos



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

Bem, meu nome é Cris, estou escrevendo minha última carta com o objetivo de meus filhos no futuro se lembrem de mim.

Agora são 14:34h do dia 24 de janeiro de 2004, o bombardeio aliado chegará em alguns instantes. Eu sei que você não deve estar entendendo nada dessa história, mas vou resumir pra você.

Eu sou Cris Kayle, tenho 26 anos, sou das Forças Armadas dos Estados Unidos, estou lutando aqui no Iraque há aproximadamente 14 meses e deixei minha esposa grávida de gêmeos nos Estados Unidos. Mas vamos começar... Conheci minha esposa em um bar, linda como sempre, em apenas 2 anos já estávamos casados e em 5 anos ela já estava grávida. 2 meses após nos casarmos, conseguimos comprar uma casa, simples, mas era a nossa casa, fica lá no Texas, muro baixo, sala, cozinha e 2 suítes.

Em 2003 fui chamado para combater aqui no Iraque; no começo eu tinha muito medo, mas as circunstâncias mudam o homem.

Certo dia eu e minha equipe recebemos ordens para invadir uma residência, aparentemente era de rebeldes. Entramos quebrando tudo até nos depararmos com uma criança no colo de seu pai, toda ferida, e com a mão decepada por causa de uma bomba que o atingiu; o pai estava desesperado, em prantos. Logo em seguida escutamos o rádio falando que um grupo de 12 rebeldes estavam invadindo casa por casa daquela rua e a nossa era a próxima... o pai daquela criança, vendo o sofrimento da filha, não aguentou e roubou uma pistola do meu colega e disparou em sua própria cabeça. Os rebeldes do lado de fora escutaram o barulho do disparo e subiram correndo, mas graças a Deus conseguimos sair pela janela, deixando a garota sangrando até morrer.

Eu contei isso para mostrar o que a guerra faz com as pessoas. Um outro caso foi quando eu e minha equipe estávamos em cima de um prédio, com um rifle de precisão, e tínhamos recebido a seguinte ordem: "Atirem em quem passar por este beco", porque no final da rua tinha uma outra equipe de militares. Era uma ordem de superiores, ou seja, não poderia ser refutada. Então entramos em posição e eu estava no comando do rifle quando vi passar uma mãe segurando as mãos de uma criança; mas essa criança tinha uma mochila, até hoje me lembro da cor. Comuniquei meus colegas



e todos entraram em um consenso: ATIRAR, pois dentro da mochila poderia haver uma granada de explosão. Entrei em desespero... atirar em uma criança, que tipo de animal eu tinha me tornado? Eu tive que disparar e quando acertei a criança sua mãe caiu no chão e começou a chorar em cima do corpo ensanguentado, levantando a mochila e sinalizando que não havia nada dentro... até hoje sonho com aquela cena.

Voltamos para o dia de hoje... eu e meus grandes amigos, estamos em um prédio defendendo uma base localizada a 300 metro de nós. Estamos há 5 dias cercados por rebeldes e, ainda por cima, a comida que tínhamos durou apenas 3 dias. Recebemos informações de que lançaram um avião para bombardear a área. O ruim disso é que nós também seremos bombardeados. Quero pedir desculpa principalmente a Deus por tudo que eu fiz nessa guerra, e se eu pudesse pedir dispensa, quando tive oportunidade, há 4 meses atrás, pediria... e Vanessa, minha querida esposa, eu te amo, saiba que estou aqui para defender o meu país e principalmente a Sofia e Samantha que estão na sua barriga. Te amo. E até que a morte nos separe.



A paz

Autora: Tatyane Ferreira Souza

Era uma vez uma menininha que se chamava Lola. Cabelos curtos e loiros, olhos castanhos, 14 anos de idade e morava com seu pai e sua mãe que se chamavam Maria e Léo. Os dois levavam uma vida muito bagunçada, usavam e vendiam drogas, bebiam e etc.

Lola sempre teve uma vida muito conturbada, mas nunca desviou do caminho certo. Ela estudava na escola da sua cidade, estava no 8º ano do Ensino Fundamental, fazia curso de inglês grátis na rua da sua casa à tarde e à noite ia para casa. Numa noite chuvosa ela chegou em sua casa e seus pais perguntaram como foi o dia dela:

- Oi filha, boa noite, como foi seu dia, minha linda?

- Oi, foi bom, e vocês? Estão “chapados” como sempre? Perguntou Lola.

Com um tom de risada responderam: - Estamos sim, quer algo pra você ficar menos “tensa” também?

- Não, valeu. Estou indo pro meu quarto.

Passa-se 1 hora, Maria dorme ali mesmo no sofá. Léo estava acordado e resolveu ir ao quarto de Lola. Ele, todo tonto e fora de si, vai para o quarto segurando nas paredes, chega ao quarto de Lola, e abre a porta:



- Está fazendo o que aí?
- Estou vendo série pai, por quê?
- Quero conversar com você.

Ele senta na ponta da cama dela:

- Então, como você está?

Quando ele pergunta isso coloca suas mãos sobre as pernas dela.

- Estou bem - Com um olhar estranho pra aquela mão ali em sua perna. Ele começou alisando e foi subindo; quando menos se espera, ele já estava tampando a boca dela com um pano e tirando a roupa.

- Não adianta gritar, sua mãe está tão drogada que não vai ouvir.

Ela murmura mesmo com o pano da boca e faz gesto de “não” com o dedo. Léo está tão alterado que só continua o que está fazendo e passa horas ali a violentando. No dia seguinte, ela acorda às 5 horas da manhã como de costume, para ir pra escola, se arruma e sai triste, muito machucada. Ela decide não ir à polícia denunciá-lo, pois já sabia que não daria em nada.

Assim que ela sai da escola, senta em um banco ali perto pra comer sua marmita de comida para ir ao curso. Ela não consegue comer, só chora e começa a falar com Deus:

- Deus, porque permitiu isso? Eu não mereço, não mereço esses pais, não mereço essa vida infeliz que levo.

Lola começa a soluçar de tanto que chora. Passam-se 10 minutos, chega um mendigo ali na praça, e vê Lola soluçando de tanto chorar; ele chega devagarinho:

- Olá mocinha, o que houve?

- Quem é você? Não vou contar minhas mágoas pra qualquer pessoa. - Disse Lola com voz de brava.

O mendigo ficou sem graça, mas não se acanhou. Disse:

- Moro aqui nessa praça. Vi você chorando muito. Fiquei preocupado mas já que estou incomodando, vou me retirar, me desculpa.



Quando ele estava saindo, Lola disse:

- Espere! Eu não tenho mesmo com quem falar, então pode ser você mesmo que talvez nem possa me ajudar.

O mendigo, já de costas, olhou para trás, sentou-se ao lado da garota e disse:

- Ok, pode contar, mesmo que realmente eu não possa lhe ajudar.

- Eu não sei se consigo, mas é que.... Meu pai me estuprou ontem à noite, eu estou toda machucada internamente e externamente. Meus pais são uns drogados. Eles usam e vendem. Chego em casa não tenho nem com quem conversar, me tranco no meu quarto, disse Lola, se acabando de chorar.

O mendigo, triste, vendo aquela situação lhe disse:

- Poxa moça, não sei nem o que dizer pra você, fico triste em saber que seus pais não te dão exemplo dentro de casa, mas triste ainda em saber que eles não sabem a filha maravilhosa que tem.

- Estou pensando em sair de casa, ficar na rua enquanto arrumo um emprego.

- Não faça isso mocinha, você tem um teto, você tem uma cama e um cobertor pra dormir quentinha, não sabe o quanto é horrível passar frio, fome e entre outras vontades. É muito difícil viver na rua, sem ninguém; eu mesmo sou do interior de Minas, vim para cá pra BH a fim de conseguir terminar meus estudos e arranjar um emprego. Eu pensei que era difícil, mas quando cheguei aqui, vi que era bem mais difícil do que eu imaginava, foram tantas portas fechadas, tantos não! Até que um dia, depois de muito tentar eu já não aguentava mais, conheci um homem na rua, ele me apresentou a maconha, logo depois papel, LSD, depois o crack.... Hoje em dia não vivo mais sem isso, todos os bicos que eu fazia pra tentar conseguir uma grana ia tudo pra drogas, até hoje é assim. Agora, neste exato momento, estou sóbrio por isso estou conseguindo conversar com você, mas já estou tremendo aqui porque meu corpo já está acostumado a não estar sóbrio, então um conselho que te dou é, só saia de casa, quando tiver sua vida estabilizada, ou acabará na mesma situação que eu e seus pais. - Desabafou o mendigo.

Lola calada estava, calada ficou.



Um tempo depois, Lola disse que iria para casa e que iria pensar muito no que ele disse. No caminho Lola decide que não iria voltar para casa, ela se senta em uma calçada e novamente chora e começa a conversar com si própria:

- E aí Lola, qual vai ser? Vai ficar aqui mesmo ou vai voltar pra aquele inferno de vida...?

Ela decide ir a uma casa de apoio. Chegando lá ela conta a história que viveu. As pessoas ficam muito emocionadas e decidem acolhe-la e denunciar os pais dela. Maria e Léo são presos no dia seguinte, em flagrante, com várias drogas dentro de casa.

Lola vai ficar na casa de apoio até completar seus 18 anos. Hoje ela vive feliz, sem intrigas e estudando bastante para conseguir a faculdade que tanto quer: medicina.



6. POESIAS

O professor Carlos Mateus da Costa Castelo Branco, de Português, que ministra a disciplina Prática Diversificada-PD desenvolve em sua disciplina atividade de produções textuais de diferentes gêneros e temáticas.

A professora Dionísia Maria Oliveira Lopes, de Química, desenvolveu em sua sala de aula temáticas contemporâneas e produziu diferentes possibilidades textuais.

Amor não correspondido

Autor: Gabriel Albuquerque da Silva.
Professor Mateus Castelo Branco - Português

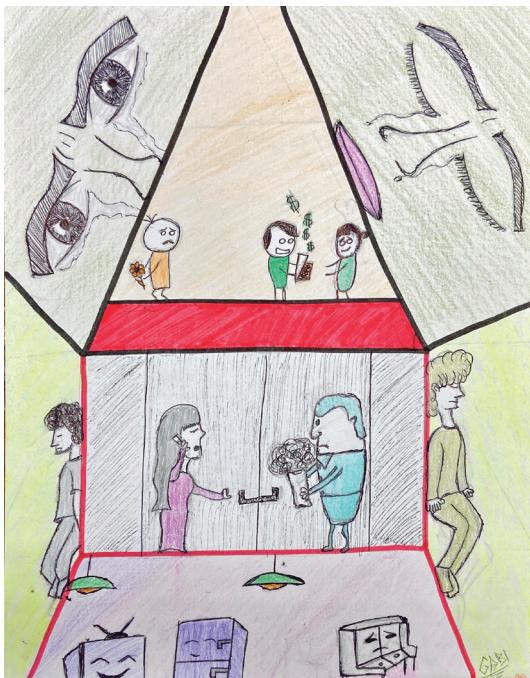


Ilustração:
Gabriela Rodrigues de Oliveira

Não me fere meu bem
Você é o amor da minha vida
Algo perdido que encontrei
Que nunca esquecerei.

Meu amor, não me deixe de lado
Minha felicidade é você ao meu lado
Te farei feliz e te darei tudo o que eu tiver
Me dê uma chance para provar
Meu amor por você.



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

Feminicídio

Autora: Adrielly Medeiros Nunes.
Professora Dionísia – Química

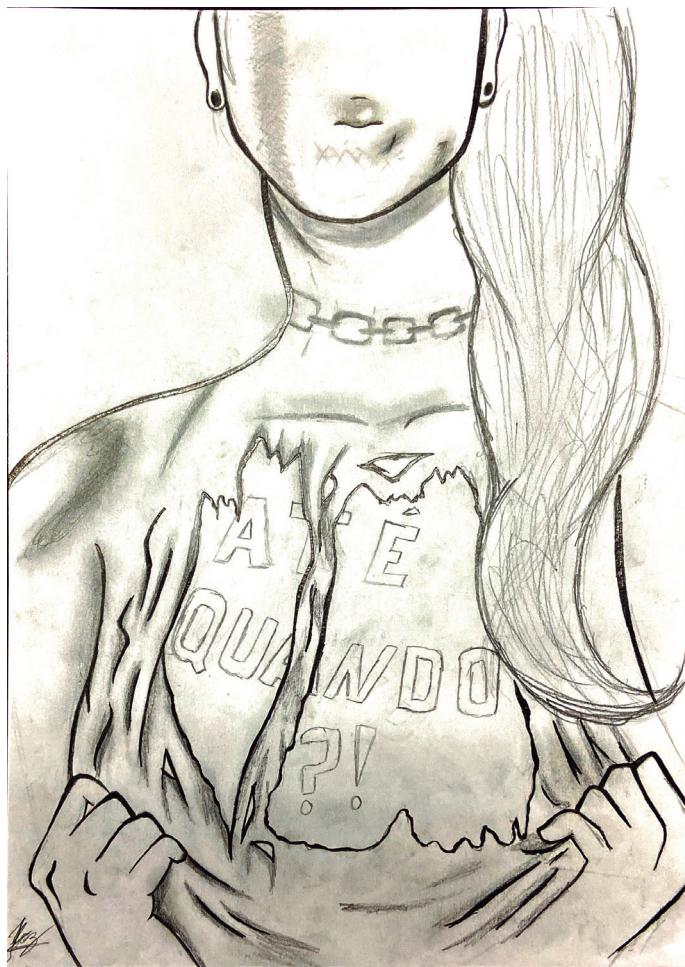


Ilustração:
Yasmim Feitosa de Almeida



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

No começo era só amor,
Por ele se apaixonou
Tudo parecia lindo, uma maravilha.

Ela se casou e com ele foi morar.
Ele era ciumento e ela pensou que era só uma forma de amar.
Uma simples curtida fez a cara dela sangrar.
Mas ela pensou: foi só um impulso e tudo iria melhorar.

O tempo passou e bêbado em casa ele chegou.
Dessa vez não foi por uma curtida, ela tinha até feito a comida.
Mas isso não pareceu agradá-lo e outro tapa ela levou.
Com o tempo aquilo virou rotina e aquela mulher não sabia o que fazer.

Ela estava sem saída, o ódio tomou conta.
Repleta de coragem resolveu abrir a boca.
Tentaram-na calar mas ela não podia mais agüentar.
Até que alguém resolveu ajudá-la.
A partir daí parecia que tudo iria melhorar.

Pensava que iria melhorar mas ele parecia assombrá-la,
Ela pensava que estaria livre mas ela nunca havia se sentido tão presa a ele.

Ela não parava de vê-lo

E infelizmente a história dela não teve um final feliz.
Seu marido tentou matá-la mas não era a sua hora.
Algum anjo a socorreu. Sobreviveu a dores.
E hoje ela faz de tudo para melhorar a vida de outras mulheres.



Amor falso

Autor: João Lucas Redon Cabral
Professora: Dionísia – Química



Ilustração:
Lorena do Carmo Vargas



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

No começo era tudo normal.
Uma boa relação
Exceto quando ele bebia
Pois se tornava agressivo
Mas ela aceitava calada.
Ele é quem pagava as contas, ela não podia reclamar de nada.

Infelizmente este hábito de beber tornou-se frequente.
As amigas sempre falavam para ela tomar uma providência.
Mas ela ficava calada.
Não por opção, sim por medo.
Medo disso se tornar pior e pior.

Um dia resolveu terminar sua relação com esse monstro que supostamente lhe amava.
Juntou as suas coisas, mesmo sem sua aceitação.
No dia seguinte, entretanto, ele estava parado na porta da casa onde ficara.
Para sua surpresa ele estava armado.
E, infelizmente, nesse dia as coisas não saíram como ela queria.
Essa situação acontece todos os dias
Mas ainda podemos lutar
Para tudo isso acabar.



Todos contra o feminicídio

Autor: Marcos Vieira Marinho
Professora: Dionísia – Química

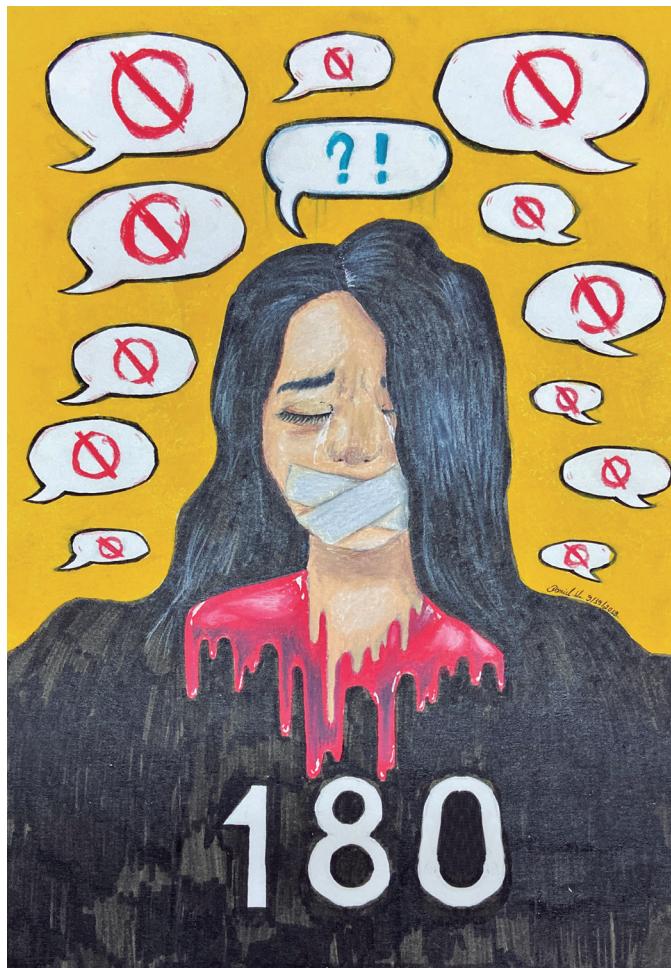


Ilustração:
Daniel Victor Alves Barbosa Farias de Sousa



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

A mulher tem que ser valorizada
Não permita violência descarada
Ela não nasceu para ser pisada
Então, se liga nessa parada.

Se liga, meu irmão,
Tenha noção!
Igualdade no coração
Saiba ouvir um “não”!

Chegamos ao ponto
De nomear um tipo de problema.
Nem te conto,
Feminicídio, é esse o tema!

São quase 13 casos por dia
Mas vamos dar adeus a essa tragédia.
Enfrentar as raízes dessa violência
Precisa de muita eficiência.

O feminicídio é a expressão fatal.
Isso nunca pode ser normal.
A desigualdade de poder
É algo que temos de resolver

A mulher sempre foi tratada
Como um objeto a ser usado
Muitas vezes maltratada
Mas isso tem que ser passado.

Não sabemos onde vai acontecer
Mas podemos prevenir
E juntos entender
Que devemos nos unir.

Denunciar é o certo
Isso tem que ser algo concreto
Vamos todos nos unir
Para lutar pelo viver.



Não era o destino

Autora: Amanda Souza Alves.
Professor: Mateus Castelo Branco, Português



Ilustração:
Luiza Peruiwe Gonzaga



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

Ele é um garoto muito especial
Ela, uma menina que gosta de sonhar
Ele, no basquete é animal
Ela toca violão e gosta de cantar
Aparentemente, felizes no final.

Ela é romântica e tinha um dezesseis
Na mente, ele é mais novo e gosta de enganar
Sobre o destino eu vou falar para vocês
Por algum motivo ele queria os dois juntar

Ele viu o amor e fugiu
Homem idiota não sabe aproveitar
Enrolou várias garotas e mentiu
Agora, sozinho vai ficar.



7. PARÓDIAS

Os 6 textos que seguem são Paródias ou Paráfrases dos poemas “Canção do Exílio” e “Meus oito anos”, produção de texto que utilizou como intertextualidade esses dois textos do PAS, 2^a etapa, 2019. Foi uma atividade individual ou em grupos realizada durante a aula de Literatura Brasileira.

Professor Marcos Menezes

Canção da realidade

Autora: Caroline Oliveira Velozo



Ilustração:
Emillyn Vanessa Oliveira



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

Minha terra é minha favela
Onde só tiro canta lá
As aves foram embora
Já não se ouve seu cantar

Nosso céu tem mais estrelas
Nossas casas têm mais flores
Nossos bosques nem têm mais vidas
Nossa vida só amores

Nem andar sozinho, à noite,
Vai que um tiro eu tomo por lá
Minha terra é minha favela
Onde só tiro canta lá
Minha mãe sempre me pede:
“Não saia sem avisar,
Nem ande sozinho à noite”
Ela tem medo de eu não voltar
Minha terra é minha favela
Onde só tiro canta lá

Não permita Deus que eu morra,
Sem antes me formar
Dar orgulho à minha mãe
Que não pôde estudar.



Disparos de ninar

Autores: Lorena do Carmo Vargas,
Briza Mantzos e
Pedro Henrique Almeida Boiça

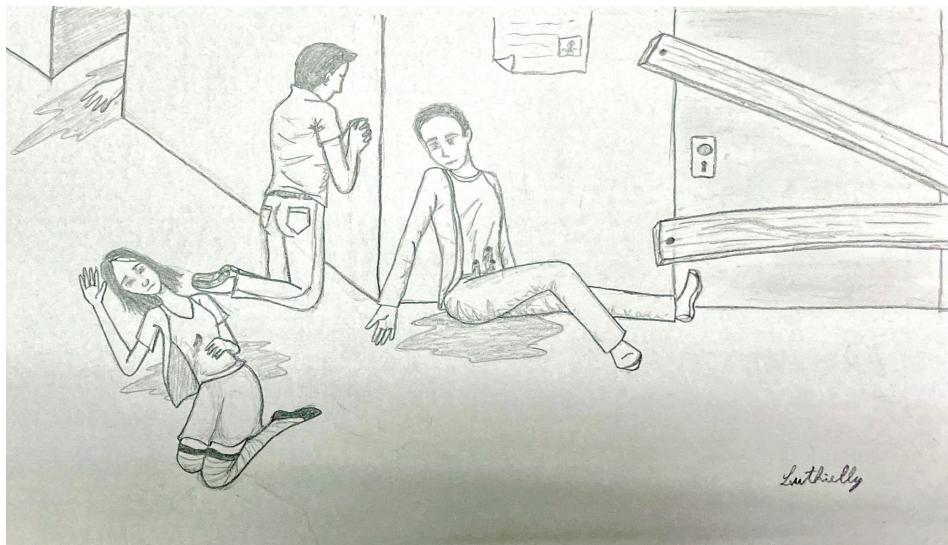


Ilustração:
Luthielly Alves Lopes



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

Minha terra tem palmeiras
Onde canta a AK
As armas que aqui disparam
Não disparam lá.

Nosso chão perde histórias
Nosso chão ganha corpos
Eles abrem mão de uma vida
Mais uma vida impedida de amores.

Se eu andar sozinha à noite
Mais prazer encontro lá?
Minha rua sem pessoas
Onde canta a AK. Onde criam jovens sem valores
Que já deixei de acreditar
Se eu andar sozinha à noite
Mais prazer encontro lá?
Minha rua sem pessoas
Onde canta a AK.

Não permita Deus que eu morra
Antes que eu chegue lá
Antes que eu veja meus amores
Que me esperam chegar
Sem que eu veja a linda pessoa
Antes que cante a AK.



Meu pai querido

Autores: Déborah Vitória Santos Brito,
Iarnow Frank Pires Cardoso,
João Pedro Barbosa Rodrigues

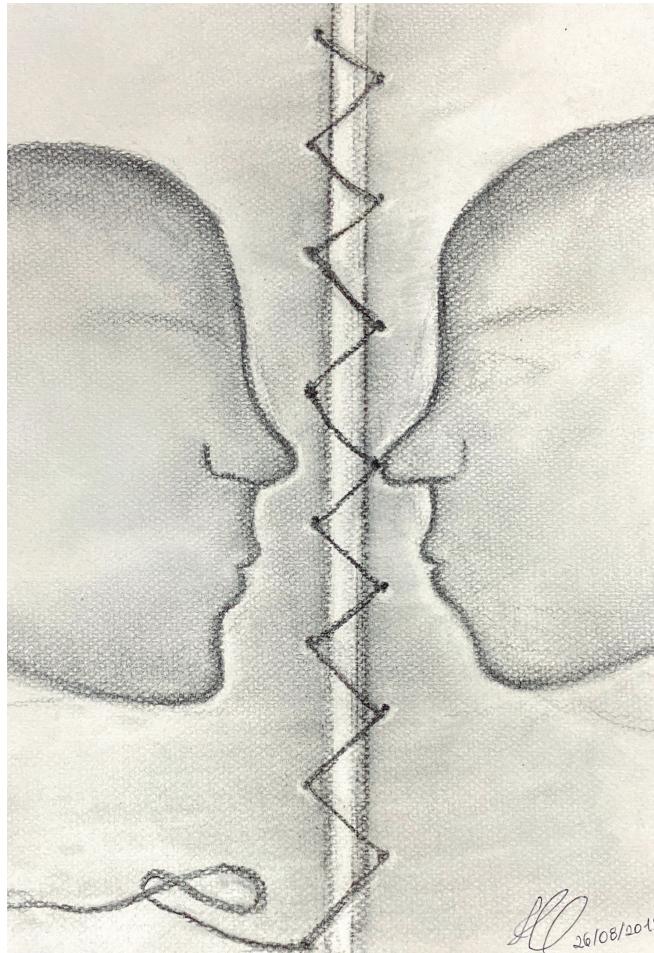


Ilustração:
Lorena do Carmo Vargas



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

Tenho saudades do meu pai querido
De uma querida infância
Que o tempo não volta atrás
Noites de brincadeiras, sorrisos e sonhos
Momentos divertidos, que o tempo não traz mais.

Que saudades do meu pai
Do tempo de infância que não volta mais
No quintal de nossa casa
Na vizinhança faladeira
Que não podia dar bobeira, pois não parava de implicar
E não deixava ninguém jogar.

Que saudades do meu pai, da risada que ele tinha
Como os dias eram belos, só de ver aquela alegria
Aparentava ter cinquenta
Mas, na verdade, tinha trinta.

Que saudades do meu pai
E do meu tempo de infância, que não pode voltar atrás
Do sertão que me levava, aonde não irei mais
Daquele lago gelado, que batia o desespero
Que havia uma sombra boa
Mas que acabava ligeiro.

Que saudades do meu pai, que ligava todos os dias
Perguntava se estava bem o único filho que tinha
Ele me ensinava a ser criança
Mas, com o tempo, fui crescendo
E havia tantas memórias
Do meu pai aqui presente

Depois que morre o meu herói
Os dias não são mais os mesmos,
Ele me ensinou o que é família, sem olhar pros nossos erros
Oh, que saudades do meu pai.



Canção Candanga

Autores: *Kayky Gomes Miranda,
João Pedro Medeiros Alves,
Samuel Rosa Mesquita Gomes,
Gabriel Xavier de Melo e
Cristiano José Dantas de Medeiros Júnior*

Venho d'um lugar
Onde não se fazem poucas curvas
Calçadas são detonadas
E carros divertem-se nas ruas.

No parque da cidade
D'onde vêm Eduardo e Mônica
Curtimos verdejância icônica
Ao cantar do sabiá.

Lugar de poucas palmeiras
Terra de JK, nordestinos e gente linda
Aqui não se têm asneiras
Vivemos de várias maneiras.

No céu mais belo do país
E repleto de estrelas
Nos bosques de Brasília
Tão belos e sem tristeza.

Minha Brasília tem primores
Que no longe não encontro eu lá
Por esse lugar morro de amores
Que nenhum outro pode apresentar.



Minha velha infância

Autoras: Thalliany Kaila Silva da Costa



Ilustração:
Vitória Miranda Rocha de Freitas



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

Oh que saudade que eu tenho
Da Aurora da minha vida
Da minha velha infância
Que o tempo não volta mais
As lindas cachoeiras
As lindas mangueiras.

Tudo era mais colorido
O céu era mais azul
Os rios tinham mais peixes
A mata era mais verde
Os passarinhos cantavam mais auto.

Que melodia, que perfume
O aroma das flores
Que perfumava os campos
Que traziam um lindo cheiro
Para a nossas vidas.

Oh infância boa
Oh que mundo lindo
Onde não havia tanta maldade
Doce era a infância.

A minha linda liberdade
Eu tinha tão perto de mim
Os sorrisos bobos que eu dava
Com a boca faltando alguns dentes.

Naqueles lindos momentos
Eu tinha a verdadeira felicidade
Vivia tomando banho de chuva com algumas amigas
Toda molhada eu voltava para casa.

Saudades de comer aqueles bolos
No final da tarde
De assistir aqueles lindos filmes
Saudades da minha infância.



Onde canta o sabiá

Autores: *Catarina Martins dos Reis da Silva,
Lorena Lauany Soares Salheb,
Maria Fernanda Barbosa Alves,
Ingrid Emilly Pastana Damacena*

Minha terra não tem palmeiras,
Muito menos sabiá
As aves aqui pedem gorjeta,
Não gostam de voar

Neste céu não temos estrelas
Na terra temos flores
Que pros bosques dão vida
Nossas vidas sem amores

Não consigo dormir à noite
Às vezes, falta ar
Minha terra não tem palmeiras,
Muito menos sabiá

Minha terra tem dores
As quais não consigo suportar
Não consigo dormir à noite
Às vezes, falta ar
Minha terra não tem palmeiras
Muito menos sabiá

Não permita Deus que eu morra
Sem que consiga mudar,
Mudar mais gente desta terra
Para a vida melhorar
Para que possam amar,
Onde canta o sabiá.



Canção do cativeiro

Autores: Fábian Sther Cardoso PalmeiraI e
Heloíza Botelho de Souza



Ilustração:
Any Beatriz Marques de Souza



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

Minha terra tem baobás
Que aqui não se podem achar
Os pássaros que aqui cantam
Não cantam como o atobá

Nesse céu não tem estrelas
Nessas várzeas não têm flores
Nos bosques daqui não tem vida
Minha vida não tem mais amores

Não fico sozinho à noite
Prazer eu só encontro lá
Minha terra tem baobá
Onde canta o atobá

Minha terra tem sabores
Eu queria estar lá
Não aqui nesta terra de horrores
Prazer não encontro eu cá
Minha terra tem baobá
Onde canta o atobá

Não permita Olorum que eu morra
Como outros já morreram a se afogar
Quero voltar à minha terra
Já que aqui alegria não há
Avistar novamente os baobás
Onde cantam os atobás



8. RESENHAS CRÍTICAS

Resenhas críticas produzidas a partir de livros que estudantes leram e comentaram nas aulas de literatura.

Professor Marcos Menezes - Português.

Navios negreiros

Autora: Naíza Keilane Lima Clemente

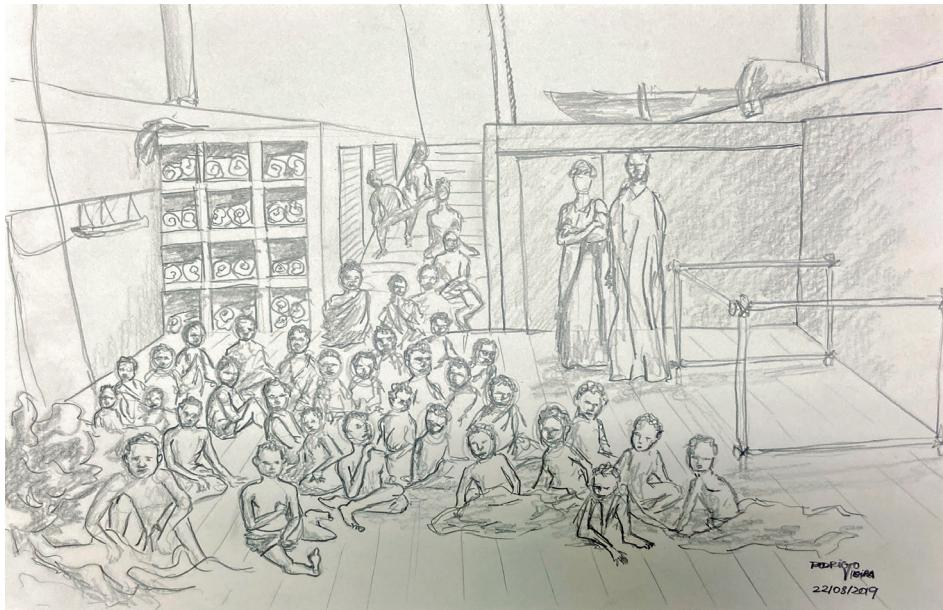


Ilustração:
Rodrigo Vieira



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

O livro "Navios Negreiros" faz parte da coleção Comboio de Cordas, publicado em 2016 pela editora SM, e traz dois poemas com o mesmo título, Navio Negreiro; um deles foi escrito pelo brasileiro Castro Alves e o outro pelo alemão Heinrich Heine.

Os poemas retratam com riqueza de detalhes a cruel e forçada viagem dos negros, escravos africanos, com destino ao Brasil. Os açoites, as enfermidades e toda a maldade humana são descritos em versos e estrofes em que os autores tratam a escravidão de acordo com seus diferentes estilos. São dois poemas profundos, cada um à sua própria maneira, o que leva o leitor a sentir um grande sentimento de consternação pelo sofrimento que foi cruelmente imposto aos negros escravizados.

Analizando a escrita, o poema brasileiro se mostra de mais difícil compreensão, já que é cheio de figuras de linguagem e palavras não tão conhecidas. E, dos dois, o que mais detalha tristemente a crueldade nos navios negreiros da época. Já o poema alemão, apesar de também conter tais aspectos, é mais fácil de ser compreendido. O poema de Heine aparenta algum tipo de humor negro em relação ao tema e também parece apresentar algo como uma sátira, um tanto quanto dolorosa.

Esses dois importantes poemas históricos, por meio da descrição incrivelmente detalhada do sofrimento dos negros, mostram-nos que o "crescimento" histórico do Brasil não foi um processo limpo. Esse desenvolvimento derramou sangue, separou mães de filhos, causou dor em muitos, e é possível termos uma ideia disso com a ajuda deste livro. Foi uma decisão muito sensata do PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola) levar este livro às escolas públicas brasileiras, pois é de fundamental importância que todos saibam sobre este triste fato histórico, que muitos tentam apagar.



Sessão de terapia

Autor: Vinícius Gomes de Oliveira

“Sessão de Terapia” é um livro baseado na série do canal GNT, que tem o mesmo título. É uma obra publicada pela Editora Arqueiro, em 2013 e escrita por Jaqueline Vargas. O gênero é ficção e conta com jovens e adultos como público alvo.

O ambiente principal da narrativa é o consultório do psicólogo Theo, que se localiza na casa do personagem, o que aproxima o leitor do enredo, assim como a crise que Theo passa com a profissão e a família. Os pensamentos do protagonista narram a ficção, ao mesmo tempo que as histórias de seus pacientes instigam o suspense. Júlia é uma paciente cuja história inicia o livro, ao declarar-se ao terapeuta. Theo sente-se inseguro, pois descobre a traição da esposa, além de saber que não é permitido ter relações com a paciente. Durante a semana, outros conflitos se desenvolvem, como a história de Nina, uma adolescente que sofre uma agressão e, aos poucos, o abuso sexual sofrido, tendo o treinador como abusador, é revelado; e, ainda, a história do casal João e Ana, que vive em uma eterna discussão. No final da semana, Theo vai ao seu terapeuta colocar para fora tudo o que sente, mas que, na maioria das vezes, implica e desafia Dora.

“Ela não gostava dele, e sim do que ele sentia por ela: amor, esse sentimento que tanto desejava e era incapaz de sentir por si mesma”, este é um trecho da obra que retrata os pensamentos de Theo, explicitando como a narrativa desenvolve cada personagem, ao mesmo tempo em que faz o leitor se sentir tanto na figura do paciente, quanto na do terapeuta. “Sessão de terapia” é um ótimo livro por se desenvolver rapidamente a cada capítulo e trazer ao leitor a poltrona do terapeuta, desmistificando estereótipos. É uma obra indicada para todos os públicos.



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

Valsa nº6

Autora: Briza Mantzos

A peça "Valsa nº6", do dramaturgo brasileiro Nelson Rodrigues (1951), consegue passar uma ideia de cotidiano comum através do cenário, do figurino e da sonoplastia. Mas essa ideia é quebrada quando a peça traz a trama vivida pela personagem Sônia. Ela é uma menina de 15 anos, que está morta, e busca, em meio ao choque e à loucura, lembrar de pessoas presentes em sua vida e recuperar memórias que estão ausentes, importantes para entender o fim da personagem.

Em cima do palco, apenas um piano branco e Sônia. É com essa abordagem simples que começamos a acompanhar uma história confusa. Descobrimos coisas ao analisar as vivências da personagem, já que essa não tem conhecimento da própria história. Esse é um texto antigo, que trabalha com fatos e temáticas ainda muito atuais, muito recentes. Sônia é mais uma vítima de abuso, de submissão familiar e de si mesma. Essa é uma história vivida por uma personagem construída por muitas identidades.

Recomendo a dramaturgia, pois aborda temas que estão presentes na sociedade, mostra a perspectiva de uma vítima e de um abusador e a forma como tudo isso pode nos afetar.



Caco

Autora: Ana Cecília Oliveira Paixão

Como a maioria das crianças, Caco nasceu em uma família comum. Ele é filho do segundo casamento do pai, que já possuía uma filha. O pai de Caco sempre foi trabalhador, embora ausente e com algumas atitudes incompreensíveis. O autor do livro “Caco” é Gilberto Mattje e a editora é a Alvorada. A leitura da obra é fácil, bem humorada e afetiva, convidando o leitor à reflexão por meio de associações de conteúdos e mobilização da autoavaliação de Caco.

Ainda cedo, Caco descobre-se obeso. Inerte, deixa-se conduzir pela opinião alheia e essa atitude de subestimação faz com que ele se torne objeto de bullying, é o que se observa no trecho "Atenção pessoal, tem uma bola rolando por ai. Cuidado! Já, já teremos alguma coisa fazendo-se em pedaços: cacos, cacos [...]" . A partir deste momento o computador tornou-se o parceiro de todas as horas. Caco descobre os jogos e, quando não está jogando em casa, dá um jeito de ir ao Cyber. Foi lá que conheceu pessoas da pesada. Então, Caco começa a fazer academia e a ganhar massa muscular. Ele fica forte. Então Caco não sofre mais bullying, agora é ele quem come-te, e é atroz. Ele começa a fumar. A irmã, Nati, perplexa, diz a Caco: "que vergonha! ".

Em sua literatura, Gilberto Mattje aborda um dos temas da contemporaneidade e demonstra que compreensão, determinação e perseverança são ferramentas poderosas na superação de problemas. Há uma reflexão para a mudança. Este livro é recomendado a jovens que passam por alguma dificuldade psicológica. Por ser educativo e divertido, pode ser uma ajuda, já que é preciso rir para superar nossos problemas.



Um certo capitão Rodrigo

Autor: *Gabriel Xavier de Melo*



Ilustração:
Lorena do Carmo Vargas



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

Obra de um dos grandes escritores brasileiros, Érico Veríssimo, “Um Certo Capitão Rodrigo” foi editada e lançada no ano de 1970 pela editora Globo. É um romance repleto de emoções e aventuras. A obra retrata as aventuras de Rodrigo Cambará em meio a acontecimentos que abalaram o sul do Brasil no Século XIX. Com chapéu de barbicacho puxado para a nuca, olhar de gavião e a cavalo, Rodrigo Cambará chega a Santa Fé. A trama inicia-se no ano de 1828. Ninguém - no começo - entende a chegada de Rodrigo à cidadela, porém, com o passar do tempo, Rodrigo encanta todos ao seu redor, construindo laços de amizade com vários personagens da obra; e também de inimizades, que chegam quase a custar - lhe a vida. Apaixonado, Rodrigo tem sonhos com a jovem Bibiana, moça prometida ao filho de um nobre, Bento, que chega ao duelo com o Capitão e, por pouco, não o mata. Rodrigo casa-se com Bibiana e tem filhos, um deles é Bolívar, muito querido pelo pai e carinhosamente chamado de “Cambará - Macho”; outra é Anita, que morre em decorrência de complicações no parto. O clímax da história é atingido após esses acontecimentos.

“[...] Foi em fins de abril, num calmo princípio de tarde, que a notícia explodiu na Vila como um petardo. Forças revolucionárias aproximavam-se de Santa Fé para destruí-la.” Neste trecho da Obra podemos perceber que, com forte tendência a guerrear, Rodrigo une-se aos habitantes de sua cidade para defendê-la e, nesse combate com os inimigos, em meio a um tiroteio, o Capitão é alvejado e morto. É nesse ponto, já no final da estória, que o autor transmite para o leitor uma atmosfera melancólica, embasada na perda, pois a trama é construída - e na medida que é construída – com base no apego ao personagem principal, Rodrigo Cambará, que despede-se, aqui, da história. Sem sombra de dúvida, a Obra Um Certo Capitão Rodrigo foi um grande trabalho de Érico Veríssimo, sendo, mais tarde, adaptada para o cinema e TV, transformando-se na novela O Tempo e o Vento, exibida pela Rede Globo. O público-alvo do livro estende-se dos 16 aos 30 anos, com a obra sendo utilizada até os dias atuais em questões de vestibulares por todo o Brasil.



Homem-Formiga inimigo natural

Autor: Cleidson Júnio Batista Barros



Ilustração:
Tales Ibañez Carvalho



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

“Homem-Formiga Inimigo Natural” é uma obra do escritor Jason Starr, da editora Novo Século, que é a editora de vários livros da Marvel, com diversas obras publicadas do universo de filmes, adaptações das histórias dos super-heróis.

Scott Lang (Homem-Formiga) é um pai solteiro, além de ex-vigilante. Ele inicia uma nova vida em Nova York com a filha Cassie, que, por sua vez, começa os estudos no 1º ano do ensino médio. Os dois, pai e filha, possuem diversos interesses em comum.

Devido a um passado tenebroso, um ex-cúmplice de Scott, da época em que cometiam crimes, se mete em um julgamento e o governo manda vários guarda-costas a fim de protegê-los. Esse fato desencadeia problemas emocionais em Cassie.

Cassie, então, é sequestrada, deixando Scott com bastantes preocupações e medo. Scott é obrigado a pegar seu traje de Homem-Formiga para resgatar e garantir a segurança da filha.

Eu indico esta obra, pois, apesar de ser a história de um super-herói, ela não foge à realidade, abordando temas como desespero, segredo, problemas familiares e, também, psicológicos.



Eichman em Jerusalém, um relato sobre a banalidade do mal

Autora: *Sofia Sousa Cartaxo Salgado*



Ilustração:
Larissa Ferreira Chaves



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

Publicado pela Companhia de Letras, em 1963, e escrito por Hannah Arendt, uma filósofa política judaica-alemã, o livro “Eichman em Jerusalém” é uma edição revista e ampliada da cobertura do processo de Eichman, feita pela mesma autora em 1961, para a revista The New Yorker.

Trechos da Obra, como “Em juízo estão seus feitos, não o sofrimento dos judeus, nem do povo alemão, nem a humanidade, nem mesmo o antisemitismo e o racismo”, demonstram um fator importante: o cerne da discussão não é o povo judeu, ou as vítimas; e sim uma análise do acusado e dos seus feitos.

Uma importante observação surge no II capítulo da Obra, ao se fazer uma análise psicológica e emocional do acusado. São análises como “Um homem de ideias muito positivas”, “Seu perfil psicológico é, não apenas normal, mas invejável”. Isso nos leva à seguinte reflexão: como um homem tão “normal” e de “personalidade invejável” é capaz de cometer tais atrocidades.

A “banalidade do mal” é exemplificada em um dos argumentos de defesa utilizado no julgamento: “Se declara inocente com base no fato que, para o sistema legal nazista, [...], não fizera errado; de que aquelas acusações não constituíram crimes, mas ‘atos de estado’, sobre os quais nenhum outro Estado tinha jurisdição”. Essa é a prova de que tanto mal pode ser banalizado, a ponto de tornar-se normal, certo e, até, legalizado. É um livro excelente, recomendado, principalmente, para quem tem interesse por questões sociais e análises das interações humanas.



Memórias Póstumas de Brás Cubas

Autora: Thallianny Kaila Silva da Costa

“Memórias Póstumas De Brás Cubas” é um livro de Machado de Assis, publicado pela editora Desiderata. A obra traz um defunto como narrador, contando a história antes e depois da morte.

A narrativa tem início com a declaração da morte de Brás Cubas. O narrador e protagonista relata suas memórias depois de ter sido vítima de pneumonia. Ele pertence a uma família abastada do século XIX. Brás Cubas narra de início sua morte e seu enterro. Ali apareceram onze amigos. Depois ele relata diversos momentos da vida, eventos da infância, adolescência e fase adulta. Ao narrar a infância, Brás Cubas esboça a relação aristocrata que ele tinha quando era garoto, por meio das brincadeiras e dos caprichos. Nessa relação, podemos notar a superioridade de Brás Cubas, que montava no negrinho. Ele escreve sobre um amigo de escola, Quincas Borba, que, por fim, torna-se um filósofo e desenvolve a teoria do humanitismo. Ainda que isolado de Brás Cubas, o amigo encontra-se com a eterna paixão, às escondidas, numa casa alugada para esse propósito. Neste momento, podemos notar a presença de Dona Plácida, empregada de Virgilia, que esconde todos os encontros da patroa adúltera.

Por fim, Brás Cubas entra para a política e, mesmo desenvolvendo um trabalho medíocre, essa posição lhe oferece certo “Status”, num mundo onde a aparência era o mais louvável.



Deus não está morto

Autor: Davi Inácio Pereira

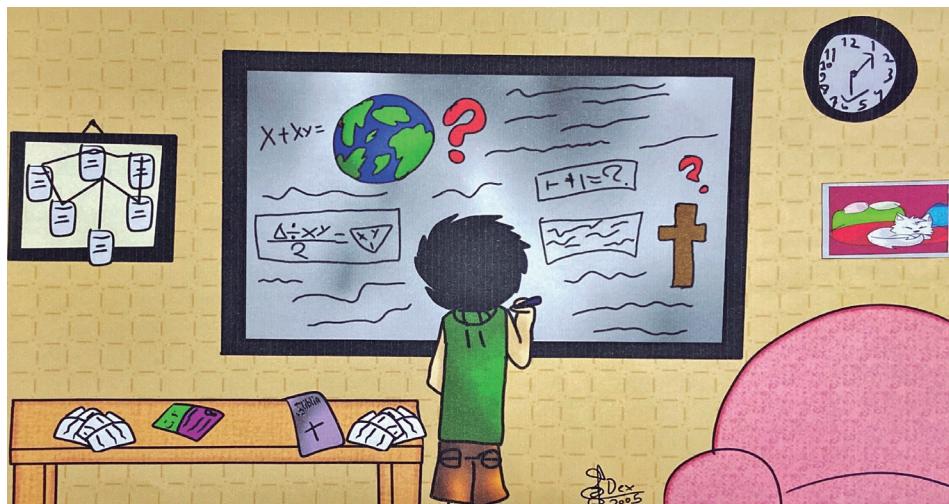


Ilustração:
Matheus Belarmino da Silva



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

O livro “Deus não está morto” retrata provas da existência e da ação de Deus num mundo de descrentes. É uma obra da editora Thomas Nelson, o autor é Rice Broocks, e conta com a tradução de Francisco Nunes, devido ao fato de o livro ser americano.

O livro utiliza, no capítulo 5, o seguinte título “A vida não é um acidente”, capítulo que traz frases da existência de um projetista. Isso porque, segundo a obra, desde o ventre de nossas mães, nós já temos um “porquê” de estarmos aqui, ou seja, um propósito. O projetista, na obra, é Deus.

Em razão de alguns filósofos estarem à procura de respostas para saberem se a vida é ou não é um acidente, eles levantaram o argumento do DNA. Sabemos que no DNA contêm as instruções genéticas que coordenam o desenvolvimento e funcionamento de todos os seres vivos, transmitindo essas informações para cada ser. O desoxirribonucleico (DNA) inteiro de um organismo é denominado genoma e o tamanho do genoma é normalmente expresso como o número de pares de bases que ele contém. Nossa genoma humano empilha-se em 3,1 bilhões de degraus da escada de DNA. A probabilidade de que isso tudo pudesse ter acontecido ao acaso é improvável?

Você já recebeu uma “mensagem de bolso”? Mensagem de bolso é o termo para designar o que acontece quando mandamos ou recebemos mensagens aleatórias, sem sentido. Se eu recebi uma mensagem compreensível de minha mãe como “Já saiu da escola?”, a chance dessa mensagem ter sido digitada aleatoriamente seria astronomicamente improvável. E se fosse uma sentença ordenada de um bilhão de letras? Essa é uma comparação conservadora em relação à informação inteligente no genoma humano, o nosso DNA. Qual a probabilidade de uma mensagem de bolso ter escrito isso? A declaração mais precisa sobre nós como seres humanos é a de que fomos feitos “de modo especial e admirável”, segundo o livro de Salmos 139:14. Assim, de acordo com a hipótese de um projetista, de fato esse DNA não se desenvolveria; diferentemente do que afirma a teoria do suposto “Big – Bang”.

Bill Gates disse que “O DNA humano é como um programa de computador, mas muito mais avançado que qualquer software jamais inventado”, ou seja, se um computador necessita de um co-



mando, o ser humano também necessita, tal como um projetista que traz você a esse mundo para cumprir ou fazer alguma coisa, tendo um propósito na vida.

Esse livro é muito bom para quem quer mais respostas, como “de onde”, “para que”, e “por que” veio a esta vida. Também indica para pessoas que querem crescer na fé. Sua fé não é em vão, graças a Deus!



9. PROJETOS DE LEI

“O Parlamento Jovem Brasileiro - PJB, é uma oportunidade única para os estudantes de ensino médio vivenciarem, na prática, por uma semana, o trabalho dos deputados federais, elaborando projetos de leis e debatendo na Câmara dos Deputados temas de grande importância para o nosso país.

O PJB é um programa que busca contribuir para o desenvolvimento de uma das dimensões de nossa cidadania, que é o conhecimento sobre como se organiza a nossa democracia representativa, a importância da participação e do controle social.

O Parlamento Jovem ajuda a desenvolver habilidades de domínio da linguagem, compreensão de fenômenos, enfrentamento de situações problemas, construção de argumentação e elaboração de propostas, que são as principais competências da matriz de referência do ENEM.

O PJB torna-se uma das grandes ações de educação para a democracia realizadas pela Câmara dos Deputados. Cada jovem que se envolve na elaboração de um projeto de lei tem a oportunidade de obter novos aprendizados e de desenvolver sua cidadania.”

<https://www2.camara.leg.br/a-camara/programas-institucionais/educacao-para-a-cidadania/parlamentojovem>

O trabalho do Parlamento Jovem Brasileiro – PJB foi desenvolvido em sala de aula. Os alunos fizeram comissões que discutiram diferentes temáticas e propuseram leis. Os alunos simularam serem deputados defendendo suas ideias e propostas.

Professora Clara Rosa Cruz Gomes – ARTES.

Projeto do sr. Cristiano José Dantas de Medeiros Junior

*Dispõe sobre acompanhamento
de autista no trabalho e no
ambiente escolar*



Ilustração:
Daniel Neri Rocha



O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Esta Lei propõe que os autistas com maior dificuldades tenham um acompanhante no trabalho.

Art. 2º Nas escolas públicas e particulares brasileiras os alunos autistas devem ser acompanhados obrigatoriamente por educadores voluntários ou educador escolar.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Justificativa

Esta proposta de lei tem por objetivo ajudar o autista no mundo do trabalho e escolar. O autista tem muito potencial e competência e precisaria de um acompanhante para auxiliar em suas tarefas.

À vista do exposto, contamos com o apoio dos Nobres Pares nessa iniciativa.

Sala de sessões, em 7 de maio de 2019.

Deputado jovem CRISTIANO JOSÉ DANTAS DE MEDEIROS JUNIOR

■ Como surgiu a ideia da sua proposição projeto de lei? O que te inspirou?

A minha inspiração foi que, como autista, percebo que nós devemos ter mais cuidado com eles já que são mais sensíveis e alguns lugares não aceitam autistas e isso é inaceitável. Os autistas tem potencial igual ao Einstein e Bill Gates e por isso devemos pensar no assunto de ajudar o autista no mundo do trabalho e escolar.



Projeto do sr. Gabriel Xavier de Melo

Determina a anulação da cobrança de PIS/COFINS e ICMS sobre combustíveis voltados ao transporte público em escala nacional para redução dos preços de passagens.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Este decreto extingue a cobrança de PIS/COFINS e ICMS às empresas de transporte público.

Art. 2º Empresas de ônibus públicos terão auxílio para a compra de combustível, ficando isentas do pagamento de tais imposto.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.



Justificativa

Esta proposta de lei tem por objetivo viabilizar a anulação da cobrança de imposto sobre combustíveis para empresas de transporte público, visando a redução dos preços tarifários.

À vista do exposto, contamos com o apoio dos Nobres Pares nessa iniciativa.

Sala de sessões, em 7 de maio de 2019.

Deputado jovem GABRIEL XAVIER DE MELO

■ Como surgiu a ideia da sua proposição projeto de lei? O que te inspirou?

Eu, Gabriel Xavier, na condição de jovem e cidadão brasileiro que faz uso do transporte público notei que não são justas as tarifas de ônibus cobradas no país, tarifas essas que têm sobre si a incidência de impostos como PIS/COFINS e ICMS.

Diante do que ocorre, vejo-me no dever de trabalhar em prol dos milhões de brasileiros que necessitam do transporte público para se locomoverem aos seus trabalhos, suas casas, seus afazeres. É a partir desse ponto que surge a minha proposição, dando atenção aos preços cobrados e que sempre tendem a aumentar nas passageiros de ônibus do Brasil. Uma pessoa que sai de Luziânia, GO com destino a Brasília, DF, viajando cerca de 50 km de distância, por exemplo, tem que desembolsar mais de R\$ 6,70 para utilizar um serviço que de forma alguma vale o preço cobrado e deve ser mais barato se for concretizada a redução ou anulação da cobrança de PIS/COFINS e ICMS às empresas de transporte público.



Projeto da sr^a. Nataly Santos de Sousa

*Determina que haja maior
segurança ao estudante
durante o percurso da casa para a
escola e da escola para casa.*



Ilustração:
Daniel Neri Rocha



O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Esta lei visa a obrigação de segurança, policiais ou batalhão escolar presentes no trajeto do percurso à escola para evitar assaltos ou qualquer tipo de violência contra os estudantes.

Parágrafo único: No horário de deslocamento do estudante, entrada e saída escolar, fica obrigatório o aumento de segurança para que o aluno se sinta seguro e protegido para estudar.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Justificativa

Esta proposta de lei tem por objetivo evitar o êxodo escolar por causa da violência.

À vista do exposto, contamos com o apoio dos Nobres Pares nessa iniciativa.

Sala de sessões, em 7 de maio de 2019.

Deputada jovem NATALY SANTOS DE SOUSA

■ Como surgiu a ideia da sua proposição projeto de lei? O que te inspirou?

O caminho de percurso da escola é vulnerável a situações como furtos, sequestros e assaltos. É preciso evitar essas ações criminosas onde estudantes das escolas são vítimas. A segurança pública é importante para que o aluno se sinta seguro e queira estudar. Precisamos de policiamento no percurso escolar. Isso evitaria evasão escolar.



Projeto do sr^a. Sara Oliveira Mota da Silva

*Determina o uso obrigatório
de cinto de segurança nos
ônibus públicos*



Ilustração:
Gustavo Luz Salustiano



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º O cinto de segurança passa a ser obrigatório nos ônibus públicos.

Art. 2º As áreas com o índice de acidentes mais altos serão as primeiras a receber os cintos de segurança nos coletivos e, posteriormente, todas as demais áreas.

Art. 3º O governo promoverá campanhas para conscientizar a população do uso obrigatório de cinto de segurança nos ônibus de transporte coletivo.

Art. 4º O Governo propiciará subsídios e recursos financeiros para execução desta lei por ter obrigação de zelar pela vida de sua população.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Justificativa

Este decreto tem como objetivo a segurança e o conforto da população que usam os coletivos públicos de todos os estados brasileiros.

A população em geral deve se conscientizar sobre o uso obrigatório do cinto de segurança e observar que seu transporte será mais seguro e confortável visto que todos os passageiros terão lugar para se sentar.

Esta proposta de lei tem por objetivo dar mais tranquilidade, conforto e segurança a todos os cidadãos que utilizam transporte público todos os dias. Além de diminuir as mortes por acidentes e ferimento dos passageiros que são vítimas de freadas bruscas.

À vista do exposto, contamos com o apoio dos Nobres Pares nessa iniciativa.

Sala de sessões, em 7 de maio de 2019.

Deputada jovem SARA OLIVEIRA MOTA DA SILVA



■ Como surgiu a ideia da sua proposição projeto de lei? O que te inspirou?

A inspiração para esse projeto de lei veio do uso diário do transporte público. Percebe-se que a segurança do transporte é precária. Não existe segurança para os passageiros, caso aconteça um acidente ou freadas bruscas. Muitos passageiros se machucam nos ônibus, que são superlotados e inseguros. Assim sendo, o Governo deveria possibilitar o cinto de segurança obrigatório para todos que utilizam o transporte público.



Projeto do sr^a. Fabiana Sousa Aguiar

Dispõe sobre o direito do trabalhador ao descanso

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Esta lei propõe que as pessoas que estão trabalhando em empresas privadas e públicas terão direito de 30 minutos de descanso, obrigatoriamente, depois de cada duas horas consecutivas de trabalho.

Art. 2º A Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, atual prevê que, para jornadas de trabalho de 4 horas diárias, não é necessário fornecer qualquer intervalo para descanso e refeição. Em jornada de trabalho de 6 horas diárias o intervalo deve ser concedido em um período de 15 minutos. Essa lei visa ampliar o horário de descanso do trabalhador a cada duas horas consecutivas de trabalho.

Art 3º Diante do descumprimento desta lei a empresa será obrigada a realizar o pagamento ao trabalhador no valor de 50% do valor da hora normal.



Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Justificativa

Esta proposta de lei tem por objetivo garantir direito de descanso ao trabalho para evitar problemas de saúde.

À vista do exposto, contamos com o apoio dos Nobres Pares nessa iniciativa.

Sala de sessões, em 7 de maio de 2019.

Deputada jovem Fabiana Sousa Aguiar

■ Como surgiu a ideia da sua proposição projeto de lei? O que te inspirou?

A minha ideia veio por ver pessoas em seus trabalhos esgotadas, cansadas por muitas horas em seus empregos e não terem um momento de descanso ou um intervalo para comer.

É cientificamente comprovado que o nosso corpo precisa de descanso para descarregar as energias. Ignorar essa necessidade é expor o funcionário a doenças laborais e acidentes de trabalho.

Este decreto propõe que todas as empresas públicas e privadas façam intervalo a cada duas horas trabalhadas.



10. DISSERTAÇÃO

A professora Dionísia Maria Oliveira Lopes, de Química, motivou seus alunos a produzirem dissertações com temáticas contemporâneas.

Feminicídio

Autor: Matheus Carvalho da Silva

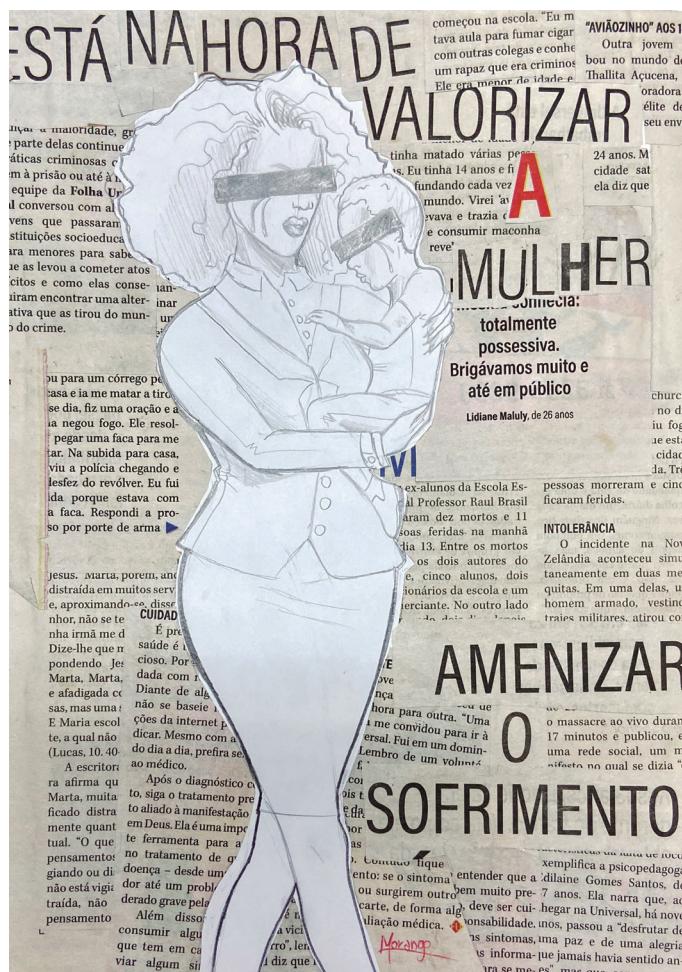


Ilustração:

João Victor Araújo Corado Guedes



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

O feminicídio resulta no crime de ódio direto e injurioso contra pessoas do sexo feminino. Difere do homicídio por suas vítimas serem estritamente mulheres. O homicídio é a execução da vítima independente do seu gênero ou sexualidade.

Em certas religiões a pessoa do sexo feminino não possui voz ou representatividade expressiva dentro de suas instituições. Também em diversos casos correm o risco de serem taxadas como submissas ou inferiores principalmente nas relações heteroafetivas.

Por conta de incontáveis fatores, sendo alguns deles o racismo e o machismo, que estão fortemente impregnados em nosso país, mulheres de características negras morrem apenas por serem o que são e continuarão a ser alvos de feminicídio, independente de sua situação financeira.

A venda de armas, tornando-se algo comercialmente mais acessível, cria um meio agressivo do feminicídio.

A prevenção pela conscientização desde cedo é uma ótima forma de reduzir os futuros números, exorbitantes, de vítimas de feminicídio. Devemos ensinar as pessoas a respeitarem o próximo.



Feminicídio

Autor: Ágape dos Santos Macedo

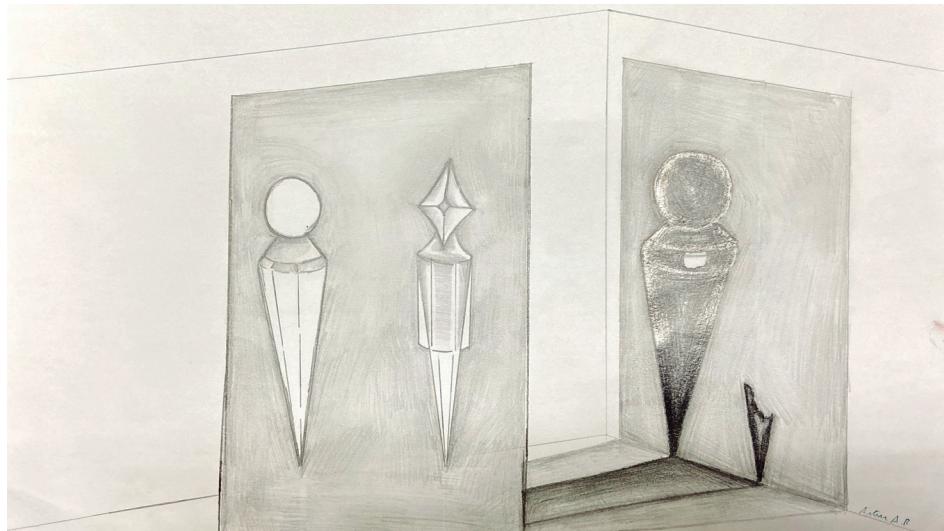


Ilustração:
Arthur Alves Rodrigues



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

O feminicídio tem sido praticado desde épocas anteriores, inclusive na Grécia Antiga e em Atenas, no tempo em que as mulheres não eram consideradas cidadãs e ocupavam uma posição de inferioridade social em relação aos indivíduos do sexo masculino. Tal crime vem se alastrando em várias regiões e tornou-se um impacto imenso à sociedade feminina.

Atualmente, no Brasil, aproximadamente 15 mulheres são assassinadas por dia o que, feitos os cálculos, nos dá algo em torno de 5.475 vítimas de homicídio por ano. Grande partes das mulheres são abusadas e assassinadas dentro dos seus lares.

A desigualdade dos gêneros entre si levou o “sexo frágil” a lutar pelos direitos devidos a ser humano. Assim, muitas mulheres atingiram seus alvos. Outras, infelizmente, não conseguiram.

Medidas são necessárias para resolver o problema. Leis foram criadas para este tipo de situação, entretanto, deveria haver uma vigilância precisa em diferentes tipos de setores, principalmente nas comunidades onde o assédio às mulheres tem reinado. Uma maior vigilância poderia amenizar a situação desses casos preocupantes em que várias pessoas estão expostas. Também, boa educação nas escolas pois Immanuel Kant dizia: “o ser humano é aquilo que a educação faz dele”. Segundo Benneditto Croce, “a violência não é força, mas fraqueza, nem nunca poderá ser criadora de coisa alguma, apenas destruidora”.

Segurança, educação, leis e medidas preventivas para combater qualquer tipo de violência e acabar com o feminicídio.



Feminicídio no Brasil

Autora: *Jamily Zampiva do Nascimento*



Ilustração:
Daniel Neri Rocha



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

Atualmente o Brasil é o quinto país que mais comete violência contra a mulher. O femicídio ou feminicídio foi um termo criado pela feminista Diana E. H. Russel para descrever e dar nome ao ato de ódio baseado no gênero, no caso, o feminino.

Hoje em dia cerca de doze mulheres são assassinadas por dia no Brasil e quinhentas sofrem agressões físicas, verbais e psicológicas. Há alguns meses houve um caso que chocou o país, a morte da advogada Tatiane Spitnzer.

Tatiane foi agredida pelo seu marido durante a madrugada do dia vinte e dois de julho de dois mil e dezoito. Ela foi agredida por mais de vinte minutos e entre outras agressões foi vítima de asfixia. Durante as agressões, a mesma gritou e não foi socorrida. Foi espancada da garagem do prédio até dentro do seu apartamento, onde foi arremessada pela sacada e veio a óbito.

Muitos se perguntam o por quê das mulheres deixarem de denunciar agressões ocorridas. Muitas vezes, a mulher acredita que o companheiro irá mudar, que ele será uma pessoa melhor e voltará a ser como antes, quando iniciaram o relacionamento devido às promessas que fazem, pois o mesmo homem que bate e machuca, no outro dia entrega flores e diz que não vai mais proceder agressivamente, o que deixa a mulher num dilema: separação ou esperança de mudança?

Na noite do dia vinte e dois de julho, Tatiane poderia ter sido salva ou socorrida. Cabe a nós, como cidadãos, denunciar esse tipo de agressão física ou moral. O fato de denunciar não significa que você está se metendo na vida de outros ou se envolvendo onde não deveria. Esses casos merecem a atenção do país e do mundo. Vamos nos conscientizar.



11. RELATÓRIOS

O professor Samuel da Rocha Montenegro, de Biologia, produziu frutíferas reflexões a respeito da Genética e da questão racial no Brasil.

Professor Samuel Montenegro, Biologia

Tema:

*O uso da Genética como
ferramenta de segregação
racial no Brasil: a tentativa de
seleção artificial de alelos para
cor de pele branca e
suas consequências para a
população brasileira.*





Ilustração:
Maria Carolina Lopes de Oliveira



Relatório I

Autora: Luisa Rany de Telles Silva

Analisando a história do Brasil, vemos que a segregação racial aconteceu de uma forma não oficial, sendo possível notar um padrão majoritariamente branco ocupando espaços de poder, com privilégios econômicos e sociais.

É notável o trágico contexto em que o Brasil foi construído, levando em consideração a miscigenação, que consistiu na mistura de diversas etnias, buscando sempre o embranquecimento da população, o que causou diversas sequelas na sociedade.

A Eugenia foi uma delas, em que a solução para o desenvolvimento social dependia da exclusão e inferiorização dos negros, o que causaria melhorias na espécie; tudo isso com embasamento científico, motivo pelo qual foi tão bem aceito naquela época.

Nesse sentido, o uso da Genética como meio de determinar as características de um indivíduo teria inúmeros adeptos, visto que o Brasil é um país onde a violência contra o negro é constante e brutal.

Portanto, muitas pessoas optariam por escolher os alelos para cor de pele branca, buscando talvez evitar que seus filhos sofram com o racismo presente nessa sociedade. Entretanto, isso traria sequelas gravíssimas para a população, já que implicaria no desaparecimento da identidade negra no Brasil, transformando o país num local predominantemente branco.



Relatório II

Autores: *Lethícia Sousa Nascimento e
Maria Antônia Aun de Barros Alves Silva*

As relações sociais têm interferência direta na ciência. A seleção natural está diretamente ligada à adaptação e diversidade da espécie humana, que passou por um grande processo evolutivo. Os pesquisadores e líderes, de maioria branca, afirmavam que os negros eram inferiores aos olhos do evolucionismo, baseando-se na sociedade racista brasileira.

Os primeiros humanos surgiram na África. As condições geográficas foram os principais fatores que influenciaram em tais características, como a pigmentação da pele. A expansão humana pelo Globo foi importante para a diversidade de etnias. Pessoas de pele negra eram favorecidas biologicamente em locais com incidência solar maior, ao contrário de pessoas de pele branca, que não possuíam tanta melanina.

Na sociedade atual, as relações sociais das raças influenciam na construção ideológica evolucionista. No Brasil, a supremacia branca considerava a raça negra como um atraso, promovendo uma política de miscigenação que “embranquecia” o Brasil. A vinda de imigrantes europeus era favorecida pelo governo, que cedia diversos privilégios, influenciando-os a vir.

A influência social tem o poder de interferir em fatores biológicos. No Brasil, a segregação racial era presente dentro da política, que criava meios de manter a sociedade predominantemente branca.



Relatório III

Autor: Marcus Paulo Prado Rodrigues

Os avanços tecnológicos disponibilizaram ao ser humano o controle genético de seus descendentes. Contudo, em busca de alcançar um ser humano perfeito, fenótipos fora dos padrões serão perdidos e o preconceito, principalmente racial, ganhará cada vez mais força.

Com a criação das mídias sociais, a difusão de conhecimentos tornou-se instantânea e a de padrões idealizados de beleza também. A reafirmação desses padrões irreais está cada vez mais forte e causando muitos problemas psicológicos ao público jovem. Com a possibilidade de poder escolher como será o seu filho a partir da seleção artificial de alelos, o jovem contemporâneo tenderá a escolher padrões de beleza ocidentais nórdicos, em busca de ter um filho “perfeito” e, de certa forma, eliminando as populações que não pertencem a esses padrões.

No Brasil, onde o preconceito está emaranhado em sua cultura, o poder de escolha de como será seu filho será uma tentativa de ter filhos mais parecidos com celebridades ou pessoas com grande riqueza. Se isso ocorrer irá diminuir a diversidade entre as pessoas e o Brasil, junto ao mundo, estará próximo de um mundo sem beleza individual.

Por fim, em um lugar onde a criação infantil se compara à fabricação de objetos padronizados se reduzirá uma parte da humanaidade chamada diversidade.



Ilustração:
Letícia Dias Ramos



12. PEÇAS TEATRAIS

A questão ou problema escolhido pelos estudantes para ser trabalhado foi criar e escrever uma peça teatral baseada nas obras que são solicitadas pelo Programa de Avaliação Seriada – PAS: “*Um inimigo do povo*” de Henrik Ibsen, 1882, “*Medida por medida*” de William Shakespeare, 1604, os Contos “*Pai contra mãe*”, “*A igreja do diabo*”, “*A cartomante*” e “*O enfermeiro*” de Machado de Assis, “*A desobediência civil*” de Henry David Thoreau, “*Úrsula*” de Maria Firmina dos Reis.

As turmas participaram do Projeto e montaram as peças de teatro: figurino, cenário, sonoplastia, dramaturgia e interpretação. Cada turma escolheu um tema, escreveu a peça teatral e recriou a obra. Feito o projeto teatral, montou-se e apresentou-se a peça na escola.

Alguns estudantes quiseram trabalhar a linguagem audiovisual preparando curtas sobre os temas escolhidos.

Os estudantes sentiram-se motivados pelo texto teatral ser de sua autoria, o que resultou em uma aprendizagem criativa e divertida.

O meu papel foi acreditar nos estudantes, motivá-los, orientá-los, auxiliá-los no estudo da obra.

Professora Clara Rosa Cruz Gomes, Artes.

A INIMIGA DO POVO

Recriação inspirada na obra de Ibsen:

INIMIGO DO POVO

Adaptado (a) por:

Vinícius Gomes de Oliveira, Heloiza Botelho de Souza.

PERSONAGENS:

Dr^a.Stockmann, engenheira da empresa Minério Vale.

Sr. Stockmann, esposo de Dra. Stockmann.

Billing, subeditor do jornal.

Prefeito da cidade.

Petra, professora, filha da engenheira da empresa Minério Vale.

Morten Kill, dono de curtume, pai adotivo do Sr. Stockmann.

Hovstad, editor do jornal A voz do povo.

Aslaksen, impressor do jornal.

Funcionário, da empresa Minério Vale.

Hoster, comandante de navio.

Pessoa 1 e Pessoa 2 (6 pessoas da turma).



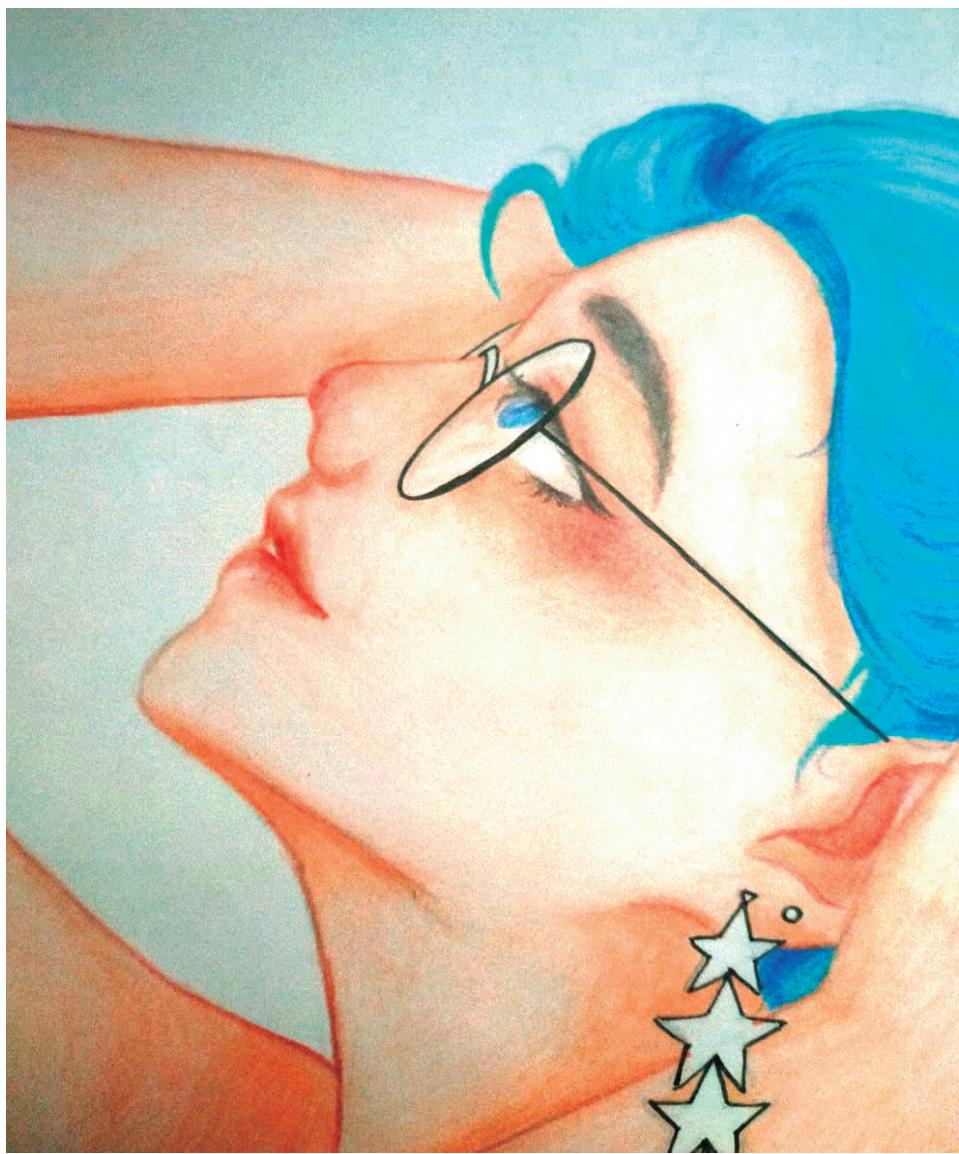


Ilustração:
Helena Luiza de Godoi Voight



ATO I

(Estamos em uma cidadezinha de Minas Gerais, chamada Brumadinho, no ano de 2016. É noite. Sala de estar da residência da Drª Stockmann, estando presente o seu marido, o senhor Stockmann, e Billing, o subeditor do jornal. A Dra. Stockmann acaba de chegar do trabalho.)

Sr. Stockmann: O jantar está pronto, querida!

Drª. Stockmann: Estamos indo!

Billing: Então, como ia dizendo, a doutora não me enviou a matéria sobre a barragem de Brumadinho.

Drª. Stockmann: Era sobre isso o que tinha que te dizer...

(Sr. Stockmann escuta a porta bater.)

Drª. Stockmann: Será o editor do jornal?

Sr. Stockmann: Eu atendo.

(Sr. Stockmann abre a porta e vê o prefeito.)

Sr. Stockmann: Boa noite, cunhado, digo, prefeito.

Prefeito: Boa noite.

Billing: Boa noite. Faz tempo que não o vejo.

Drª. Stockmann: Meu irmão, sente-se, vamos jantar.

Prefeito: Estou bem, já tomei meu chá e comi minhas torradas. Não sei como vocês tem estômago e dinheiro para comer tanto.

Drª. Stockmann: Mas, meu irmão, logo você falando de dinheiro, sendo o prefeito.

Prefeito: Não gasto meu dinheiro com coisas supérfluas. Pelo contrário, investi meu dinheiro na empresa Minério Vale, e hoje, em 2016, a Barragem gera novos empregos todos os dias. E assim, nossa cidadezinha foi valorizada, os turistas a visitam todos os verões.

Drª. Stockmann: Todos nós sabemos o quão importante foi a criação da empresa para a cidade, prefeito.



Prefeito: Tão importante, que faz 2 semanas que a deixei sobre sua direção, irmã. Falando disso, você não é colaboradora do jornal “A voz do Povo”?

Billing: Sim, era sobre isso que estávamos falando antes de sua chegada, prefeito.

Prefeito: Então, ainda não saiu a matéria para impulsionar a notícia da minha Barragem? Esse ano tem eleições e quero me manter no cargo. E você, como minha irmã, precisa me ajudar a conseguir mais votos, fazendo logo essa matéria.

Dr^a. Stockmann: Eu irei escrever a matéria e entregar para o subeditor Billing, apenas estou aguardando um resultado.

Prefeito: Resultado para quê? Minha empresa é um sucesso! Olha, eu já estava de saída mesmo... Espero que seu jornal não me decepcione novamente.

Dr^a. Stockmann: Já vai, meu irmão?

Prefeito: Tchau.

(Prefeito saiu e entra a filha de Dr^a. Stockmann, Petra.)

Petra: Cheguei pai!

Sr. Stockmann: Que saudades, saiu mais tarde hoje?

Petra: Pois é, explicar para dezenas de alunos a importância do meio ambiente em uma cidade em que tudo gira em torno de uma mineradora... Além de ter que corrigir uma pilha de testes.

Dr^a. Stockmann: Boa noite, filha. Você olhou a caixa de correio mais cedo?

Petra: Sim, mãe. Tem até uma carta de um laboratório de São Paulo.

Dr^a. Stockmann: Onde está?

Petra: Aqui, mãe.

(Dr^a. Stockmann pega a carta e lê.)

Dr^a. Stockmann: Não acredito no que está acontecendo.

Sr. Stockamann: O que aconteceu querida?



Dr^a. Stockmann: No que pode acontecer. A barragem de que meu irmão tanto se orgulha está correndo o risco de se romper a qualquer momento.

Petra: Como assim, mãe?

Billing: A população precisa saber disso!

Dr^a. Stockmann: E meu irmão também.

ATO II

(É de manhã, na casa da Dr^a. Stockmann.)

Sr. Stockmann: Bom dia querida, dormiu bem? Falou com seu irmão?

Dr^a. Stockmann: Ainda não, mas ele marcou de estar aqui às 12 horas.

Sr. Stockmann: Então, não se esqueça: ele fica estressado quando contrariam seus planos.

Dr^a. Stockmann: Não se preocupe, já desmarquei todos os compromissos.

Billing: A Doutora acredita que o prefeito vai reagir bem a essa notícia?

Dr^a. Stockmann: Eu fico aliviada de ter descoberto antes de qualquer coisa acontecer, mas acredito que ele não gostará do que eu lhe direi.

Billing: Talvez ele se incomode de você ter descoberto e ele não.

Dr^a. Stockmann: Se for preciso, eu assumo a descoberta junto com ele.

(Dr^a. Stockmann escuta alguém bater na porta e vai abrir.)

Dr^a. Stockmann: Sogro! Entre.

Morten Kill: Bom dia.

Sr. Stockmann: Bom dia, pai!

Morten Kill: Olá filho. É verdade Sr. Stockmann?



Dr^a. Stockmann: O que é verdade?

Morten Kill: Sobre a barragem.

Dr^a. Stockmann: Como o senhor sabe?

Morten Kill: A Petra me contou.

Sr. Stockmann: Pois é, todos nós corremos perigo.

Morten Kill: Principalmente o prefeito. Que boa peça sua mulher vai pregar no seu cunhado, Stockmann.

Sr. Stockmann: Não, pai, é verdade.

Dr^a. Stockmann: Meu irmão é o prefeito e eu sou a diretora da Minério Vale. Jamais faria algo para prejudica-lo, mas me preocupo com a cidade.

Morten Kill: Um perigo que não podemos ver, doutora. Enfim, gosto do que está fazendo, continue minha nora. Eu vou indo, ainda tenho que ir ao supermercado.

(Hovstad chega.)

Hovstad: A que brincadeira ele estava se referindo?

Dr^a. Stockmann: Ele acredita que quero pregar uma peça no meu irmão.

Hovstad: E esse é meu medo, o povo não acreditar.

Dr^a. Stockmann: Temos que acreditar, se não a lama pode acabar com essa cidade.

Hovstad: Eu vejo outra lama que inunda essa cidade. A lama dos políticos, a lama da classe média e alta que se apoia na política para manter seus privilégios, lama que pode sujar o meu jornal. A última vez que me opus a eles, o jornal quase faliu. Nós vamos publicar, mas o impressor do jornal, o Aslaken, não gosta muito de mexer com a classe média.

Dr^a. Stockmann: Aqui está o artigo.

Hovstad: Obrigado, vou indo.

(Prefeito chega.)

Dr^a. Stockmann: Boa tarde, meu irmão.

Prefeito: Boa tarde para quem? Para você, que pelas minhas costas tenta acabar com o meu sucesso?



Dr^a. Stockmann: Como assim? Eu estou apenas do lado da cidade!

Prefeito: Se formos fazer o que você diz ser preciso, teríamos que fechar a mineradora por 2 anos. Você não vai mandar esse artigo para a fiscalização, não é?

Dr^a. Stockmann: É necessário, eles podem nos ajudar. Diferente de você, que não reconhece seu erro.

Prefeito: Você só pensa em você, sempre tentei te colocar em altos cargos, como o da direção da minha mineradora. Acreditava que assim, poderia te influenciar um pouco.

Dr^a. Stockmann: A ideia da mineradora foi minha.

Prefeito: É por isso que você terá que desmentir essa história a todos.

Dr^a. Stockmann: Jamais, eu tenho minha responsabilidade e liberdade de expressão.

Prefeito: Vai, eu sou seu chefe.

(Petra sai do quarto.)

Petra: Não aceite esse abuso mãe.

Prefeito: Olha o que você fez, Paula Stockmann. Sua filha tem as mesmas opiniões subversivas contra os bons costumes. Eu sairei dessa casa.

Sr. Stockmann: Cuidado querida, para não virar a inimiga da cidade, afinal, para que serve a verdade se não se tem o poder?!

ATO III

(Na Redação “A voz do Povo”, um lugar com móveis desgastados e impressoras.)

Hovstad: Billing, leu todo o artigo da Dr^a. Stockmann? Está bom?

Billing: Sim e está avassalador, cada linha está mais forte do que a outra.

Hovstad: Mas esse tipo de gente poderosa não se derruba tão rápido assim. Temos que ter cuidado para que Aslaksen não implique, ele prefere ficar em sua zona de conforto.



Billing: Ele é um frouxo. Você vai publicar essa matéria?

Hovstad: Se o prefeito não ceder, nós vamos ter ao nosso lado a classe média e outros grupos. Se ele ceder, vai perder parte dos acionistas da empresa.

Billing: Isso será uma revolução.

(Dr^a. Stockmann entra.)

Dr^a.Stockmann: Hovstad, pode publicar tudo, ainda tenho material para uns 4 ou 5 artigos.

Hovstad: Aslaksen, temos material.

Aslaksen: Ótimo, só espero que não estejam querendo acabar com a mineradora.

Dr^a.Stockmann: Nada que gente sensata não fique do nosso lado.

Aslaksen: Então, amanhã mesmo a notícia estará nas ruas.

Dr^a.Stockmann: Estou ansiosa, ansiosa para tirar toda essa lama conservadora que banha a cidade, para que os jovens tenham um futuro melhor. Mais tarde passo de volta para revisar. Aslaksen, cuide bem do artigo.

(Dr^a. Stockmann e Aslaksen saem.)

Billing: Deveríamos nos livrar de Aslaksen.

Hovstad: Porque não temos quem gaste tinta e papel por nós.

(Billing sai e Aslaken chega.)

Aslaken: O prefeito quer falar com senhor.

Hovstad: Bom dia prefeito. Olá. Como está o dia?

Prefeito: Está complicado, ainda mais por um tal artigo.

Aslaken: Hovstad, onde estão os escritos?

Hovstad: Em cima da mesa.

Prefeito: É sobre esse mesmo, sobre o suposto risco da barragem. Aslaken você deve saber da opinião da classe média.

Aslaken: É, eu sei.

Prefeito: O país está em crise, a população terá que se sacrificar, porque para bancar as reformas na mineradora que a engenheira Stockmann propõe teremos que tirar dinheiro dos cofres públicos.



Hovstad: E os acionistas da empresa?

Prefeito: Eles não vão querer gastar mais.

Aslaken: Você acha que a Doutora está fantasiando?

Prefeito: Sim, tanto que escrevi outro artigo imparcial, o único aceito.

Billing: A doutora está chegando!

Prefeito: Nossa, ainda preciso falar com vocês.

Aslaken: Vá para outra sala, prefeito.

Dr^a. Stockmann: Aslaken, terminou de imprimir a primeiras edições?

Aslaken: Ainda não.

Dr^a. Stockmann: Eu vou voltar aqui quantas vezes for preciso. Uai, o boné do prefeito está aqui? Ele veio subornar vocês? Inútil! Vocês estão do meu lado.

Prefeito: O que está acontecendo aqui? Devolva meu boné.

Dr^a. Stockmann: Devolver para você que veio lutar contra mim, às escondidas? Não adianta, Hovstad e Billing estão do meu lado.

Prefeito: Hovstad, terá coragem de ficar do lado dessa subversiva?

Hovstad: Jamais prefeito. Depois que o senhor me explicou a situação, estou do seu lado. Não vou publicar este artigo.

Dr^a. Stockmann: Como assim? Confieia em você o tempo todo.

Hovstad: O jornal poderá falir. Vamos publicar a versão do prefeito que apenas esclarece a população de que, com poucos recursos, poderá resolver esta situação.

Dr^a. Stockmann: Isso será apenas uma maquiagem.

Prefeito: A palavra agora estará com o homem, como sempre. Devolva meu boné.

(Dr^a. Stockmann deixa o boné na mesa.)

Dr^a. Stockmann: Vocês podem não ficar do meu lado, mas a cidade toda irá saber do que está ocorrendo.



ATO IV

(Na casa da Dr^a.Stockmann.)

Sr. Stockmann: Oi querida, chegou mais cedo?

Dr^a. Stockmann: Pois é, minha matéria não será mais publicada!

Sr. Stockmann: Por quê?

Dr^a. Stockmann: Porque o prefeito fez a cabeça de todos.

Sr. Stockmann: Você irá desistir?

Dr^a. Stockmann: Jamais, quero que toda a população saiba do perigo.

(Na manhã seguinte. Alguém bate na porta cedo.)

Dr^a. Stockmann: Quem será tão cedo?

Sr. Stockmann: Está esperando seu irmão?

Dr^a. Stockmann: A última pessoa que bateria aqui seria ele. Vou ver quem é.

Funcionário: Bom dia, Dr^a.Stockmann?

Dr^a. Stockmann: Sim, eu mesma.

Funcionário: A Minério Vale mandou-me entregar-lhe esta carta.

Dr^a. Stockmann: Obrigada, bom dia. (Ela lê em voz alta a carta): A Minério Vale, informa que, pelo descumprimento de valores éticos e políticos da empresa, a Dr^a. Stockmann fica demitida por justa causa do cargo de Direção Geral das Barragens. Agradecemos todo o trabalho desenvolvido durante os anos que esteve conosco.

Sr. Stockmann: Como assim? Aposto que seu irmão está metido nessa demissão.

Dr^a. Stockmann: Não acredito que isso esteja acontecendo. Meu irmão fazendo isso comigo? E agora? O que vamos fazer?

(Um mês se passa.)

Sr. Stockmann: Nada querida?

Dr^a. Stockmann: Nada, há um mês eu procuro emprego, e mesmo tendo doutorado em Engenharia Civil, o prefeito manchou minha carreira para a cidade toda.



Hoster: Complicado....como vocês vão pagar o aluguel esse mês?

Sr. Stockmann: Esse é o problema.

Hoster: Vocês são meus amigos desde o colegial, sabem o quanto eu gosto de vocês. Eu sei que está sendo difícil e, justamente por isso, quero oferecer minha casa para vocês.

Dr^a. Stockmann: Não podemos aceitar.

Hoster: Pensem bem, além de não precisarem pagar o aluguel, lá na minha casa podem fazer a audiência pública, pois moro em frente à praça central. Aqui está a chave, podem ir quando precisarem.

Sr. Stockmann: Obrigado.

(Dois dias se passam.)

Hoster: Bom dia amigos.

Dr^a. Stockmann: Bom dia... você sabe que, se pudéssemos, não íamos vir morar com você, invadir sua privacidade.

Sr. Stockmann: Não sei como te agradecer.

Hoster: Vocês serão sempre bem-vindos aqui.

Dr^a. Stockmann: Hoje mesmo a audiência pública irá ocorrer, e todos da cidade irão saber a verdade.

ATO V

(Na praça pública.)

Dr^a. Stockmann: Estou aqui nessa manhã, para informar e defender os resultados encontrados após análise dos resultados da pesquisa. A pesquisa revela a possibilidade de a Barragem de Brumadinho se romper a qualquer momento.

(As pessoas param para ouvir.)

Pessoa 1: E aquela informação que saiu no artigo do jornal?

Dr^a. Stockmann: esse artigo foi manipulado e a realidade foi maquiada pelas mãos do prefeito. Ele mostrou apenas parte da verdade para vocês, porque ele quer se reeleger.



Pessoa 2: Eu trabalho na mineradora, nunca vi risco.

(Prefeito chega de repente.)

Prefeito: É mesmo. Essa aí, meu povo, é minha irmã. Eu a ajudei colocando-a para trabalhar na minha empresa, mas sua inveja foi maior do que o seu agradecimento. Pelas minhas costas inventou tal pesquisa para acabar com o meu governo e com os empregos. Ela quer ver a cidade no buraco, pois quer que eu vire o inimigo do povo. Estamos, sim, fazendo melhorias na segurança da Barragem, mas se fossemos fazer o que ela quer, teríamos que interditá-la por 2 anos. Ela é a inimiga do povo.

(o povo vaia a Doutora.)

Prefeito: Vaiem, valem.

(Sr. Stockmann tenta tirar sua esposa da multidão.)

Sr. Stockmann: Vem, querida.

Dr^a. Stockmann: Eu vou denunciar, todos vão saber.

(7 dias se passam.)

Sr. Stockmann: Achei que iam parar de se manifestar aqui na porta após os 3 dias.

Dr^a. Stockmann: É porque hoje a notícia está em todos os jornais e o povo está revoltado.

Sr. Stockmann: Temos que conseguir um lugar fora daqui. Apenas espero que não aconteça nenhuma tragédia em Brumadinho no futuro.

Dr^a. Stockmann: E nós iremos embora. Afinal, quem diz a verdade nessa cidade vira a inimiga do povo.

(Finaliza com o vídeo da entrevista com a Dr^a. Stockmann em 2016 e em 2019).



A IGREJA DO DIABO

Adaptação de:

CARTOMANTE, M. Assis
A IGREJA DO DIABO, M. Assis
O ENFERMEIRO, M. Assis
PAI CONTRA MÃE, M. Assis

Adaptado (a) por:

Gabriela Santos da Costa; Naiza Keilane Lima Clemente; Natasha da Silva Cunha; Giovanna Nobrega Campos de Oliveira; Ruan Gomes Martins.

PERSONAGENS:

Diabo I
Diabo II
Deus
Cartomante
Camilo
Coronel Felisberto
Enfermeiro Procópio
Irmão de Procópio
Tia Mônica
Clara
Candido
Arminda
Senhor
Rita
Vilela
Ancião



CENA 1

(O Diabo, em certo dia, teve a idéia de fundar uma igreja.)

Diabo I: Vou, então, fundar minha igreja. Escritura contra Escritura, breviário contra breviário. Terei a minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novenas e todos os demais aparelho eclesiástico. O meu credo será o núcleo universal dos espíritos, a minha igreja uma tenda de Abraão. E depois, enquanto as outras religiões se combatem e se dividem a minha igreja será única; não acharei, diante de mim, nem Maomé, nem Lutero. Há muitos modos de afirmar; há só um de negar tudo.

(Acessos de ódio, ásperos de vingança.)

Diabo I: É hora, pois, de comunicar a Deus minha ideia e desafiá-lo.

(BLACKOUT).

CENA 2

(Deus recolhia um ancião, quando o Diabo chegou ao céu.)

Deus: Que me queres tu?

Diabo I: Não venho pelo vosso servo Fausto, mas por todos os Faustos do século e dos séculos.

Deus: Explica-te.

Diabo I: Vou edificar uma hospedaria barata; em poucas palavras, vou fundar uma igreja. Estou cansado da minha desorganização, do meu reinado casual e adventício. É tempo de obter a vitória final e completa. Vim dizer-vos isto, com lealdade, para que me não acuseis de dissimulação... Boa ideia, não vos parece?

Deus: Diga-me, desde já, por que motivo, cansado há tanto da tua desorganização, só agora pensaste em fundar uma igreja?

Diabo I: Só agora concluí uma observação, começada desde alguns séculos. E é que as virtudes do céu são em grande número. As rainhas, cujo manto de veludo é rematado em franjas de algodão. Ora, eu me proponho a puxá-las por essa franja, e trazê-las todas para minha igreja.



Deus: Tudo o que dizes ou digas está dito e redito pelos moralistas do mundo. Degas-me, então, como trará este povo para tua igreja?

Diabo I: Trarei para minha igreja novas virtudes. Virtudes aceitas serão substituídas por outras, as naturais e legítimas. A soberba, a luxúria, a preguiça, a avareza. A inveja será a virtude principal, origem de prosperidades infinitas; virtude preciosa, que chegará a suprir todas as outras, e ao próprio talento. A fraude será o braço esquerdo do homem.

Deus: Diga-me, mais ainda, porque este povo lhe seguirá?

(BLACKOUT.)

CENA 3

Diabo I: Basta tu olhares para estas pessoas. Este casal, Rita e Vilela, contar-lhe-ei que encontrarão um velho amigo de infância e Rita começará a se envolver com este amigo, Camilo, e um triângulo amoroso será criado. Camilo, que seria grande amigo de Vilela, se afastará, mas Vilela enviará uma carta convocando Camilo para uma reunião em sua casa. Desesperado, após receber o bilhete, Camilo irá em busca de uma cartomante.

Cartomante: As cartas dizem-me... Não tenhas medo de nada! Nada acontecerá nem a um, nem a outro. É indispesável muita cautela, pois fervem invejas e despeitos. Há também um laço, um laço de amor muito forte entre tu e Rita, moça bonita e respeitosa!

Camilo: A senhora restituiu-me a paz!

Cartomante: Vá, vá.

Diabo I: Vilela acaba por descobrir a traição de Rita por Camilo.

(Na casa de Vilela.)

Vilela: Por que você fez isso comigo? Você me traiu com meu melhor amigo.

Rita: Eu agi sem pensar. Desculpa-me, por favor.

Vilela: A traição não tem perdão.



(Vilela mata Rita com um tiro.)

Diabo I: Camilo irá ao encontro de Vilela. Ao chegar a casa, ele se depara com Rita assassinada.

Camilo: (Correndo até Rita.) Ah, meu Deus! Você a matou, por que fez isso?

Vilela: Porque vocês dois são traidores e você também morrerá, desgraçado. Camilo toma dois tiros do amigo de infância, também caindo morto no chão.

(BLACKOUT.)

CENA 4

Deus: Tu dizes então que levará todos estes frutos incertos para tua igreja?

Diabo I: Levarei, mas se tu ainda não acreditas em minha palavra, tão pouco que irão me seguir, lhe contarei agora sobre estas pessoas e tu mesmo verás como me seguirão.

Diabo I: Conta-lhe-rei a historia de um enfermeiro que cuidará de um senhor muito rico, Coronel Felisberto, homem exigente e insuportável. Ao chegar a casa, o enfermeiro, Procópio, foi mal recebido.

(....)

Coronel Felisberto: O que está fazendo pisando em minhas terras, na minha varanda?

Enfermeiro Procópio: Vim trabalhar como enfermeiro.

Coronel Felisberto: É bom que saiba: nenhum dos enfermeiros que tive permaneceu aqui por muito tempo. Eram imprestáveis, respondões e andavam ao faro das escravas; dois eram gatunos, você é gatuno?

Enfermeiro Procópio: Não, senhor.

DIABO I: Porém, sua felicidade durou apenas sete dias. Então, tudo se transformou: começaram injúrias, xingamentos e humilhações. A convivência com o Coronel se tornara cada dia mais insuportável, não sabendo ao certo se pelas doenças que o acometiam ou se pela maldade. Na noite de vinte e quatro de agosto, o coronel



teve um acesso de raiva, brigou e disse-lhe muito nome ruim, ameaçou-o de um tiro e acabou atirando nele um prato de mingau. O prato foi cair na parede onde se fez em pedaços. Nessa mesma noite, após um segundo ataque nervoso do velho, Procópio não aguentou as agressões físicas e partiu para cima de Felisberto, enganando-o. Após esse fato, se sentiu muito culpado. Com a morte do Coronel, por ironia, todos os bens do Coronel são deixados para o enfermeiro.

(.....)

Irmão de Procópio: O Coronel morreu! Ele estava doente, não estava? Você poderá ficar com a herança, já que estava cuidando tão pacientemente do velho até o momento de sua morte.

Enfermeiro Procópio: Não sei. (e foi indo embora, se sentindo arrependido.)

Diabo I: Ele começara a receber vários elogios das pessoas da pequena cidade do interior, por ter tido muita paciência com o Felisberto. O enfermeiro acaba se auto enganando com toda a fama de generoso que ele ficou na pequena cidade e acaba acreditando que ele era tudo aquilo de bom que as pessoas falavam.

CENA 5

Diabo II: Retorno a dizer-lhe que todas as virtudes: a Ira, a Fraude, a Luxúria serão bases de minha igreja. E tu achas que este povo não me seguirá?

Deus: As pessoas encontrarão ofícios e atividades, o que, consequentemente, não os levarão a seguir-lhe, não achas?

Diabo II: Tu me lembraste de Candido Neves... Suponho que já conheça sua história?

Deus: Conte-me.

(BLACKOUT.)

Diabo II: — Depois de tentar, sucessivamente, os ofícios de tipógrafo, comerciante e entalhador, tornou-se caçador de escravos. Conhecera uma moça chamada Clara que lhe trouxera vários dese-



jos, sendo um deles constituir uma família. Clara, que morara com a tia, ao engravidar ouvirá que os tempos não eram fáceis.

(....)

Tia Mônica: Vocês, se tiverem um filho, morrem de fome!

Clara: Deus nos há de ajudar, titia.

Diabo II: Cândido Neves, logo que soube daquela advertência, foi ter com a tia, não áspero, mas muito menos manso que de costume e lhe perguntou se já algum dia deixara de comer.

Cândido: Nunca deixamos de ter o nosso pão!

Clara: Bom, disso eu sei, mas somos três e seremos quatro.

Cândido: Que quer então que eu faça, além do que eu faço?

Clara: Não fique zangado; não digo que você seja vadio, mas a ocupação que escolheu é vaga. Você passa semanas sem vintém.

Cândido: Sim, mas lá vem uma noite que compensa tudo, até de sobra. Deus não me abandona, e preto fugido sabe que comigo não brinca; quase nenhum resiste, muito entregam-se logo.

Diabo II: A criança nasceu. Era um menino, e, com muita relutância, Cândido se dirigiu ao local onde ficava a Roda dos Enjeitados, um orfanato. No caminho, deparou-se com Arminda, uma mulata que ele procurava há tempos. A devolução dessa escrava lhe traria a recompensa de cem mil-reis, dinheiro suficiente para suprir-lhe todas as necessidades. Apressadamente, deixou a criança em uma farmácia cujo proprietário conhecera na véspera e partiu na perseguição da escrava.

Cândido: Te peguei, maldita! Tu me renderás cem mil réis!

Arminda: Estou grávida, meu senhor! Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Solte-me, meu senhor moço!

Cândido: (Sentindo pesar.)

Diabo II: Chegou, enfim, arrastada, desesperada, arquejando. Ainda ali ajoelhou-se, mas em vão. O senhor estava em casa, acudiu ao chamado e ao rumor.



Candido: Aqui está a fujona!

Senhor: É ela mesma. Tome aqui sua recompensa, meu caro rapaz.

Diabo II: No transe da luta para livrar-se, a mulher acabou abortando. Cândido recebeu o dinheiro da recompensa, apanhou o filho com o farmacêutico e voltou para casa com o menino.

Diabo: Não vê? Todos eles adoram o pecado, o cometem a todo instante e eu os darei livre arbítrio para que os façam, ao contrário de tu.

Deus: Vá e fundes tua igreja. (Convencido e impaciente.)

(BLACKOUT.)

CENA 6

(Apesar do êxito de sua igreja, Diabo começa a encontrar controvérsias e reclamações.)

Diabo II: As pessoas estavam podendo ser exatamente como elas são. Fazer o que elas bem queriam, o que mais elas estariam querendo? (Entrando no céu, possesso de raiva.)

Diabo II: Meu plano era perfeito. Eu dei tudo o que esses humanos queriam. Eu dei a liberdade deles odiarem quem eles quisessem, de olhar para o próprio umbigo. Eu dei o mundo para eles! Mas, mesmo assim, com tudo isso, por que não deu certo? Por que esses infelizes nunca estão satisfeitos. A minha igreja não deu certo. Por quê? (dirigindo o questionamento para Deus.)

Deus: Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? Está é a eterna contradição humana! (Rindo, dando tapinhas no ombro do Diabo como se ele fosse um coitado perdedor.)



CONTOS MACHADIANOS EM MEDIDA POR MEDIDA

Adaptação e recriação das seguintes obras:

CARTOMANTE, M. Assis

A IGREJA DO DIABO, M. Assis

O ENFERMEIRO, M. Assis

PAI CONTRA MÃE, M. Assis

MEDIDA POR MEDIDA, Shakespeare

Adaptado (a) por:

Flávia Evelin Barbosa Oliveira Torres de Castro, Luiz Phelipe Moreira Ribeiro, Robert Marley Sores Duarte, Sofia Sousa Cartaxo Salgado, Júlia Vitória Nascimento de Jesus Souza, Larissa de Souza Holanda Pereira.

PERSONAGENS / ELENCO

DE SHAKESPEARE:

Vicentio/Frei Ludovico/ Duque
Ângelo (substituto)
Éscalio
Claúdio
Lúcio
Frei Pedro
Delegado
Isabela (irmã de Cláudio)
Mariana (noiva de Ângelo)
Julieta (amada de Cláudio)
Cidadãos

DE MACHADO DE ASSIS:

Cartomante
Diabo
Enfermeiro (procópio)
Candido Neves (pai)





Ilustração:
Laura Costa Aires



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

CENA I

LUZES DO PALCO ACENDEM

M. ASSIS COMEÇA:

(Cartomante entra no palco e se dirige ao público.)

CARTOMANTE: Pois então apresento-me a vós: sou a cartomante, Rua da Guarda Velha, deve ser de teu conhecimento, sem guarnição, (....?) pouca gente passa por ali (....?)

(Pausa, olha para o público em busca de correspondência.)

CARTOMANTE: Bom, seja como for, o cerne da questão é: Rita tem um caso com Camilo, cuja mãe veio a falecer recentemente e ele encontrou conforto em seu bom amigo Vilela e, principalmente, na esposa, Rita. Essa última veio a mim em busca de respostas, apesar de ouvi-las como meras superstições. Camilo também veio a mim em seu momento de tormenta e desta vez eu falhei... E, por isso, sangue foi derramado. Em busca de redenção e para que acreditem em mim, então, agora, revelo a vós o que logo mais há de vir ...

(Vira as cartas de Tarot, e assustada sai do palco; Diabo cai em cena.)

M. ASSIS CONGELA:

CENA II

(Chegada do Duque, pedido/explicação de Isabela sobre Justiça.)

SHAKESPEARE COMEÇA.

(Entram o duque, os nobres e os servos, Ângelo, Éscalo, Lúcio e cidadãos.)

ÂNGELO e ÉSCALO: Feliz retorno, Vossa Real Graça!

DUQUE: Aos dois, meu obrigado. Temos notícias de que foram tão justos que não posso senão dar-lhes graças públicas, mesmo antes de outras honras. Ângelo, seu mérito é enorme e eu erraria se escondesse o quanto mereces, com letras de bronze, um firme lar, contra o ataque do tempo e o apagar do olvido. Vamos dar as mãos, para que o povo veja e saiba bem que tais gestos externos



proclamam favores ainda ocultos. Venha, Éscalo, venha andar junto à minha outra mão; ambos são bom apoio.

(Frei Pedro e Isabela entram.)

FREI PEDRO: Fale alto e se ajoelhe.

ISABELA: Justiça, duque! Volte o seu olhar pra pobre... Oxalá fosse donzela. Não desonre, bom príncipe, até ouvir a minha queixa justa, e me conceder justiça! Justiça!

DUQUE: Fala das queixas. Quais são? Contra quem? Eis Ângelo, que lhe há de dar justiça.

ISABELA: Meu bom duque, queres que eu peça ao diabo a redenção? Ouça-me o senhor o que eu digo ou me punas. Ouça-me!

ÂNGELO: Senhor, temo que tenha a mente enferma. Ela tem implorado pelo irmão que a justiça matou.

ISABELA: Mas qual justiça?

ÂNGELO: O que dizes é estranho e muito amargo.

ISABELA: Muito estranho, porém, falo a verdade: Que Ângelo trai, mata, isso não é estranho? Que esse Ângelo é ladrão, adúltero, hipócrita e violador de virgens, isso não é estranho?

DUQUE: Não, é dez vezes estranho.

ISABELA: Não é mais verdadeiro por ser Ângelo, que tudo isso seja verdade e estranho. Não. É dez vezes mais, pois a verdade sempre é a mesma.

DUQUE: Levem a coitada. Ela diz isso por doença.

ISABELA: Duque, eu lhe peço: assim como acredita que há conforto maior, não me dê seu repúdio com essa idéia de eu ser insana. Não é impossível que o vilão mais maldoso desta terra pareça grave, justo e absoluto como Ângelo. E pode também Ângelo, com todos os títulos e formas, ser um vilão. Creia-me, príncipe.

DUQUE: Honestamente, se é louca – e eu não creio em outra coisa - sua insanidade tem estranho senso.

ISABELA: Meu bom duque! Não teime nisso e nem me mate pela razão de sermos desiguais.



DUQUE: Muitos sãos pensam pior. Muitos que não são loucos, necessitam de mais razão. O que dizes?

ISABELA: Eu sou irmã de Cláudio que condenaram por fornicação a ser decapitado: ordem de Ângelo. Eu fui mandada por meu mano. Lúcio foi o mensageiro.

LÚCIO: Fui eu, senhor. Eu busquei-a por Cláudio, para pedir a ela que tentasse a boa sorte junto a Ângelo para obter perdão para Cláudio.

DUQUE: (para Lúcio) Não pedi que falasse.

LÚCIO: Não, senhor. Nem que me calasse.

DUQUE: Pois, mando agora. Por favor, preste atenção: quando o caso for demanda sua, rogue aos céus perfeição. Talvez ganhes um mandato. Tome tento.

ISABELA: O cavalheiro adiantou o meu caso.

LÚCIO: Certo.

DUQUE: Talvez certo, mas está errado em falar fora de hora.

ISABELA: Fui até esse canalha.

DUQUE: São palavras insanas.

ISABELA: Pois perdoa-me, já que sãos relevantes.

DUQUE: Já se curou. Ao caso, vamos.

ISABELA: Em resumo: pedi, implorei de joelhos, ele recusou-me e eu respondi: “Tudo isso é muito longo”. O vil final eu conto com vergonha e dor. Ele disse-me que não livraria o meu irmão se eu não lhe cedesse a minha castidade ao seu desejo sórdido e famoto. Após longo debate em que me confrontava com a minha honra, cedi. Na manhã seguinte, saciados seus desejos, ele enviou a ordem para cortarem a cabeça de meu irmão.

SHAKESPEARE CONGELA

CENA III

M. ASSIS DESCONGELA

DIABO: Acalma-te. Eu sou o precipício, o “fake news” e a morte. Ninguém caminhará nas trevas, senão por mim. Sou o Diabo,



não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza. Vede-me gentil e airoso. Sou o vosso verdadeiro pai.

DIABO: As virtudes, filhas do céu – que virtudes já não são - são comparáveis a rainhas, cujo manto de veludo findasse em franjas de algodão. Ora, proponho-me puxá-las por essa franja, e fazê-las juntar-se a nós! Minha igreja, em consequência, virá as de seda pura.

DIABO: Não esqueçam! O que vos tinham como pecados capitais, são agora as nossas virtudes mais importantes.

M. ASSIS CONGELA

CENA IV

(Depoimento de Mariana)

SHAKESPEARE DESCONGELA

DUQUE: Não sabe do que fala, ou decidiu atacar a honra dele. A sua integridade brilha sem jaça, e mais, não faz sentido perseguir com violência um erro seu. Se houvesse assim pecado, pesaria o seu mano por si e não o mataria. Alguém a instiga: confesse e diga quem a aconselhou a vir aqui queixar -se.

ISABELA: Só dizes isso? Então, ministros celestiais, dai-me paciência e, com o passar do tempo, mostrem-me o mal que hoje está envolto em bom aspecto! Que o céu o proteja, senhor, enquanto eu, injustiçada, devo sair daqui sem que me creiam.

DUQUE: Oficial! Pra cadeia com ela!

(Isabela é posta sob guarda.)

DUQUE: Quem sabia que irias vir aqui?

ISABELA: Frei Ludovico.

(Sai, sob guarda.)

DUQUE: Quem o conhece?

LÚCIO: Eu, meu senhor. É um frade intrometido; não gosto dele. Se fosse leigo, por certas críticas que fez em sua ausência, eu



lhe dava uns tabefes. Os vi ontem na prisão: é um frade moleque, sujeito à toa!

DUQUE: Fez a mim! Não parece ser bom frade... Ainda incitando essa pobre mulher contra o meu substituto! Achem o frade!

FREI PEDRO: Deus o tenha! Ela, primeiro, acusou falsamente o substituto, tão livre de pecado junto a ela quando ela a alguém que não nasceu.

DUQUE: Nisso creio. Conhece o Ludovico?

FREI PEDRO: Eu o conheço; não vil, e nem ligado ao temporal, como foi dito. E, eu juro, homem que jamais na vida caluniou o senhor.

LÚCIO: Senhor, com vilania, pode crer.

FREI PEDRO: Mais tarde poderá limpar seu nome; mas no momento, está com febre. Quando soube que iria haver denúncia contra o senhor Ângelo, vim para falar, em nome dele, do que sabe ser falso e verdadeiro, e do que jura com boas provas deixar limpo e claro, quando for convocado. Quanto a ela, justificando esse nobre meritório, acusado de forma tão vulgar, ele a refutará perante todos, até que ela confesse.

(Entra Mariana, velada.)

DUQUE: Fale mais. Não vai sorrir, senhor Ângelo? Céus, vaidade do tolo maldoso! Tragam cadeiras. Venha, Ângelo. Eu ficarei imparcial: seja o juiz. É a testemunha, frade? Primeiro, mostre o rosto e depois fale.

MARIANA: Perdão, senhor, mas não mostrarei sem que meu marido peça.

DUQUE: És casada? Donzela? Viúva?

MARIANA: Não, meu senhor.

DUQUE: Ora, então não é nada: nem donzela, nem viúva e nem esposa?

LÚCIO: Quem sabe é puta, senhor; muitas delas não são donzelas, viúvas ou casadas.

DUQUE: Calem esse sujeito! Eu gostaria que ele tivesse motivos de tagarelar.

MARIANA: Senhor, confesso: jamais casei e confesso, também, não ser donzela. Conheço meu marido, mas ele, não sabe ter jamais me conhecido.



LÚCIO: Só estando bêbedo.... só pode ser.

DUQUE: Em favor do silêncio, lamento que você não esteja. Tal testemunha não é pra Ângelo.

MARIANA: Já chego lá, senhor. Aquela que o acusa de fornicação, acusa o meu marido, aponta a hora exata em que esteve nos seus braços. Com os gestos de amor.

ÂNGELO: Ela acusa outro?

MARIANA: Não, que eu saiba.

DUQUE: Que eu saiba, não.

MARIANA: Isso mesmo: é Ângelo, que pensa ser estranho o meu corpo, mas acredita conhecer o de Isabel.

ÂNGELO: Estranho abuso. Quero ver seu rosto.

MARIANA: (Retirando o véu.) Meu marido pediu. Este é o rosto, Ângelo, que certa vez jurou querer olhar. Está é a mão que, por contrato, foi presa à sua; este é o corpo que, afastando Isabel de um tal encontro, o satisfez, na casa do jardim, em seu lugar.

DUQUE: O senhor a conhece?

LÚCIO: Carnalmente, diz ela.

DUQUE: Chega, estúpido!

ÂNGELO: Confesso a conhecer: há cinco anos conversamos sobre casamento, em vão, pois o dote prometido não se concretizou, mas mais ainda porque seu nome ficou maculado por levianidade. E tem cinco anos que não há vejo, falo ou ouço. Juro!

SHAKESPEARE CONGELA.

CENA V

M.ASSIS DESCONGELA

(Enfermeiro entra assustado em cena.)

DIABO: Fale!

ENFERMEIRO: Céus! Estou no inferno?! Não tive intenção de esganar o coronel Felisberto, não tive!



ENFERMEIRO: Se permitir-me a vos explicar, explicarei! Esta-va eu fazendo o serviço ao qual fui designado como enfermeiro, mas este estúrdio homem fora intragável despertando em mim um fermento de ódio e aversão. E já perdido a escassa dose de piedade que me fazia esquecer os excessos do doente, eis que o velho atira a moringa em minha cabeça, eu cego com a dor, sem ponderar, o esganei. Foi uma luta, em que eu, atacado, defendi-me, e na defesa ... Foi uma luta desgraçada, uma fatalidade. Considere também que o coronel não podia viver muito mais, beirava a morte.

DIABO: Detesto arrependimento.

M. ASSIS CONGELA

CENA VI

(Maledicência de Lucio, entrada de Frei Ludovico)

SHAKESPEARE DESCONGELA

(Entram: o delegado, com o duque disfarçado e encapuzado, e Isabela sob escolta).

ÉSCALO: Levem-no pra prisão!

ÂNGELO: O que tem para acusá-lo, senhor Lúcio? Este é o homem de quem falou?

LÚCIO: É sim, senhor. Venha cá, não me conhece?

PADRE LUDOVICO/DUQUE: Lembro-me por sua voz; conheci-o na prisão, durante a ausência do Duque.

LÚCIO: Está se lembrando do que andou dizendo do Duque?

PADRE LUDOVICO/DUQUE: Com a maior clareza.

LÚCIO: É mesmo? O Duque era um gigolô, um tolo e um covarde, segundo o que disse, não era?

PADRE LUDOVICO/DUQUE: Será preciso que troque de pessoa comigo antes de dizer isso de mim. O senhor, assim disse dele, e ainda muito pior.

LÚCIO: Mas que danado! Então eu não o agarrei pelo nariz, só pelo que dizia?



PADRE LUDOVICO/DUQUE: Garanto que amo o Duque como a mim mesmo.

ÂNGELO: Vejam como o vilão quer acertar as contas, depois da traição e ofensa!

ÉSCALO: Onde está o delegado? Levem-no para a prisão! Tranquem-no bem trancafiado, para que não fale mais. Levem as duas, e o outro confederado.

(O delegado segura o Duque.)

PADRE LUDOVICO/DUQUE: Espere, senhor.

ÂNGELO: Está resistindo? Ajude-o Lúcio.

CENA VII

(Revelação sobre Duque, e sobre a verdade)

LÚCIO: Vamos lá! Basta! Ora, seu canalha mentiroso! - Quer ficar escondido, não é? Mostre seu rosto de canalha, para ser logo enforcado! O capuz não sai?

(Arranca o capuz e descobre o Duque).

PADRE LUDOVICO/DUQUE: Vejam só: um canalha faz um Duque. Solte primeiro esses três inocentes. – (para Lúcio) - Não fuja. Você e o frade precisam conversar. Podem prendê-lo.

LÚCIO: Isto pode acabar pior que forca.

DUQUE – (para Éscalo): O que disse eu perdoou; sente agora aí. Tomamos seu lugar. – (para Ângelo) – Dê-nos licença. Tem acaso esperteza ou petulância que agora lhe sirva? Se a tiver...

ÂNGELO: Senhor, seria eu mais culpado que minha culpa se julgassem guardado segredo depois de perceber que Sua Graça viu o que fiz com poderes divinos. Não debata, pois, mais minha vergonha, e tome a confissão por julgamento, sentença rápida e pronta morte.

DUQUE: Aqui, Mariana. Diga-me, tem contrato com essa dama?

ÂNGELO: Tinha, senhor.

DUQUE: Leve-a e case-se com ela agora. E logo após traga-o de volta. Escolte-o, delegado.



(Saem Ângelo, Mariana, frei Pedro e o delegado.)

ÉSCALO: Senhor, me espanta mais essa desonra que o inesperado dela.

DUQUE: Isabel, o seu frade é seu príncipe. E assim como serveus santos interesses, mudando o traje e não o coração, eu continuo agora a seu serviço.

ISABELA: Peço perdão por eu ter abusado e trazido tantas penas a vós.

DUQUE: Está perdoada, aja conosco do mesmo modo. Pesa no peito a morte de um irmão, e há de indagar por que eu, disfarçado, lutei para salvar a sua vida, sem impor, o meu poder oculto. Boa amiga, foi só a pressa célebre da morte, cujo passo eu julgara ser mais lento, que me roubou o alvo. O que desejo é que em paz, onde não se teme a morte, console-se, ele está feliz.

ISABELA: Eu sei.

(Entram Ângelo, Mariana, frei Pedro e o delegado.)

DUQUE: Quanto ao marido que se aproxima, cuja mente quis manchar a sua honra, peço que o perdoe por amor a Mariana. Mas, julgando o seu irmão, tendo ele dupla culpa, violador da santa castidade e inda traidor da palavra que deu, e que deu fim à vida de seu mano, grita a misericórdia que há na lei e obedecendo a mesma: “Morte por morte, Ângelo por Cláudio, pressa traz pressa, e o lazer, lazer; feito por feito, medida por medida.” Ângelo, tão manifesto é o seu crime que negá-lo lhe agrava a posição. Aqui o condenamos à degola que matou Cláudio. Podem leva-lo.

CENA VIII

(Condenação de Ângelo)

MARIANA: Oh, meu bom senhor: Será que irá levar meu marido?

DUQUE: Seu marido que se deixou levar. Zeloso em proteger a sua honra. De outro modo, já que ele a conheceu podia haver quem a recriminasse e assim ceifasse seu bem futuro. E quanto aos bens



que tem, embora por confisco sejam nossos, nós os doamos todos à viúva, para comprar melhor marido.

MARIANA: Senhor, não quero outro, nem melhor.

DUQUE: Já determinamos.

MARIANA: Senhor...

DUQUE: Está perdendo seu tempo. (para Lúcio) – Agora, o senhor.

MARIANA: [de joelhos] - Bom senhor! Isabela, fique ao meu lado, por mim; e a minha vida toda haverei de passar a seu serviço.

DUQUE: É um contrassenso importuná-la assim; se aqui ajoelhasse para implorar-me, o fantasma do irmão rompia o túmulo pra arrebatá-la em horror.

MARIANA: Doce Isabel, ajoelhe-se aqui. Dizem que o homem se molda com os erros, e em geral resultam bem melhores graças ao mal. Para ele, é o que eu desejo. Isabel, não pode ajoelhar-se?

DUQUE: Por Cláudio morre.

ISABELA - (de joelhos): Meu senhor, olhe para este condenado. Eu creio em parte que ele foi sincero. E se foi assim, que ele não morra. O meu irmão só teve justiça, pois morreu pelo que fez. Quanto a Ângelo, seu ato não cumpriu sua intenção; pensamentos não são subordinados e as intenções são meros pensamentos.

MARIANA: Meros, senhor.

CENA IX

(Condenação de Cláudio e descoberta que está vivo.)

DUQUE: Seu pedido é vã. Levantem-se agora. Lembrei que há ainda outro crime. Delegado, por que foi morto Cláudio em uma hora tão estranha?

DELEGADO: Por ordem.

DUQUE: Recebeu documento para isso?

DELEGADO: Não, senhor, foi mensagem reservada.

DUQUE: Pelo que o demito de seu cargo. Dê-me as chaves.



DELEGADO: Perdão, senhor. Julguei ser erro, porém não sabia. E me arrependi. Para prová-lo eu tenho, na prisão, outro que ordem igual executava, mas que ainda vive.

DUQUE: Quem é?

DELEGADO: Bernardino.

DUQUE: Quem dera agisse assim com Cláudio. Vá busca-lo, pois quero vê-lo.

(Sai o delegado.)

ÉSCALO (para Ângelo): Lamento que alguém tão instruído e sábio errasse tão brutalmente pelo desejo, e a seguir, com tal falta de critério.

ÂNGELO: Lamento trazer-lhe sofrimento. Só quero a morte, que mereço e peço.

(Entram o delegado com Bernadinho, Cláudio encapuzado, e Julieta.)

DUQUE: Qual é Bernardino?

DELEGADO: Este, senhor.

DUQUE: Certo falou-me desse homem. Condenado, os seus crimes terrenos eu perdoou, e peço que aproveite esse perdão para viver melhor. Frade, aconselhe-o. E o encapuzado?

DELEGADO: É um prisioneiro que salvei, que deveria morrer junto a Cláudio, muito parecido com Cláudio.

(Tira o capuz de Cláudio.)

DUQUE (para Isabela): Se parece com o seu mano, em sua honra eu o perdoou. E por você dê-me sua mão para dizer que é minha. Com isso, Ângelo vê que está salvo. Creio que vejo um bri-lho em seu olhar. Ângelo, o mal recompensou-o bem. Ame sua esposa. Mas há alguém que eu não perdoou: (para Lúcio) Este me chamou de tolo e covarde, todo luxúria, um asno, um insensato: Onde e quando mereci que assim me proclamassem?



CENA X

(Condenação de Lúcio)

LÚCIO: Na verdade, senhor, só falei segundo a moda; se quiser me enforcar por isso, faça, mas preferia que me açoitassem.

DUQUE: Primeiro açoite; depois a forca. Que seja proclamado na cidade: se houver mulher enganada por ele, grávida, que apareça, para casar-se com ele. Após que ele seja açoitado e enforcado.

LÚCIO: Eu imploro, que não me case com uma puta. Ainda pouco disse que eu o fizera Duque, não me recompense fazendo-me cornudo.

DUQUE: Pela minha honra, há de se casar com ela. Eu perdoou as mentiras, mas levanto outras penas. Que seja preso e lá cumprido o que mandei.

LÚCIO: Casar com uma puta, é morte pior que açoite e forca.

SHAKESPEARE CONGELA

CENA XI

M. ASSIS DESCONGELA

CANDIDO NEVES/PAI: 1906...

(pausa dramática)

DIABO: O que me contas?

PAI: Eu me lembro. (Pausa) A vida fez-se difícil e dura. A carne e o feijão foram faltando. Além de que fui despejado. Assim sucedeu. Pouco depois nasceu a criança. A minha alegria de pai foi enorme e a tristeza também. Tia Mônica insistiu em dar a criança à Roda. Pedi que esperasse, que eu mesmo a levaria. Naquela noite revi todas as minhas notas de escravos fugitivos. Havia lá uma gratificação que subia a cem mil-réis. Tratava-se de uma mulata.

Sai de manhã para procurá-la, mas não a encontrei. Cogitei mil modos de ficar com meu filho; nenhum prestava. Precisava de dinheiro. Fui obrigado a cumprir a ir atrás da escrava. No caminho avistei um vulto de mulher: era a mulata fugitiva. Sai rápido e no



extremo da rua, me aproximei. Eu, com as mãos robustas, segurei-a nos pulsos e disse-lhe que andasse. Pediu-me que a soltasse pelo amor de Deus. Disse que estava grávida! Mas eu não queria demoras. Segui. Chegou, enfim, arrastada, desesperada, arquejando na casa do seu senhor. Ainda ali ajoelhou-se, mas em vão. O senhor estava em casa e acudiu ao chamado e ao rumor. Ali mesmo, o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-reis de gratificação. No chão, onde jazia, levada pelo medo e pela dor, após algum tempo, a escrava abortou. Recebi meu filho com a mesma fúria com que pegara a escrava fujona há pouco, beijando meu filho, entre lágrimas, verdadeiras. (Pausa). Nem todas as crianças vingam, bateu-me o coração.

DIABO: Que coração?! Vamos conversar melhor lá dentro.

(Saem da cena o Diabo e o pai.)

CENA XII

(Pedido de casamento Duque – Isabel)

SHAKESPEARE DESCONGELA

DUQUE: Quem ofende o Duque, merece. Cláudio, restaure bem; seja feliz, Mariana; ame-a, Ângelo. Sou grato, Éscalio, por sua bondade. Delegado, obrigado, o seu silêncio será usado em posto bem mais alto. Perdoe-o Ângelo, por trazer a cabeça de Ragozine no lugar de Cláudio. Cara Isabel, eu tenho uma proposta que pretendo trazer-lhe bem e à qual, o meu é seu e o que for seu é meu. Entremos no palácio, onde há de ver tudo o que do porvir deve saber. (Saem todos.)



ÚRSULA NO TEMPO DE ÚRSULA

Recriação inspirada na obra:

ÚRSULA, Maria Firmina dos Reis.

Adaptado(a) por:

Marcelle Argenta Araújo, Gideão Carlos do Nascimento Santos,
Ana Carolina de Souza Freitas, Natan Cesário Martins Mendes e
Vitória Maria da Conceição Bezerra.

Personagens:

Úrsula

Tancredo

Adélia, mãe de Úrsula

Comendador P

Aurora.

Jamal, escravo bêbado.

Mãe Suzana



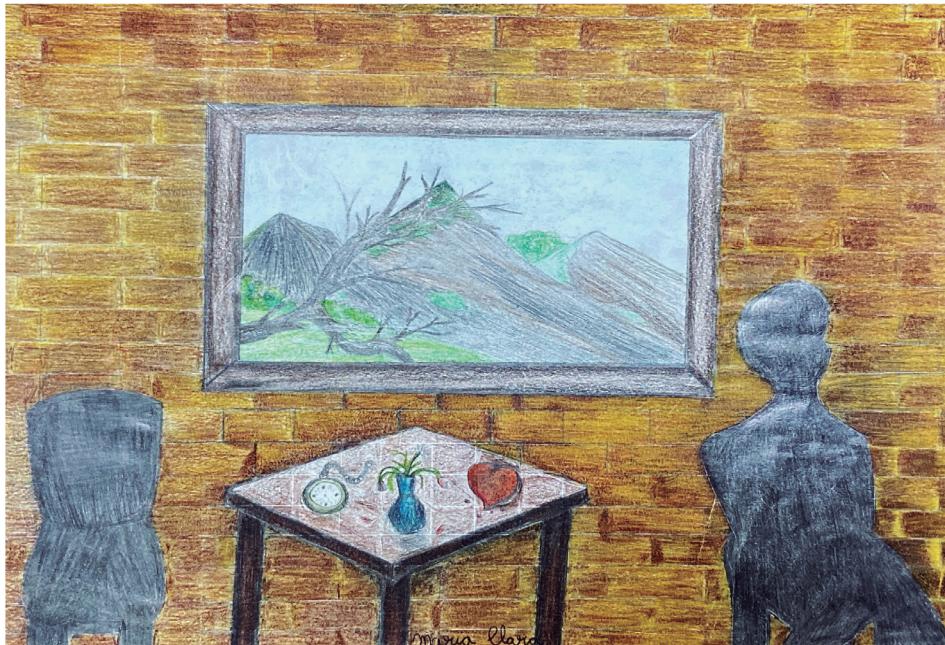


Ilustração:
Maria Clara Souto Silva

CENA 1

Úrsula: Olá Tancredo. Que bom que você se recuperou.

Tancredo: Graças à sua ajuda. Olha, tem uma coisa que quero falar com você:

gostaria de um relacionamento sério?

Úrsula: (Fica feliz). Gostaria muito, mas temos que conversar com a minha mãe.

Tancredo: Eu conversarei com ela.

(Tancredo vai ao encontro da mãe de Úrsula que está costurando).

Tancredo: Bom dia, Dona Adélia. Como está a senhora?

Adélia: Olá, estou bem. O que te traz aqui, Tancredo?



Tancredo: Quero conversar sobre um assunto importante. Gostaria de pedir

autorização para ter um relacionamento com a sua filha.

Adélia: Fico feliz por está gostando de Aurora. Você tem a minha autorizaçāo.

Tancredo: Aurora? (pausa).

(um olha para o outro).

Tancredo: Houve um equívoco, Dona Adélia. Estou apaixonado por sua outra filha, Úrsula.

Adélia: Úrsula? Você acha que conseguiria ser feliz com ela? Ter uma família?

Úrsula não vale a tentativa. (pausa). E que tal a Aurora?

Quanto você quer para ficar com ela?

Tancredo: Dona Adélia, sinto uma pena que a senhora pense assim. Não sou um homem que se venda. Sigo o meu coração.

(sai).

Adélia : (falando para si) Ah! Tancredo, você vai ficar com a Aurora, por bem ou por mal.

CENA 2

Adélia: Aurora! Aurora!

Aurora: O que foi mãe? Estou aqui.

Adélia: Tenho boas notícias. Tancredo quer namorar, talvez até se casar com uma de vocês.

Aurora: Tancredo? Não acredito! Espera... como assim com uma de nós?

(Música Pérolas aos porcos RS).

Adélia: É que...

Aurora: Mãe?!



Adélia: Tá bom, tá bom! Tancredo quer namorar a Úrsula.

Aurora: Úrsula? Eu não acredito! Aquela garotinha intrometida!

Adélia: Aurora, preste atenção, minha filha. Você vai até esse homem e vai seduzi-lo. Vai roubá-lo de Úrsula! Você é a única que poderá namorá-lo.

Aurora: Sim senhora, mãe. Esse homem será meu!

(sai Aurora)

Adélia: Úrsula! Venha aqui agora!

Úrsula: Estou aqui, mãe, do que a senhora precisa?

Adélia: Que história é essa de você ficar perambulando por aí sozinha com o Tancredo?

Úrsula: Mamãe, ele falou com a senhora? Estou apaixonada, mãe. Sinto como se andasse nas nuvens!

Adélia: Chega dessas baboseiras, Úrsula! Você sabe que esse homem não é para você! Ele é um homem de verdade. Boa pinta! E você? Você não é mulher, é só uma garotinha perdida! Sua irmã é a mulher certa para ele.

Úrsula: Mamãe, por favor, não diga isso. Eu o amo! E ele me ama! Nós temos que ficar juntos!

Adélia: - Úrsula! Você está proibida de ver Tancredo.

Úrsula: - Não, mamãe, por favor!

Adélia: - Agora saia daqui! Vá para o seu quarto!

(Úrsula sai chorando).

CENA 3

(Música do Freddie Krueger).

Aurora: Tio! Tio!

Comendador P.: Aurora? O que faz aqui?

Aurora: Preciso de um favor.



Comendador P.: Você sabe que não tenho tempo para essas coisas, Aurora, tenho que trabalhar.

Aurora: É sobre a Úrsula.

Comendador P.: Úrsula? O que tem a Úrsula?

Aurora: Úrsula está apaixonada!

Comendador P.: Não creio! Finalmente! Esperei tanto por esse momento!

Minha querida Úrsula!

Aurora: Não é por você! Ela está apaixonada por Tancredo, o meu pretendente!

E eles querem ter um relacionamento.

Comendador P.: Não! Isso é péssimo! Não podemos deixar isso acontecer. Se for preciso eu até mato o Tancredo! Tudo para ninguém chegar perto da minha

Úrsula! Sonho com o dia em que iremos ficar juntos.

Aurora: Não! Matar não! Você irá assustá-lo, para que fique longe de Úrsula e finalmente fique comigo.

Comendador P.: Farei isso minha sobrinha e lhe mandarei notícias.

CENA 4

(Capoeira com J Amal).

Úrsula: Jamal? Você está aí?

Escravo bêbado: Tô aqui! ... (bêbado)

Úrsula: Você está bem?

Escravo bêbado: Não, Dona Úrsula, nem a máscara de Flandres me fez largar da bebida. Estou cansado de tantos maus tratos, de tanta escravidão.



Úrsula: Deve ser muito difícil ser escravo! Preciso de um favor muito importante. Preciso que você vá até o Tancredo e entregue este bilhete para ele.

Escravo bêbado: O que a senhora quiser, Dona Úrsula.

(Os dois saem. Entram Mãe Suzana e o Tancredo).

(dança de capoeira).

Mãe Suzana: Queria conversar comigo, meu filho?

Tancredo: Sim, preciso de um conselho. Estou apaixonado por Úrsula.

Queremos ficar juntos. Estava esperançoso. Fui falar com a mãe dela mas ela não aceitou. Ela quer que eu fique com a sua outra filha, a Aurora.

Estou com medo dela proibir nosso amor.

Mãe Suzana: Meu filho, sinto muito que esteja passando por isso, mas escute: o amor é inquebrável e inseparável. Se for para vocês ficarem juntos, vocês irão ficar. Tenha paciência, Tancredo, tudo irá se encaixar.

Tancredo: Obrigado Suzana, você sempre foi muito sábia.

(entra Escravo bêbado).

Escravo bêbado: Venho para entregar um bilhete ao senhor Tancredo.

(bêbado).

Tancredo: Bilhete? De quem?

Escravo bêbado: De Dona Úrsula, meu senhor.

(Tancredo olha para Suzana, pega o bilhete e começa a ler)

“Meu amado Tancredo, fui proibida pela minha mãe de vê-lo, mas não consigo me imaginar longe de você. Sugiro que fujamos amanhã de noite para mantermos o nosso amor e ficarmos juntos.”

Tancredo: Ah, não! O que eu mais temia aconteceu. Preciso ir embora com Úrsula, senão nunca nos deixarão em paz. (Tancredo entrega um bilhete de volta para Jamal entregar à Úrsula).



(saem Tancredo e mãe Suzana)

(Entra Comendador P.)

Comendador P.: Jamal? O que está fazendo aqui?

Escravo bêbado: Vim para entregar um bilhete do senhor Tancredo mas já estou de saída.

Comendador P.: Tancredo?! Dê-me isso daí.

(Comendador P: pega o bilhete à força e lê o bilhete).

Comendador P.: Não! Não posso deixar isso acontecer! Terei que matar Tancredo, não poderei deixar que ele fuja com Úrsula!

(Comendador P. segura Jamal pelo braço e sai furioso).

CENA 5

(Entra a Úrsula e a mãe Suzana).

Úrsula: Suzana, preciso de sua ajuda. Amanhã de noite irei fugir com o Tancredo mas não sei como fazer isso e nem se é o certo.

Mãe Suzana: Minha querida Úrsula, não tenha medo. Vá! Fuja! Siga o seu coração. Irei preparar alguns mantimentos para você. (Fala isso segurando as mãos de Úrsula). Tudo vai dar certo!

(Úrsula abraça Mãe Suzana).

Úrsula: Muito obrigada Suzana, a senhora sempre foi uma segunda mãe para mim. É uma pena o que a senhora tem que passar.

Mãe Suzana: Sim minha filha, é muito difícil esses maus tratos, é muito difícil.

Os dias na senzala, parece que nunca irão acabar. Mas o assunto de hoje não sou eu, minha querida, vamos! Você tem que se preparar logo. Tudo terá que ficar perfeito para que nem sua mãe e nem sua irmã desconfiem de alguma coisa.

(as duas saem juntas).

(entra Tancredo)



Tancredo: Úrsula? Você está aí?

(entra Úrsula).

Úrsula: Estou aqui, meu amor.

Tancredo: Meu amor, você está tão linda quanto a luz do luar.

Úrsula: Meu querido Tancredo, espero tanto pelo momento de podermos ficar juntos. Eu preciso que saiba: quero passar minha vida com você, mas para isso realmente acontecer, precisamos agir logo.

(Eles se dão as mãos mas quando tentam sair, o Comendador P. chega).

Comendador P.: Úrsula! Você não pode ir, eu te amo! Você merece ficar comigo, não com esse homem insignificante!

Tancredo: Do que me chamou? Saia daqui, homem senão você irá pagar pelo que disse!

Comendador P.: Não sairei daqui sem a minha Úrsula.

Tancredo: Então lute! Covarde!

(Tancredo e Comendador P. começam a brigar até que o Comendador P. consegue segurar e apertar Tancredo pelo pescoço).

(Úrsula fica gritando enquanto eles brigam)

Úrsula: Parem com isso! Por favor, parem!

(Comendador P. estrangula Tancredo e o mata).

Úrsula: Não! Não! Não! (Úrsula grita muito).

(Comendador P. segura Úrsula no colo à força).

Úrsula: Me solta! Me solta, seu monstro!

(Úrsula chora).

Comendador P.: Seremos muito felizes.

CENA 6

(Aurora entra e vê Tancredo no chão).

Aurora: O que? Não! Isso não pode estar acontecendo! Eu vou matar o Comendador P.



(entra Jamal)

Jamal: Dona Aurora?

Aurora: Jamal? Me ajude aqui! Me ajude aqui!

(Aurora pega o corpo de Tancredo com Jamal e sai chorando).

(entra Úrsula e Adélia)

Adélia: Úrsula, você tem que comer alguma coisa.

Úrsula: Mamãe, aonde está Tancredo?

Adélia: você presenciou a morte dele minha filha

Úrsula: NÃO! levante daí meu amor! Rápido! Temos que fugir! Rápido Tancredo! Nosso ninho de amor está nos esperando!

Adélia: Com quem você está falando Úrsula?

Úrsula: Mãe, eu tenho que encontrar Tancredo, nem que seja do outro lado!

(Úrsula morre)

Adélia: Úrsula meu Deus! O que aconteceu?

(Aurora entra)

Aurora: Úrsula, Acorde. Meu Deus o que aconteceu? Minha irmã morreu.

Adélia: Úrsula?! Úrsula?!

(Entra o Comendador P.)

Comendador P: O que está acontecendo?

Aurora: Você é o culpado de tudo isso!

(Aurora chega bem devagar com um punhal e apunhala o Comendador P. que morre).

(Aurora ajoelha e grita.)

(Adélia fica chorando no corpo de Úrsula)

(há um silêncio).

Aurora: O que eu fiz? O que eu fiz? Agora, eu estou sozinha, Úrsula, Tancredo, meu tio, estão todos mortos!



ÚRSULA NO SÉCULO XXI

Recriação inspirada na obra:

ÚRSULA, Maria Firmina dos Reis.

Adaptado (a) por:

Thais Nascimento Pereira, Davi Lima Barbosa, Júlio Cesar Ferreira de Amorim e Lucas Bizerra Santos.

PERSONAGENS:

ÚRSULA, filha.

TANCREDO, amado de Úrsula.

ANTONIETA, mãe de Úrsula.

PEDRO DAMACENA, pai de Úrsula.

JOSÉ, pretendente de Úrsula.

DOLORES, empregada.

EMBAIXADOR, pai de José.

CORRETOR.

NARRADOR.



CENTRO DE ENSINO MÉDIO ELEFANTE BRANCO- CEMEB

(Dolores estava costurando quando Antonieta desce aos berros.)

Antonieta: Úrsula, quantas vezes terei que repetir que você não irá para a capoeira.

Úrsula: Mas mãe... (logo foi interrompida pela mãe).

Antonieta: Mas mãe nada, você irá para as aulas de piano sem discussões, eu e o seu pai já falamos sobre isso com você.

Úrsula: Eu ainda não entendo porque eu não posso participar da capoeira.

Antonieta: Porque eu já disse inúmeras vezes que isso é coisa de preto da classe mais baixa da sociedade. É assim que você quer que nos veja?

Úrsula: (enquanto caminhava para seu quarto). É assim que nós somos, mãe. Sou mulata, amo minha cultura.

(Úrsula escutava os gritos de sua mãe na sala conversando rigorosamente com seu pai.)

Antonieta: Não aguento mais essa menina com essa história de capoeira. Dê um jeito nisso!

Pedro: O que irei fazer? Irei amarrá-la?

Antonieta: Você tem que tomar providências, pois sabemos que o filho do Embaixador não vai querer casar com ela tendo essas atitudes. Já não basta ser mulata e agora vem essa vontade de ser capoeirista com o argumento de ser sua cultura, me poupe! Aposto que ela está andando com aquele negrinho. Eu já proibi esse Tancredo de vir aqui em casa e falar com a minha filha.

Pedro: Eu também não gosto dele, mas fiquei sabendo que é um bom moço e passou em Direito. Mas prefiro que nossa filha case com o filho do Embaixador. Assim, melhora nossa vida. Ele dará uma casa para a gente morar.

Antonieta: Úrsula não entende que queremos o melhor para ela.

(Úrsula escuta tudo e começa a chorar. Dolores vai ao quarto onde Úrsula se encontra.)

Dolores: Minha filha, esqueça essa história de capoeira, sabemos que sua mãe nunca concordará com isso, muito menos seu pai que faz tudo que ela quer.



Úrsula: Mas, Dolores, eles têm que aceitar. Em pleno século XXI e eles com essa discriminação, sem contar o casamento planejado. Eu amo Tancredo, nós estudamos juntos e depois fazemos capoeira. Ele passou em Direito e eu quero passar em Medicina.

Dolores: Minha filha, o melhor pretendente para você é o outro. Pense na condição financeira. Ele é o mais cortejado da cidade.

Úrsula: Dolores, não acredito que você acredite nestas suas palavras. Você, com esse pensamento medíocre? Por favor, convenhamos, a atitude de meus pais está errada.

Dolores: Se esse casamento não acontecer, vocês irão à falência.

Úrsula: Morar na favela não seria o fim do mundo.

(Dolores, sem dizer nada, sai do quarto.)

Antonieta: Dolores, por favor, faça um jantar especial, pois o pretendente de Úrsula está a caminho.

(O Embaixador chega com o seu filho, cumprimentam os presentes, sentam e ficam conversando com os pais de Úrsula. Segundos depois chega Úrsula com sua saia longa e seu turbante colorido. Todos ficam boquiabertos.)

Antonieta: Úrsula que roupas são estas? Vá se trocar agora.

(Úrsula sai da sala).

Embaixador: Meu filho não irá se casar com ela se continuar com esses modos.

José: O que vão pensar de mim quando me avistarem com essa companhia?

Pedro: Acalmem-se meus caros! Haverá mudança da parte de Úrsula, prometo.

(Úrsula desce deslumbrante com o vestido que sua mãe havia escolhido).

José: Essa sim parece uma mulher honrada, digna de ser minha noiva.

Embaixador: O casamento está de pé.

Dolores: O jantar está na mesa.



Antonieta: Vamos jantar.

(Depois do jantar Antonieta sobe para seu quarto planejando sua fuga.)

Úrsula: (grita) Dolores!!!

Dolores: Sim, senhorita Úrsula..

Úrsula: Preciso de sua ajuda, estou cansada de ser discriminada, estou farta de não me aceitarem do jeito que eu sou.

Dolores: O que você tem em mente?

Úrsula: (Arrumando as malas). Não sei, somente preciso que me ajude a sair de casa.

Dolores: Para onde você irá? Você não pode sair assim sozinha de noite. É perigoso.

Úrsula: Ficarei um tempo na casa dos pais de Tancredo. Daqui a pouco ele vem me buscar.

Dolores: Eu conheço os pais dele e se eles descobrirem que você está fugindo de casa não vão aceitar e a enviará de volta.

Úrsula: Até eles descobrirem, nós já estaremos casados.

Dolores: Tome cuidado e tenha juízo, minha menina. Eu cuido de você desde pequena e vejo que agora você já cresceu. Eu quero tudo de bom para você. Quando seus pais forem deitar eu lhe darei um sinal e você descerá.

(Úrsula assentiu com a cabeça e continuou fazendo as malas. Dolores desarruma a mesa do jantar e logo em seguida os pais de Úrsula sobem para o quarto).

Pedro: Boa noite, Dolores, amanhã será um grande dia: o casamento de minha filha amada.

Dolores: Boa noite, senhor!

(Dolores espera alguns minutos e vai chamar Úrsula que desce com sua mala e abraça Dolores.)

Dolores: Boa sorte! Vá atrás de seu sonho.

Úrsula: Muito obrigada por tudo.



(Encontro de Úrsula com Tancredo. Diálogo e samba de roda.)

Úrsula: Que bom encontrá-lo. Fico muito feliz quando te vejo.

Tancredo: Hoje vamos ouvir um samba de roda. Você irá adorar.

Úrsula: Tenho certeza que sim. Assim, esqueceremos os problemas.

(Som de tambores e danças e Tancredo e Úrsula saem de cena).

(Na manhã do dia seguinte: Dolores acorda com os gritos de Antonieta).

Antonieta: Onde está Úrsula?

Dolores: Não está no quarto, senhora?

Antonieta: Não me faça de palhaça, sei que estavam de conversinhas.

Dolores: Não faço a mínima ideia do que a senhora está falando.

Antonieta: Você está demitida. Não trabalha mais aqui.

Dolores: Tome cuidado com suas palavras. Estou saindo e cuidado para não se arrepender.

Pedro: Que gritaria é essa?

Antonieta: Úrsula fugiu. Nenhuma de suas roupas está no armário. A Dolores ajudou-a em sua fuga. E eu acabei de demitir Dolores.

Dolores: Vou-me embora e tenham juízo.

Pedro: Estamos arruinados.

Antonieta: E agora, o que iremos fazer? Nossa casa está em leilão, nossas dívidas atrasadas e o Embaixador já está a caminho.

(Toca a campainha.).

Embaixador: Bom dia, onde está minha futura nora.

Pedro: Vá direto ao ponto.

Antonieta: Úrsula fugiu.

José: Como assim? Se não houver casamento, acordo cancelado.

Pedro: Por favor, entenda nossa situação.



Embaixador: Sem casamento não terá acordo. (abre a porta e sai).

(Antonieta e Pedro, sem saber o que fazer, sentam no sofá pensativos. Logo em seguida, a campainha toca novamente. O corretor entrega a ordem de despejo e sai).

Corretor: Bom dia. Está aqui a carta de despejo do senhor. Você tem um mês para deixar a casa.

Pedro: É só o que me falta.

Antonieta: Não pode ser. O que faremos?

(Pedro resolve beber e se altera).

Pedro: Encontrarei agora a minha filha.

Antonieta: Você não pode sair assim. Eu irei com você.

Pedro: Irei na casa de Tancredo.

Narrador: Pedro invade a casa de Tancredo e o mata na frente de Úrsula. O pai de Úrsula é preso. Úrsula enlouquece e anda pelos jardins com buquês de flores falando de Tancredo e de seu casamento. “E ela, nesse transe supremo, cruzou as mãos sobre o peito, apertando nesse estreito abraço a florinha seca de sua capela, e murmurou: Tancredo! e, com os lábios entreabertos, onde adejava um sorriso divinal, como um anjo, deu o último suspiro.” A mãe de Úrsula, Antonieta, se redime e pede para morar na casa de Dolores, que a consola.



A DESOBEDIÊNCIA CIVIL

Recriação inspirada na obra:

DESOBEDIÊNCIA CIVIL, Henry Thoreau.

Adaptado (a) por:

Júlia Silva Sampaio, Luiza Dela Pace Santos, Rebeca Barbosa Medeiros Ramos e Vivian Mel Santana Miranda.

PERSONAGENS:

AMÉLIE CHERMONT: líder das mulheres revolucionárias, casada, mãe e feminista.

GASTÓN CHERMONT: marido de Amélie, banqueiro, tradicional e machista.

FRANÇOIS LEROY: pobre, trabalha na fábrica, líder dos revolucionários, amante de Amélie e irmão de Sophie.

SOPHIE LEROY: jovem, pobre, gostava de estudar mesmo não podendo, faz parte das mulheres revolucionárias e é irmã de François.

NARRADOR

JACQUIN ARGENT-ROUSSEAU: rico, pai de Amélie, personalidade importante no país e viúvo.

MARIE ARGENT-ROUSSEAU: falecida, independente, sonhava que um dia todos teriam direitos iguais e é mãe de Amélie.

JEAN PIERRE: trabalhava na fábrica, pobre e melhor amigo de François.

ARNOLD BANKS: machista, contra os direitos iguais, acreditava que os brancos ricos eram superiores e era o dono da fábrica.

REMIL: operário da fábrica.

Revolucionário 1: 6 pessoas da turma no auditório.





Ilustração:
Gustavo Robert Almeida Silva

CENA 1

Briga do casal, Amélie e Gastón

Final de tarde

Gastón: NÃO! Eu não admito que você continue participando desses movimentos revolucionários ridículos. Isso é uma patuscada. Você está sendo conivente com essas mulheres que desrespeitam a superioridade dos homens. Você está proibida de sair desta casa e, se sair, não poderá mais voltar.

Amélie: (tom de briga) Como ousa me expulsar da NOSSA casa, onde nós criamos os nossos filhos?

(Gastón bate em Amélie).



Gastón: FORA DA MINHA CASA E NÃO FALE MAIS NESSE TOM DE VOZ COMIGO!

(Amélie, em prantos, implora para que Gastón não a expulse).

Gastón: FORA!

Amélie: Não me deixe sem os meus filhos, por favor.

Gastón: Eles são meus. Você perdeu o direito de tê-los quando desrespeitou o seu marido. Você deseja ser independente? Então, será independente sem os MEUS filhos. Agora saia dessa casa. AGORA !

(Amélie foi expulsa de casa).

CENA 2

Fábrica

Arnold Banks: (tom de voz firme) Suas tarefas estão no quadro de avisos, se deixarem de executar uma delas, serão demitidos. A fábrica deve abrir às 5 horas da manhã e todos devem estar no portão de entrada pontualmente. Caso não cheguem no horário, também serão demitidos. O trabalho é árduo e sem direito a reclamações; se houver reclamações, haverá demissões. A fábrica deve fechar às 9 horas da noite. O salário é fixo e sem possibilidade de acréscimo. Ninguém mandou nascer em uma família pobre (risos de deboche).

François: (voz de cansaço) Será que um dia isso irá mudar?

Jean: Do que você está falando, François?

François: Será que um dia os pobres terão voz, os ricos nos respeitarão assim como nós os respeitamos?

Jean: Você realmente acredita que um dia todos terão direitos iguais? (risos) Você é um sonhador, o que te faz um tolo. Gostaria de ter a mesma visão de futuro que você tem.

François: Eu acredito. Por que você não consegue?

(Jean risos)

(François sobe na mesa e pega uma ferramenta)



François: (tom de brincadeira) Então vamos começar uma revolução pelos direitos iguais. Você me apoiaria meu amigo?

(Jean também sobe nas mesas).

Jean: (tom de brincadeira) Ora, por que não? Estou com você nessa, amigo.

Rémil: O que vocês dois estão fazendo? Querem que eu conte para o patrão? Vocês deveriam perder o emprego por isso.

(Os dois pulam da mesa).

François: Você acha que puxando o saco do patrão você irá conseguir algo? Não ouviu o que ele disse?

Jean: (risos) Deixa ele, ele não teria coragem.

Rémil: Vocês verão, um dia eu terei.

(Rémil sai de cena).

Jean: Eu acho que você seria um ótimo líder. Já pensou nisso?

François: (fala entre risos) Líder de que? De uma revolução por acaso?

Jean: Por que não?

CENA 3

Amélie encontra a casa de sua amiga e a antiga babá de seus filhos.

Tarde da noite.

Bairro pobre de Paris.

(Amélie desesperada bate na porta da casa de Sophie).

Amélie: Sophie, por favor, abra a porta. É a Amélie Chermont.

François: Amélie? Quem é a senhora? E o que uma mulher de sua classe faz em um bairro como este? É muito perigoso, entre logo.

(Sophie vem correndo de longe).

Sophie: Quem está na porta, François?

François: O que houve? A senhora está bem? Por que choras?

(François e Amélie trocam olhares).



Sophie: Amélie? Está louca? O que faz aqui tão tarde? Sabes que é perigoso.

Amélie: (chorando) O mentecapto do meu marido me expulsou de casa, me deixou sem os meus filhos. Ele é um homem horrível, aquele homem acha que eu sou somente mais um objeto para ele, Gastón nunca me tratou como uma esposa amada. Por que me casei com aquele homem, meu Deus?

François: Desculpe-me a pergunta, mas por que ele te expulsou de sua casa?

Amélie: Por que eu não tenho os mesmos ideais que ele, eu luto pelos meus direitos e ele acredita que isso é falta de respeito a ele.

François: A senhora luta pelos seus direitos? Uma mulher lutando pelos seus direitos? Isso é fantástico! Seu marido deveria se orgulhar e não se envergonhar e nem se sentir desrespeitado. Eu adoraria falar mais com a senhora sobre este assunto. É muito de meu interesse ir apoiá-la em seus ideais mesmo que poucos o façam. Agora, entretanto, tenho que ir descansar pois acordo muito cedo para ir ao trabalho.

Amélie: Eu adoraria. A propósito, não precisa me chamar de senhora, me chame de Amélie. E qual é o seu nome?

François: Me chamo François, François Leroy.

Amélie : (surpresa) Vocês são irmãos?

Sophie: Sim, François é meu irmão mais velho, cuidou muito bem de mim quando nossos pais faleceram. Foi como um pai.

François: Bom, agora tenho mesmo que ir. Foi prazer conhecê-la, Amélie. E sinta-se à vontade. Boa noite, minha irmã. Boa noite, Amélie.

CENA 4

Amélie conversando com Sophie

Amélie: Você nunca comentou sobre ter um irmão.

Sophie: Não costumo falar muito sobre ele, pois tem uma fama ruim.

Amélie: Como assim uma fama ruim?



Sophie: Ele é um revolucionário. Também luta pelos seus direitos e liberdade. Ele luta pelos nossos direitos ... nós, os menos abastados, os pobres.

Amélie: Bem que eu tinha percebido que ele é um homem muito sábio.

Sophie: Ele herdou esta característica de meu pai que também era um homem muito sábio.

Amélie: Ele é um homem muito interessante.

(Sophie risos)

Sophie: Boa noite, Amélie.

Amélie: Tenha uma boa noite, Sophie

CENA 5

Madrugada na casa dos Leroy

François: Ainda acordada, Amélie?

Amélie: Não consigo parar de pensar em meus filhos. Impossível dormir longe deles.

François: Imagino que deve ser bem difícil.

Amélie: Muito. E por que você está acordado?

François: São tantos pensamentos que não me deixam dormir.

Amélie: Pensa na revolução?

François: Sim, mas não é muita desobediência civil?

Amélie: Então, como Henry Thoreau eu digo: “Viole a lei. Deixe que sua vida seja uma contrafrição que pare a máquina. O que eu tenho a fazer é cuidar, de todo modo para não participar das mazelas que condeno.”. Você deve lutar por tudo o que você almeja.

François: Obrigado, tentarei dormir agora. Tenha uma bela noite, Amélie.

Amélie: Obrigada, boa noite.



CENA 6

Fábrica, final do horário de pausa

(10 minutos de pausa)

(François desrespeita o horário).

Arnold Banks: Já para o trabalho, seu animal. Por que você acha que tem direito a mais tempo de pausa do que seus colegas de trabalho? Todos são animais igualmente.

(Arnold Banks chuta o prato de comida de François).

(Jean vira uma das mesas).

Arnold Banks: Qual é o problema com vocês hoje? Os animais não dormiram direito?

François: Não aceito mais isso. Nós temos nomes e exigimos respeito.

(Arnold dá um tapa em François).

Arnold: Não aumente o tom de voz para falar comigo, você é só mais um serviçal.

(François devolve o tapa).

François: Você nos trata como animais, isso não pode mais acontecer.

Arnold Banks: Vocês estão ficando loucos, devem ir presos, devem morrer.

François: LIBERDADE!

Jean: IGUALDADE!

Revolucionário 1: FRATERNIDADE!

(Arnold sai gritando, pedindo ajuda para a polícia).

François: MERECEMOS RESPEITO!

Todos juntos: QUEREMOS DIREITOS!

CENA 7

Sophie chega gritando por Amélie

Sophie: Amélie, você não vai acreditar. A revolução começou, finalmente começou.



Amélie: Preciso pegar os meus filhos e levá-los para um lugar seguro.

Sophie: Então nos encontre na Placedes Vosges.

CENA 8

Amélie encontra seu pai e ele a ajuda

Amélie: Meu pai, por favor, abra, preciso de sua ajuda.

Jacquin Argent-Rousseau: Onde você esteve? Fui até a sua casa para te ver e ver meus netos, mas não a encontrei lá. Gastón me disse que você tinha fugido e largado tudo e todos.

Amélie: Mentirosa, como ele pode dizer isso? Ele me expulsou e não me deixou mais ver os meus filhos. Disse que eu não tinha mais esse direito. Pai, preciso que me ajude. Vá até a minha casa, busque os meus filhos e os traga para sua casa ou para um lugar seguro. Está acontecendo uma revolução e participarei com meus amigos. Preciso lutar pelos meus direitos, preciso lutar pelos direitos de todas as mulheres.

Jacquin: (chorando) Você sempre me deu muito orgulho, minha querida. Tenho certeza de que sua mãe também estaria muito orgulhosa, você me lembra muito a Marie, minha querida Marie. Vá, realize o sonho de sua mãe, seja feliz. Irei buscar os meus netos.

Amélie: Muito obrigada, meu pai. Eu te amo tanto.

(os dois se despedem).

CENA 9

Revelação de amor entre François Leroy e Amélie.

François Leroy: Admiro sua luta pelo sufrágio feminino. Tem uma coisa que quero revelar para você. Eu gostei de seus ideais e

Amélie: Eu entendi e também sinto o mesmo.



François: Sempre quis encontrar alguém como você.

Amélie: Teremos muitas conquistas.

(Se abraçam e saem de cena).

CENA 10

Revolução

Jean: Acordou inspirado hoje, meu amigo. Por que resolveu começar com isso hoje?

François: Alguém me inspirou muito.

Jean: E quem é esse alguém?

François: Simplesmente a moça mais bela e sábia que já tive a honra de conhecer. Ela me encantou com apenas uma noite de conversa.

Jean: Está apaixonado, finalmente!

François: Foi tudo tão rápido, mas acredito que estou.

Jean: Então vamos lutar, vamos ter a vida que merecemos, vamos contra o governo.

François: VAMOS!

NARRADOR: Os revolucionários fizeram uma grande luta inspirada na desobediência civil. Policiais tentaram agredir os revolucionários e eles agiram sem agressão. Ficaram em greve durante um longo período. Eles conseguiram as garantias de seus direitos. Mulheres conseguiram o direito ao sufrágio. Foi uma reivindicação pacífica e surpreendente e com muitas conquistas. Esse momento entrou para a história, mas ele ainda não acabou.

